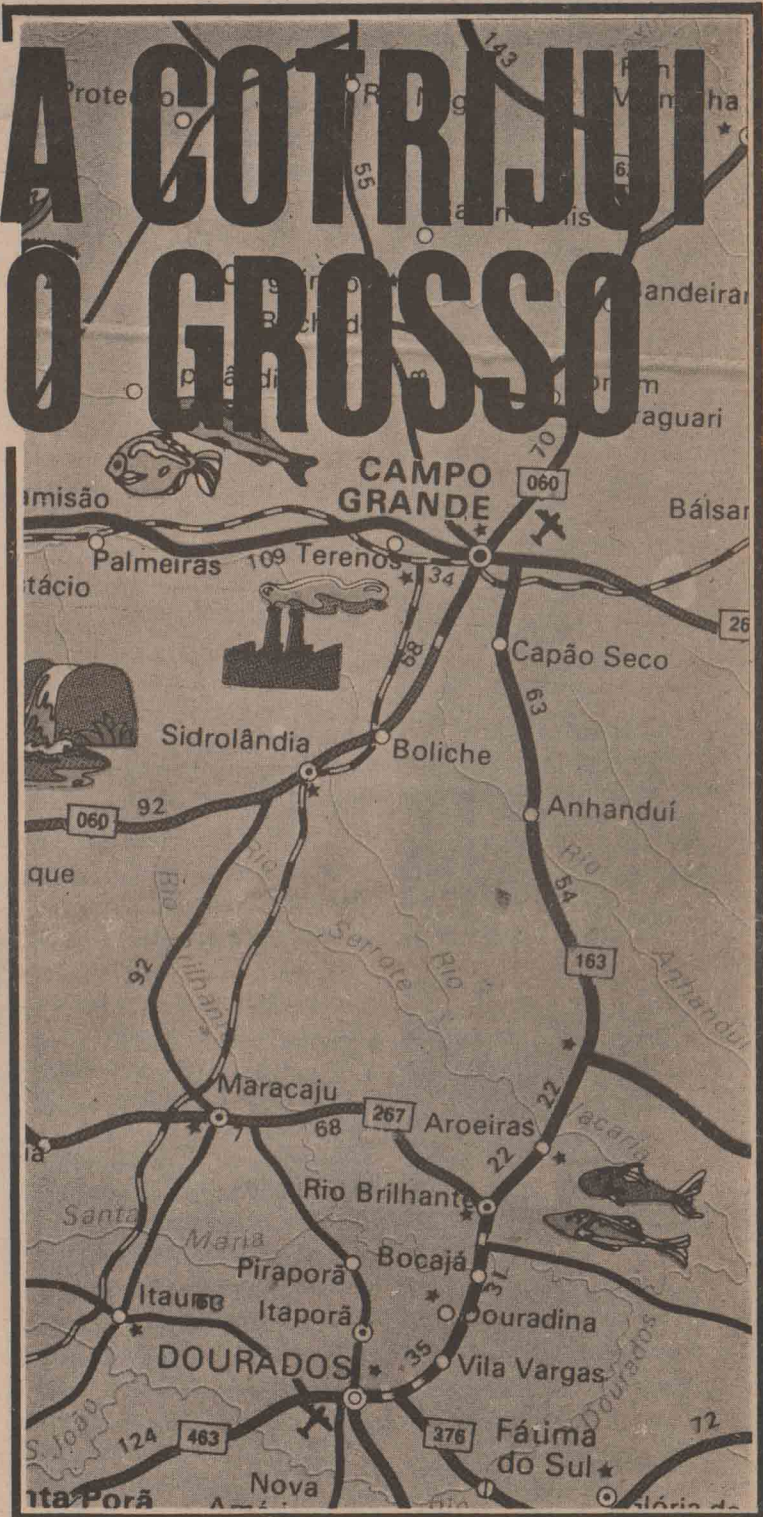




AS FRONTEIRAS DA COTRIJUI ALCANÇAM MATO GROSSO



Maracaju, Rio Brillante e Sidrolândia, são os três novos endereços da COTRIJUI no extremo Oeste do País, através de suas novas unidades no Estado do Mato Grosso. Assembléias conjuntas de associados de ambas as cooperativas, realizadas a 21 de dezembro em Ijuí, oficializou a incorporação da Cooperativa Agropecuária Mista de Maracaju Ltda por parte da Cooperativa Regional Tritícola Serrana

Ltda. Na página 10 desta edição damos um retrospecto histórico do novo Estado do Mato Grosso do Sul e na página 11 falamos das assembléias de incorporação. Nas fotos, vista parcial da mesa diretora dos trabalhos de assembléia, quando falava o coordenador regional do INCRA no Rio Grande do Sul, sr. Cláudio Martins da Silva. Na foto ao lado, um esboço da área onde a COTRIJUI vai operar.



ENCONTRO COM A IMPRENSA

RETROSPECTO DE 77 E PROJEÇÃO PARA 78

A direção da COTRIJUI promoveu, através de sua assessoria de imprensa, a 30 de dezembro, um encontro de confraternização com os jornalistas de Ijuí, com a finalidade de analisar o que foi realizado pela cooperativa no decorrer do ano findo de 1977 e antecipar parte do que poderá

ser feito em 1978. Nas páginas 12 e 13 da presente edição o pronunciamento feito pelo diretor-presidente Ruben Ilgenfritz da Silva e outros diretores presentes ao ato. O encontro, que se realizou na sede dos Funcionários, na Linha 3 Oeste, culminou com churrasco.



Rua das Chácaras, esquina Porto Alegre - Caixa Postal 111
IJUI - RS
TELEFONE: 2066 e PBX

CGC ICM - 065/0007700
Inscr. INCRA Nº 248/73
CGC MF - 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO

Diretoria Executiva
Presidente: Ruben Ilgenfritz da Silva, - Eng. Agr.
Vice-presidente: Arnaldo Oscar Drews.
Superintendente: Clóvis Adriano Farina.

Diretores Contratados:

Alceu Carlos Hickembick, Euclides Casagrande, Léo Miron, Nedy Rodrigues Borges, Nelcy Rospide Nunes, Oswaldo Olmiro Meotti e Werner Ervin Wagner.

Conselheiros (Efetivos)

Alberto Sabo, Alfredo Driemeyer, Hugo Lino Costa Beber, Pedro Bizarrello, Flávio Sperotto e Reinholdo Luiz Kommers.

Conselheiros (Suplentes)

Antonio Primo, Italvino Sperotto, Herbert Hintz, Carlos Krüger, Amaury Marcks e Renaleto Fontana.

Conselho Fiscal (Efetivos)

José Cláudio Koehler, Edelmar Friedrich e Bruno Eisele.

Conselho Fiscal (Suplentes)

Harry Reisdorfer, Arnaldo Hermann e Abu Souto Bicca.

Capacidade em Armazenagem:

IJUI (Sede)	164.000 T.
Santo Augusto	77.000 T.
Chiapetta	60.000 T.
Coronel Bicaco	20.000 T.
Vila Jóia	60.000 T.
Tenente Portela	60.800 T.
Augusto Pestana	30.000 T.
Ajuricaba	30.000 T.
Rio Grande	220.000 T.
Dom Pedrito	15.700 T.



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigido ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior. Nossa tiragem, 15.000 exemplares.

Associado da ABÉRJE



Associado da

AJOCOOP
Associação dos Jornais e Revistas de Cooperativas

EXPEDIENTE

Redação e Administração
Rua Floriano Peixoto, 559

Telefone: 2033

98.700 - IJUI - RS

Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob n. 9. Certificado de marca de propriedade industrial M/C11 n. 022.775 de 13.11.1973 e figurativa M/C11 n. 022.776, de 13.11.1973.

Redator Responsável

- RAUL QUEVEDO -

Registro profissional no MTPS 1176.

Redatores:

Valmir Beck da Rosa e

Acaí Amorim.

Composto no JORNAL DA MANHÃ Ijuí, e impresso em rotativa off-set no DIÁRIO SERRANO - Cruz Alta.

CARTAS

FRANÇA, PORTUGAL, ISRAEL SANTIAGO DO CHILE E IJUI

De Paris, recebemos correspondência assinada por Lourdes Grzybowski (rue de la Fontaine ao Roi, 17), falando de si e do marido, o Cândido Grzybowski, que cursa mestrado em sociologia na Sorbonne. A Lourdes científica-nos que possivelmente em junho o Cândido defenderá tese de doutorado, pois em meados de setembro necessitam estar de volta ao Rio de Janeiro para reassumir na Fundação Getúlio Vargas.

De Portugal, registramos amável correspondência assinada pelo amigo José Esteves, do conselho de administração da RIOCOOPE, localizada em Rio Tinto, nos enviando inclusive bom material sobre o 1º Encontro de Cooperativas de Consumo do Norte de Portugal.

De Jerusalém (Israel) nos escreveu a brasileira Neyda Hurevich, ressaltando a necessidade de receber sempre o COTRIJORNAL. Neyda é nascida em Porto Alegre, tendo viajado para Israel em 1974 com seus familiares. Hoje está casada e o nome de seu primeiro filho é Karmit, conforme teve a amabilidade de nos comunicar.

Do Chile nos veio bonito cartão de "Navidad", endereçado pelo Instituto Chileno de Educação Cooperativista.

De Ijuí, com as assinaturas do diretor-presidente Arnaldo Oscar Drews e do diretor-administrativo, Rui Michel, registramos o recebimento de votos de feliz Natal e próspero Ano Novo, em nome da Cooperativa Central Gaúcha de Telecomunicações Rurais.

FORTE COMO UM LEÃO

Da Secretaria de Turismo e Fomento da Prefeitura de São Paulo recebemos expressivo cartão-postal com motivos ecológicos e a seguinte mensagem: "Ao COTRIJORNAL e seu redator. Que continuem fortes como os leões, os tigres e os elefantes para que o futuro seja melhor. Feliz Natal e Ano Novo".

NOVILHOS PRECOCES

Prezado diretor-presi-

dente: Através do COTRIJORNAL nº 47 tomei conhecimento do trabalho da COTRIJUI na atividade do novilho precoce. Tendo já adquirido alguma experiência nessa área, formulo convite para V.S. conhecer a Fazenda Santa Clara. Atenciosamente, Alberto Emmanuel Whitaker, São Paulo, capital.

PACOTE DE INFORMAÇÕES

Joaquim Arildo Borges (Três Corações, Minas Gerais), Tilmo Rojani da Silva (Cachoeira do Sul), José Zoboli (Medianeira, Paraná), José Luiz Grando e Danilo Zanette (Guaraciaba, Santa Catarina), Edson Seffner (Porto Alegre), Maria Alice Guimarães Borges, Biblioteca da EMBRATER (Brasília, DF), Companhia Industrial Nestlé (São Paulo), Sylvio Wannick Ribeiro, chefe do Centro de Estudos Agrícolas da Fundação Getúlio Vargas (Rio de Janeiro), José Cândido Vieira (Cuiabá, Mato Grosso), Wilmar Schau de Araújo (Brasília, DF), João Alberto Pereira, Petrobrás Distribuidora S.A. (Porto Alegre) e Corpo de Bombeiros da Polícia Militar de Pernambuco (Recife, Pe).

N. da R. Estamos cientistas dos assuntos e agradecemos as referências elogiosas ao COTRIJORNAL e a COTRIJUI.

FELICITAÇÕES DE NATAL E ANO NOVO

Registramos e agradecemos as seguintes felicitações natalinas e pela passagem de Ano Novo: Alberto Sabo e família, de Ijuí; Nelson G. Krampe e família, de Ijuí; Unidade Recedora da COTRIJUI de Vila Jóia; Companhia Riograndense de Adubos; jornal O INTERIOR, de Carazinho; GESA S.A. - Gráfica Editora Santo Antônio, de Campo Real; Organização das Cooperativas do Estado do Rio Grande do Sul - OCERGS; Afonso Dêntice da Silva e senhora, de Pelotas; Auto Mecânica Sabo Ltda, de Ijuí; Coronel Abdias da Costa Ramos, Comandante do Grupo de Artilharia de Campanha, de Ijuí; Joaquim Pei-

xoto Valle, de Porto Alegre; Paulo de Boer e família, de Porto Alegre; Francisco Riopardense de Macedo, de Porto Alegre; Máquinas Varga S.A.; Cooperativa de Economia e Crédito Mútuo dos Empregados de Furnas Ltda; Lola Aleixo, de Pelotas; Sérgio Quevedo e família, de P. Alegre; Setembrino Valenzuela e esposa, de Porto Alegre; Cooperativa Tritícola Panambi Ltda; Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul - FETAG, na pessoa do sr. Orgênio Rott e família; Elisa Vannuccini, Presidente da ABERJE, São Paulo; Paulo Neves Müzzel, da Coop. de Cons. dos Funcionários do Banco do Brasil Ltda, de Porto Alegre; Wilson Perez Gomes, da Auto-Gráfica Importação e Serviços Ltda, de Porto Alegre; V Congresso Interamericano de Secretárias; Transportadora 4 Rodas Ltda, de Ijuí; Associação Riograndense de Imprensa, na pessoa do dr. Alberto André; Massey-Ferguson do Brasil S.A.;

deputado federal Getúlio Dias; Regional Máquinas Agrícolas Ltda, de Ijuí, Livraria Sulina, de P. Alegre; Paulo Afonso Frizzo, presidente da Fidene; deputado Nelson Marchesan; Sindicato dos Empregados no Comércio de Ijuí, na pessoa de seu presidente João Franco de Almeida; Depto. de Custos e Estatísticas da COTRIJUI; Depto. de Recursos Humanos da COTRIJUI; Rejane Baeta; Fecotrigio; Imasa Ind. de Máquinas Agrícolas Fuchs S.A., de Ijuí; Proagro-Pioneer S/A; 3a. CIA da PM, de Ijuí; Roque R. G. Terra e família, de Ijuí; Banco do Brasil S.A., agência de Ijuí; Detroit Diesel Allison do Brasil; Elanco; Sementes Agroceres; Unibanco de Ijuí; dr. Solon Gonçalves da Silva e família; Clayr Lobo Rochefort, diretor do jornal Diário Popular de Pelotas; Família Galvão, Bahia; João Quevedo e família; Lysias de Oliveira, de São Paulo; Associação Nacional de Defensivos Agrícolas; Associação de Orientação às Cooperativas do Nordeste - Assocene; Edwiges Romanczuk, funcionária da COTRIJUI; Saab - Scania, São Paulo e Ewaldo Kirste família, de Ijuí.

Use Adubos Trevo.
Quem lida com fertilizantes há 46 anos, sabe muito bem como dar a você a terra prometida.

Podera, todo esse tempo em que os Adubos Trevo vêm fertilizando terras pelo Brasil afora, sempre se soube que Trevo é marca de fé. Garantia de colheitas fartas. Certeza do pão na mesa.

Afinal, toda a tecnologia desenvolvida em suas fábricas está voltada inteiramente para o aperfeiçoamento de fertilizantes e calcários adequados às terras brasileiras, de maneira a suprir suas deficiências.

Inclusive agora, o complexo industrial da Trevo, no Superporto de Rio Grande, lança no mercado, também, Supertrevo, o NPK Granulado, numa composição única de Nitrogênio, Fósforo e Potássio. Sem contar a constante produção de outras formulações NPK, para os mais diversos tipos de culturas.

Por isso, quando chegar a hora de adubar, acredite nos Adubos Trevo, antes de tudo.

Prá deixar sua terra santa.

ADUBOS TREVO
Indústrias Luchsinger Madrin S.A.
Av. Júlio de Castilhos, 435
Fone 25-5455 - Porto Alegre - RS

FILÓSOFOS ANTIGOS E A PRODUÇÃO AGRÍCOLA

Aristóteles, filósofo grego, viveu entre 384 a 322 a.C., mas tanto quanto o romano Cícero (106-43 a.C.), plasmou sua homenagem eterna à agricultura. Disse o sábio grego que "os homens se reúnem nas cidades por causa da segurança e lá permanecem por causa da vida boa".

Se é verdade que não se pode generalizar como de "vida boa" o morar nas cidades, como o era nos tempos de Aristóteles, pois não há dúvida que hoje há mais miséria e maior número de mazelas nas cidades do que nas regiões coloniais agrícolas, o certo é que a pecha "vida boa" para o cidadão vai permanecer ainda por muito tempo. É que por pior que viva o homem na cidade, ele será sempre um dependente do braço trabalhador agrícola. Basta dizer que o agro construiu as cidades.

Segundo William Vogt, caso as cidades desapareçam, a agricultura reconstruirá outras cidades. Mas se ao contrário, a agricultura perecer, então nada salvará as cidades da sua própria destruição. O fato tem elevada conotação histórica. É que antes — bem antes — da revolução urbana ter lugar, houve uma revolução agrícola. Apenas quando o sistema agrícola foi capaz de produzir excedentes é que foi possível retirar uma parte da mão-de-obra da produção de alimentos e aplicá-la à produção de outros bens. O tamanho da população urbana estava relacionado diretamente à eficiência produtiva dos agricultores, segundo ressalta o sociólogo John Palen.

A agricultura deu suporte às cidades. O início da revolução agrícola, também chamada Neolítica (relativo à idade da pedra polida), está perdido nas trevas da pré-história, mas foi um acontecimento marcante, pois tornou possível o aparecimento de aldeias permanentes, a origem das cidades. Há 15 mil anos atrás (período Mesolítico), quando já se usavam instrumentos feitos de pedra, já havia aldeias na região do Báltico que multiplicavam mudas frutíferas e sementes de cereais.

Mas só 10 mil anos após, ou seja, 3.000 anos antes de Cristo, se conseguiu urbanizar cidades de porte. Tanto é verdade que os grandes marcos urbanos de Ur, Nippur, Uruk, Nínive, Babilônia, Tebas, Heliópolis e Assur, registram apenas 5.000 anos de história urbana. E no entanto, a aldeia agrícola de Jarmo, na região do Curdistão, no Iraque, foi habitada entre 7.000 e 6.500 antes de Cristo.

De nossa parte, sempre que ouvimos alguém referir-se com desdém à agricultura, nos vem a mente o Diálogo de Cícero sobre a velhice, onde canta, no Capítulo sobre a Agricultura, um hino de louvor a essa rainha das atividades, quando afirma:

"Então no seio da terra aberto pelo arado, o solo recebe a semente que lhe joga a mão do lavrador. Esta semente, primeiro recoberta pela grade depois estimulada pela força do humus e doce umidade do solo, entreabre-se e surge à luz do sol como um maravilhoso ponto verde que a seguir, fortificando-se em sua raiz, agranda-se pouco a pouco, até oferecer-nos seus frutos benditos".

IMPLEMENTO AGRÍCOLA E LUCRO MERCANTIL

De acordo com dados do Instituto de Economia Agrícola da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, os preços dos implementos agrícolas pagos pelo agricultor naquele Estado, de janeiro a novembro do ano recém findo, tiveram um aumento de 36% a 106%. Exemplificando: o arado teve um aumento de 106%, a grade de 26 discos aumentou 60%, o arado de três discos, 57%, pulverizador costal de 18 litros, 55%, trator de 44 HP, 52%, trator de 61 HP, 43% e a plantadeira manual aumentou 36%.

Esses preços referem-se aos pagos pelo comprador na cidade de São Paulo. Como a absoluta maioria das compras são feitas de revendedores nos diferentes pontos do território daquele Estado, a esses preços devem ser acrescentados o frete e o maior ou menor "apetite" de lucro do revendedor...

Não dispomos de estatística atualizada que nos revele a evolução dos preços de implementos agrícolas no Rio Grande do Sul. Mas usando o próprio COTRIJORNAL como elemento de pesquisa, lembramos o eng. agr. Nedy Rodrigues Borges, diretor do Departamento Técnico da cooperativa, que assinou série de artigos no segundo semestre de 1975 analisando a fantástica gula pelo lucro no setor.

Alertava o citado técnico naquela oportunidade, que os programas de crédito instituídos pelo governo são fruto do sacrifício de todos os brasileiros. Por essa razão, sua aplicação deveria ser cuidadosamente controlada. E pedia: "dentro os programas de crédito existentes, o de financiamento de equipamentos agrícolas traz diversas falhas que necessitam ser corrigidas. Equipamentos sem garantia de qualidade e sem controle de preços são financiados sem restrições. As variações de preços chegam a ultrapassar 50% do valor em equipamento semelhante".

O técnico também chamava a atenção para o fato que "esse dado mostra como se ganha fácil numa época de sacrifícios, justificando o porquê da existência do elevado número de escritórios de representações que existem na região produtora do Estado", onde seus proprietários enriquecem da noite para o dia às custas do trabalho do agricultor.

Sem dúvida é lamentável que enquanto o produtor arrisca a totalidade do seu patrimônio enfrentando os revezes do clima, das doenças e pragas, da concorrência do mercado internacional e até o confisco imposto a nível de governo, tolhendo-lhe uma remuneração mais justa, fique esse produtor exposto ao apetite pantagruélico da classe que só visa o lucro indiscriminado. Os gráficos são da "Gazeta Mercantil" de São Paulo.



A AÇÃO MORALIZADORA DO COOPERATIVISMO

Ao analisar o comportamento da economia do Estado no decorrer de 1977, conhecido líder comerciante voltou a formular ataques ao sistema cooperativista. Argumentando no conhecido diapasão do que qualifica de "concorrência desleal" — mas como sempre sem explicar em que consistiria a pretensa deslealdade — disse que as cooperativas deveriam preocupar-se mais com a pesquisa e menos com o comércio.

Sem dúvida, a argumentação do líder comerciante é destituída de todo e qualquer fundamento. E não fora a dúvida que pudesse suscitar na mente de uma parcela do povo, notadamente do laborioso povo cooperativista, não mereceria que nos ocupássemos dela.

Saiba este povo (as autoridades já o sabem) que além da assistência técnica de ordem direta em benefício da produção, as cooperativas destinam largas parcelas de seus recursos à pesquisa. Algumas cooperativas vão além, mantendo pesquisa e experimentação próprias nos diversos setores da agricultura e pecuária, desenvolvendo novas variedades de soja, de trigo, de forrageiras, bem como tentando fixar novas espécies às nossas condições de clima.

Quanto a atuação no comércio, que o líder comerciante considera um "desvirtuamento do sistema", aquele senhor deve ignorar que é precisamente no comércio que está a essência do cooperativismo moderno. Quando os pioneiros de Rochdale deram-se às mãos para fundar com suas 28 libras, tão arduamente economizadas, a primeira cooperativa no distante ano de 1843, o foi para livrarem-se da avareza e insaciável sede de lucro, tão tradicional nos londrinos colegas do líder comerciante gaúcho.

O cooperativismo simboliza uma ação de legítima defesa. Ele nada desvirtua, mas sim organiza, disciplina, humaniza. Fonte geradora dos bens, deve ser o elemento catalizador dessa produção e o único habilitado a encaminhá-la pelos caminhos da mercância até o consumidor final. Para o cooperativismo não pode, não deve haver, atividades tabús.

O homem que amanha a terra e que a aduba com o suor de seu rosto; tirando dela os frutos sagrados do agro que vai enriquecer o comerciante na cidade, vai aos poucos conscientizando-se da necessidade de passar a exigir os seus direitos. E no conjunto desses direitos está o poder de ele próprio comercializar, através de sua cooperativa, o fruto da sua produção, o resultado do seu exclusivo trabalho.

Sem dúvida, quando o produtor passar a atuar com maior eficiência na seara do comércio, deixaremos de publicar estatísticas mostrando percentuais de lucros fantásticos como os que focalizamos no editorial à esquerda.

Nos achamos que os possíveis riscos da comercialização devem pertencer a quem gera a produção; da mesma forma que os lucros advindos dessa comercialização devem ser, de direito, dos produtores. Nada mais justo e humano que o sujeito gerador da riqueza locuplete-se com ela. O produtor deve conscientizar-se dessa verdade justa.

A FAO RECLAMA PELOS ALIMENTOS PERDIDOS

Segundo dados estatísticos que vem de ser divulgados pela FAO (Fundo das Nações Unidas para a Agricultura), 85 milhões de toneladas de cereais serão perdidos ou destruídos sem qualquer aproveitamento no ano de 1985, a menos que até lá sejam tomadas providências drásticas. Mas a estatística retrata uma estimativa bastante razoável. Basta considerar que, dependendo do país, essas perdas situam-se entre 10 e 26 por cento da própria produção nacional.

A causa mais preponderante que contribui para essas perdas, é principalmente subordinada aos três itens a seguir: Excesso de umidade no tempo da colheita, resultando em maior susceptibilidade das plantas ao ataque dos insetos e fungos; ineficiência e perdas na moagem e germinação antecipada não desejada. Seguem-se a falta de armazenagem adequada, inclusive com falta de técnica de armazenagem até a má aplicação de pesticidas, que abre as portas aos insetos, aos roedores (ratos) e a umidade.

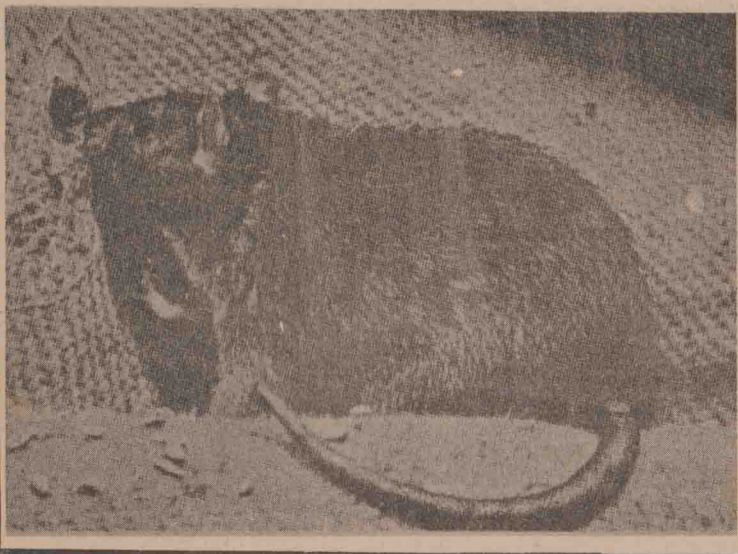
Com relação específica aos ratos, diz a FAO que apenas um desses roedores pode destruir 10 quilos de cereais em apenas um ano. Considerando que existem no mundo para mais de quatro bilhões desses animais, é fácil constatar a quanto soma o montante dos prejuízos que eles causam a humanidade.

O terceiro item contra os cereais aparece sob a forma de um transporte inadequado. Pode-se dizer que todos esses fatores são característicos de economias subdesenvolvidas, pois a FAO considera que onde há subdesenvolvimento econômico deve haver, por extensão natural, o subdesenvolvimento cultural ou profissional.

A FAO está procurando fornecer assistência e assegurar treinamento de mão-de-obra responsável para estoque e tratamento, em uma tentativa para melhorar o controle sanitário das plantas. Assim, em 1976, a Organização participou de 21 projetos, em 19 países, para o melhoramento das facilidades de armazenagem, bem como com dois projetos regionais e seis nacionais para aperfeiçoar as técnicas de tratamento pós-colheita.

Todavia, "tecnologia" apenas não é suficiente e a FAO, está procurando, ao mesmo tempo, mobilizar os recursos financeiros necessários, tanto bilateral quanto multilateralmente. Em abril a Comissão de Agricultura considerou a criação de um fundo de cerca de 29 milhões de dólares com essa finalidade. O diretor geral da FAO declarou que está pronto para desenvolver o projeto, que será custeado pelos países membros.

A guerra contra as perdas de cereais certamente não é uma nova meta da FAO. Mas, desta vez, parece que algo realmente importante está-se materializando.



MÉXICO COM ORÇAMENTO RECORDE PARA 1978

O governo mexicano apresentou ao Congresso seu Orçamento para este ano, o qual prevê gastos recordes no valor de 41 bilhões de dólares, superando em 23% o orçamento de 1977. O programa de despesas inclui um aumento de 14,2% nos investimentos públicos sobre o ano anterior.

O ministro das Finanças explicou que o governo continua retendo as despesas a fim de diminuir a taxa de inflação para fins do ano, deixando-a entre 12 a 15% ao ano.

O aumento de 23%

nos gastos corresponde à atual taxa de inflação, e servirá para aliviar os setores que dependem do financiamento governamental para seu desenvolvimento. O Orçamento para 1977 reduziu ligeiramente os investimentos públicos com relação a 1976.

O ministro das Finanças informou ainda que o governo pretende atingir um aumento de 5% do Produto Nacional Bruto.

Pelo acordo mantido pelo México com o Fundo Monetário Internacional (FMI), assinado em setem-

bro, Ibarra comprometeu-se a não aumentar a dívida externa em mais de três bilhões de dólares em 1978.

O Orçamento inclui pouco menos de 2 bilhões de dólares procedentes de empréstimos externos, o que deixa o país com uma margem de erro de aproximadamente 1 bilhão de dólares no caso de que o governo enfrente necessidades imprevistas de financiamento durante o correr do próximo ano.

O total da dívida externa mexicana atinge quase 30 bilhões de dólares.

DESEMPREGO NA EUROPA OCIDENTAL

O desemprego continuará aumentando na Europa Ocidental até 1990 e a taxa de crescimento econômico será mais lenta até lá, segundo o prognóstico feito pela "Prognos AG", instituto de investigações econômicas da Basileia.

O estudo informa que o número de desempregados na Europa Ocidental chegará, provavelmente, a dez milhões em 1990, enquanto o incremento da produção será reduzido em todos os setores a uma média anual de 3%.

A Espanha e a Noruega são consideradas as únicas possíveis exceções, com um crescimento provável de 5% até 1982 e de 4,5% até 1990. Na Grã-Bretanha, Dinamarca, Suécia e

Suíça o crescimento será muito fraco.

O instituto "Prognos" adverte que a inflação anual será superior a 10% na Irlanda, Itália e Espanha, até o início da próxima década, e que todas as moedas europeias, à exceção do franco suíço e o marco alemão, vão-se enfraquecer ante o dólar.

Segundo o estudo, a lira cairá cerca de 20% em relação ao dólar e a peseta cerca de 40% entre este ano e 1982, enquanto a libra esterlina deverá permanecer estável.

A Dinamarca, Áustria,

Itália e Noruega enfrentarão, provavelmente, déficits crônicos em seus balanços de pagamentos durante todo este período, findo o qual a Alemanha Ocidental continuará liderando, com um índice de 33%, e a França, com 20%, toda a produção industrial da Europa Ocidental.

A participação industrial espanhola aumentará, dos 3% atuais para aproximadamente 6,5%. O instituto estimou também variações nas diferenças do nível de vida entre as diversas nações europeias.

PORTUGAL COM DÉFICIT COMERCIAL

O déficit comercial português de janeiro a outubro chegou a 87,5 bilhões de escudos (cerca de 2,2 bilhões de dólares), comparado ao saldo negativo de 58,6 bilhões (1,5 bilhão de dólares) registrado no mesmo período do ano passado.

Em outubro, a balança comercial do país registrou um saldo negativo de 7,1 bilhões de escudos (177,5 milhões de dólares). As importações (CIF) aumentaram, 9,6%, em termos anuais, e as exportações 26,2%.

LATINO-AMERICANOS VÃO SE LIVRANDO DA TÉCNICA DE IMPORTAÇÃO

A América Latina tem uma oferta de tecnologia bastante desenvolvida, capaz de enfrentar problemas agrícolas, de eletricidade e outros, sem necessidade de recorrer aos países industrializados.

Esta afirmação esteve no centro de um encontro organizado pelo Instituto de Comércio Exterior da Venezuela para os convidados especiais do presidente Carlos Andrés Pérez — os delegados participantes do 23º período de sessões da Comissão Executiva do Pacto Andino.

Segundo a agência Ansa, no encontro deu-se ênfase também ao argumento de que a dependência a que até o momento estão submetidos os países latino-americanos leva à necessidade de novas medidas de apoio ao desenvolvimento do Sistema Econômico Latino-Americano (SELA) e da Associação Latino-Americana de Livre Comércio (ALALC), os quais "podem transformar-se em arma para a consolidação da independência e da integração entre as nações da área.

PELOTAS HOMENAGEOU PATRONO DA IMPRENSA

A Loja Maçônica Hipólito José da Costa do Oriente de Pelotas prestou homenagem à memória de seu patrono, que é também o patrono da imprensa brasileira. A homenagem constou da afixação de placa em marco de granito que existe na praça Hipólito José da Costa, localizada no bairro da Tablada, na zona norte da cidade.

O ato, que foi abrilhantado pela banda marcial da Brigada Militar, contou com o prestígio das autoridades civis e militares, legislativas e judiciárias, tendo a frente o prefeito Irajá Andara Rodrigues; o comandante do 9º R.I., coronel Novaes; comandante do 4º Batalhão de Caçadores da BM, juiz diretor do Foro, presidente da Câmara Municipal, secretários municipais, jornalistas; tendo a frente o diretor do "Diário Popular", Clayr Lobo Rochefort, que também representou a Associação Riograndense de Imprensa e grande público.

A cerimônia que ocorreu a 27 de dezembro, começou com o descerramento da placa pelo venerável mestre dr. Claudiomar Lopes Barcellos, com o auxílio do prefeito Irajá Andara Rodrigues e Clayr Lobo Rochefort. A oração foi feita pelo editor do COTRIJORNAL, Raul Quevedo, que reportou-se à vida do patrono da imprensa brasileira em Pelotas e posteriormente a sua vida de líder intelectual e estadista, culminando com as perseguições políticas de que foi vítima em Portugal e a fundação do CORREIO BRAZILIENSE em Londres.

No dia seguinte o redator do COTRIJORNAL, convidado, voltou a falar sobre a vida e obra de Hipólito da Costa, durante almoço no Rotary Club Pelotas-Centro, em reunião no Curi Palace Hotel.



Prefeito Irajá Rodrigues, Claudiomar Lopes Barcellos e Clayr Lobo Rochefort, ao descerrarem a placa.

PRÊMIO COTRIEXPORT EM TERCEIRA EDIÇÃO



O presidente da COTRIEXPORT, Ruben Ilgenfritz da Silva, ladeado pelo presidente da ARI, Alberto André e diretores da entidade.

Em solenidade levada a efeito a 10 de dezembro na Associação Riograndense de Imprensa, foi tornado público o regulamento do Prêmio de Jornalismo Cotriexport, em sua terceira edição. A inovação havida no regulamento em relação aos dois concursos anteriores amplia a temática das reportagens concorrentes a todo o campo da agropecuária, além de dar liberdade ao vencedor do primeiro prêmio de escolher o país que queira visitar.

Os trabalhos foram dirigidos por Alberto André, presidente da Associação Riograndense de Imprensa, estando presentes ainda o presidente da COTRIEXPORT S.A., empresa patrocinadora, Ruben Ilgenfritz da Silva; o presidente do Conselho Deliberativo da ARI, Antônio Carlos Ribeiro, diversos diretores da entidade e grande número de associados.

É o seguinte, na íntegra, o regulamento do concurso:

Artigo 1º — É instituído o concurso "Prêmio de Jornalismo Cotriexport", sob o patrocínio da Cotriexport S.A., com a colaboração da Associação Riograndense de Imprensa — ARI, destinado a laurear reportagens sobre produção, industrialização e comercialização interna e externa da agropecuária do Rio Grande do Sul.

Artigo 2º — O "Prêmio Jornalismo Cotriexport" é destinado a trabalhos publicados em órgãos de circulação regular da imprensa escrita do Rio Grande do Sul, publicados entre 1º de janeiro e 30 de novembro de 1978.

Parágrafo Único: Poderão concorrer também trabalhos publicados em órgãos de imprensa de circulação regular de outros Estados, no mesmo período, desde que tenham sucursal no Rio Grande do Sul e o autor ou autores exerçam a profissão de jornalista neste Estado.

Artigo 3º — Para se inscrever no presente concurso, o candidato deve preencher os seguintes requisitos: a) ter o registro profissional de jornalista

e estar em atividade regular no órgão de imprensa; b) ser sócio da Associação Riograndense de Imprensa quite com suas obrigações; c) que o trabalho não seja resultante de viagem ao exterior realizada como prêmio deste concurso; d) que o trabalho não tenha sido inscrito ou classificado em outro concurso jornalístico em vigor no Estado do Rio Grande do Sul.

Parágrafo Único: Desde que preencham os requisitos, poderão ser incluídos para concorrer trabalhos não inscritos e que se enquadram nos objetivos do concurso, pelas entidades que integram a comissão julgadora.

Artigo 4º — Serão premiados os três melhores trabalhos, cada um com o Troféu Cotriexport e um diploma alusivo, mais os itens a seguir relacionados: a) para o classificado em 1º lugar: uma viagem ao exterior, em época, país e roteiro a serem combinados com a Cotriexport, que tem a finalidade de aprimorar os conhecimentos de maior interesse do profissional, nos assuntos abrangidos pelo concurso. Será dada uma ajuda de custo US\$ 1.000 (um mil dólares); b) para o classificado em 2º lugar: a importância de Cr\$ 15.000,00 (quinze mil cruzeiros) em dinheiro e visita às instalações da Cooperativa Tritícola Serrana Ltda — COTRIJUI, no município de Ijuí, ou de uma outra localidade no Estado que interesse ao jornalista classificado; c) para o classificado em 3º lugar: a importância de Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros) em dinheiro e visita às instalações da Cooperativa Tritícola Serrana Ltda — COTRIJUI, no município de Ijuí, ou em outra localidade no Estado que interesse mais ao jornalista classificado.

Parágrafo 1º — Tratando-se do primeiro prêmio, havendo mais de um autor do trabalho classificado e destinando-se a viagem a apenas um profissional, cabe aos interessados a decisão da escolha de quem será

indicado à Cotriexport.

Parágrafo 2º — Em qualquer caso de prêmio de viagem, se não houver interesse por parte do escolhido em realizá-la, a empresa patrocinadora não converterá o prêmio para o valor correspondente em dinheiro.

Artigo 5º — As inscrições serão feitas na secretaria da ARI até o dia 31 de dezembro de 1978, devendo os interessados encaminhar três cópias dos trabalhos publicados, mais a comprovação dos requisitos exigidos para a inscrição. Para os autores dos trabalhos de que trata o parágrafo único do artigo 3º, será solicitado o envio da documentação.

Artigo 6º — A Comissão Julgadora se reunirá e divulgará os resultados no mês de janeiro de 1979, sendo constituída de um representante de cada uma das seguintes entidades, sob a presidência da primeira: Associação Riograndense de Imprensa; Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Porto Alegre; Associação dos Jornais do Interior (RS); Secretaria da Agricultura (RS); Secretaria da Indústria e Comércio (RS); Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul; Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul; Federação das Associações Comerciais do Rio Grande do Sul; e Cotriexport S/A.

Parágrafo 1º — A Comissão poderá não distribuir qualquer um dos prêmios ou todos eles, desde que os trabalhos inscritos ou incluídos, depois de exame criterioso, não tenham conseguido atender aos objetivos do concurso.

Parágrafo 2º — As decisões da Comissão Julgadora serão irrecorríveis, cabendo-lhe também dirimir quaisquer dúvidas que possam surgir.

Artigo 7º — Os vencedores receberão seus respectivos prêmios em ato a ser programado pela entidade patrocinadora, de comum acordo com a Associação Riograndense de Imprensa.

MORRE PRUDENTE DE MORAES NETO

A morte levou Prudente de Moraes Neto, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, exatamente quando desempenhava uma das melhores administrações na tradicional entidade nacional dos jornalistas.

Prudente de Moraes Neto, mais conhecido nos meios intelectuais por Pedro Dantas, seu pseudônimo literário, nascido no Rio de Janeiro a 19 de maio de 1904, era neto de Prudente de Moraes, o pri-

meiro presidente civil do Brasil no período republicano. Deixa viúva, duas filhas e dois netos.

Fundou em 1924, portanto com 20 anos de idade, a revista "Estética", juntamente com Sérgio Buarque de Holanda. Também colaborou em diversas publicações de vanguarda: "Terra Roxa", "Antropofagia", "Revista Nova", "Revista do Brasil" e "A Ordem". Foi contista e poeta, ensaísta e crítico dos melhores deste país.

Temos esse direito?

CLINICAMENTE MORTO CLINICAMENTE VIVO

Raul QUEVEDO

Acometida de derrame cerebral a 23 de novembro, Rosemarie Maniscalco, jovem norte-americana grávida de quatro meses, foi recolhida ao Hospital Victory Memorial, em Brooklin, Nova Iorque.

Submetida a exame clínico, foi constatada a morte do cérebro da paciente, apesar de seu coração continuar trabalhando.

Constatada a gravidez da paciente, os médicos do "Victory Memorial" deliberaram fazer tudo o que estivesse (ou não) ao alcance da medicina para mantê-la "cl clinicamente viva", até o estágio de poder retirar a criança do útero e mantê-la (também artificialmente) viva em incubadeira.

Mas, mesmo submetida a pulmão artificial a paciente não resistiu, falecendo dias depois.

O caso Rose Maniscalco não chegou a ser muito comentado no Brasil. Parece-nos que até mesmo nos Estados Unidos, país onde ocorreu o fato, não chegou a merecer mais do que o natural noticiário da imprensa cotidiana.

No entanto, a tragédia que atingiu a família Maniscalco deveria ser paciente de uma análise ampla, inclusive com a manifestação de opiniões de autoridades médicas, sociólogos e pensadores em geral, a nível do moral ou amoral, possível ou impossível, para que se tentasse descobrir até onde vai realmente ou podem ir no futuro as decisões dos médicos sobre seus pacientes, impossibilitados de defenderem-se, concordando ou discordando das decisões unilaterais da medicina.

Tempos atrás outra moça, também norte-americana, apaixonou a opinião pública mundial pelo fato de ser conservada "cl clinicamente viva", apesar do apelo desesperado de seus pais para que lhe abreviassem o sofrimento, permitindo seu desenlace.

Neste segundo caso parece que a questão poderia ser analisada sob o ponto-de-vista da eutanásia, uma questão bastante controversa. E o caso Maniscalco, sob que ângulo moral é enquadrado?

A paciente carregava em seu corpo um ser em gestação. É possível manter artificialmente vivo um corpo cujo cérebro já morreu? Caso afirmativo, pergunta-se se o cérebro morto da mãe não afeta também o cérebro do filho, em seu ventre? no caso da pergunta suscitar qualquer dúvida, será o caso de se perguntar se vale a pena prolongar o sofrimento da paciente grávida, apesar da hipótese de que venha ao mundo uma criança mentalmente afetada.

Quer nos parecer que por qualquer ângulo que o fato venha a ser analisado, deixa uma série de questões no ar. Daí nossa surpresa pelo mesmo não haver sido questionado a nível científico nem mesmo a nível moral.

Pode o médico adonar-se do paciente sob sua custódia clínica e prolongar-lhe a vida (ou subvida) no intuito de preservar valores meramente hipotéticos?

Aí está um tema que se for debatido em sentido amplo, por certo gerará polêmicas, mas que em termos de fator humano viria a interessar bastante.

LUIS FERNANDO VERISSIMO PELO CREDIÁRIO

O sistema econômico vigente no país não é nem o capitalismo nem o socialismo, é o crediário. Os brasileiros se dividem em credores, poucos, e nós os devedores. O crediário é nossa religião. Qualquer crediário. Basta dizer Sem Entrada que a gente entra. Adoramos o deus Aprazo e a Ele entregamos nossa alma em suaves prestações. Marcamos a passagem do tempo não pelas fases da Lua ou as revoluções da Terra mas pelas datas de vencimento. Como qualquer religião, o crediário impõe um rígido código moral, a Pontualidade, e penitência para os que pecam contra ele, os juros de mora. Promete o Paraíso — ficha limpa e crédito na hora — aos que trilham o caminho do Bom Pagador e o inferno aos que atrasam e aos que renegam. Não é por nada que os cobradores se vestem de vermelho como enviados do Demônio. E é surpreendente que os departamentos de crédito das grandes lojas ainda não tenham um quichê marcado "Confissões".

— Dai-me a vossa bênção porque pequei.

— O Gerente de Vendas o abençoe, crediário.

Atrasei junho e julho e tive pensamentos impuros sobre a loja quando paguei agosto. Estamos no fim de outubro e ainda não paguei setembro. Eu não sou digno, eu não sou digno.

— Vá de joelhos até a Caixa e pague setembro com juros, outubro normalmente e novembro como contrição.

O Bom Pagador não só tem crédito fácil e — supõe-se — um lugar no céu como recebe mensagens de incentivo e congratulações dos seus credores. A correspondência personalizada de credores para devedores é, aliás, uma das inovações da moderna técnica de venda. Hoje é tudo mais simpático e humano. "Parabéns!" exclama o seu credor, entusiasmado. "Você não atrasou nem um pagamento. Precisamos nos conhecer melhor. Apareça para a gente bater um papo". Nem o fato de tudo na carta ser impresso por um computador, até a assinatura do seu novo amigo, desmancha a boa sensação que ela lhe traz. Você é amado. O futuro lhe sorri e lhe dá tapinhas nas costas. Você é esse paradigma do mundo do crédito, um pontual. E não fica aí a benevolência do credor

satisfeito. Sua próxima carta para você virá acompanhada de um cartão de Cliente Preferencial. "Apresente este cartão a qualquer um dos vendedores na sua próxima visita à nossa loja e ganhe um sorriso absolutamente grátis!"

Ao completar mais uma compra a prazo sem atrasar uma prestação você recebe outro cartão, desta vez plastificado, de "Cliente de Ouro". Fica subentendido que, se continuar assim, não sei não. Você ainda acaba sócio da firma.

Mas aí de quem atrasar um pagamento. Por alguns dias apenas, não tem problema. Estamos ainda dentro do período de Cobrança Amigável, uma espécie de acordo tácito de que, quando você for pagar, será bem tratado e os seus direitos respeitados de acordo com a Convenção de Genebra. O computador esquecerá sua pequena falha e todos continuarão amigos. Neste período, a correspondência continuará no mesmo tom informal de antes com apenas uma ponta de apreensão.

"Alô Amigo! Notamos que você ainda não saldou seu compromisso de novembro. Sabemos como são estas coisas. Esta vida agitada... Não esqueça que nosso Departamento de Crédito está aberto das..."

Uma semana depois, outra carta.

"Prezado Esquecido. O que é isso? Ainda não recebemos o pagamento da prestação de novembro. Para um Cliente Preferencial isso está nos parecendo muito estranho. Ponha a cabeça no lugar, companheiro". Para evitar mal-entendidos, a carta vem com um prudente P.S. "Se você saldou sua dívida antes de receber este bilhete, desconsidere-o".

Passa uma semana. O tom torna-se mais seco.

"Prezado Crediário. Seu compromisso de novembro ainda não foi saldado. O prazo para Cobrança amigável está por esgotar-se. Queira providenciar, para não comprometer sua ficha perfeita de Bom Pagador e Cliente Preferencial".

Outra semana. A próxima carta conterà um preâmbulo sombrio:

"Quem avisa amigo é..." E descreverá tudo que lhe pode acontecer se for revelado que você não paga suas contas. O crédito lhe será negado em toda parte e, sem crédito, você

será reduzido a nada. Será um reprobado, um pária da sociedade de consumo. É melhor pagar. E outra coisa: "Devolva o seu cartão de Cliente Preferencial". Três dias depois, outra carta.

"Nosso Departamento Jurídico já foi alertado. Solicitamos no entanto — em consideração ao seu passado de impecável pontualidade — que ele suste qualquer ação por dois dias. Você tem 48 horas para saldar sua dívida de novembro. Caso contrário o problema passará para a esfera judicial. E não espere mais nenhuma compreensão. Dura Lex, etc.

Há uma nova tentativa de acertar as coisas como gente civilizada, no entanto. Uma carta do tipo "Olha aqui..."

"Olha aqui. A cobrança judicial não interessa a nós nem a você. Pague o que você nos deve e ficaremos conversados. Só não passe mais perto da loja senão você apanha".

Depois, a coisa engrossa.

"Seu sujeito! Lhe demos todas as chances e você as ignorou. Pois agora vai ter. Nosso Departamento Jurídico está afiando os dentes e deve entrar em ação ao raiar do dia. Não tente fugir, você está perdido.

No dia seguinte, estranhamente, chega um envelope colorido dirigido a você, com as palavras "Cliente Preferencial", e dentro um jovial "Feliz Natal!" Esqueceram de avisar o computador para tirar você da lista de efemérides. Mas no dia seguinte recomeçam as hostilidades.

"O que mais dói não é o dinheiro. Não precisamos do seu dinheiro. Não vamos quebrar por uma mísera prestação a menos. O que dói é a confiança traída..."

Você finalmente paga. As cartas não lhe incomodavam, mas os telefonemas no meio da noite, chamando você de "Cachorro" eram demais.

Dias depois, chega uma carta.

"Alô amigo! Notamos que seus compromissos atrasados foram saldados. Sabíamos que você compreenderia. Que bom ter você de volta como cliente! Esperamos que você esteja contente conosco também. Junto com esta segue um cartão de Cliente Preferencial! Recuperado, que lhe dará direito a..."

O HÁBITO (TRISTE) DO MESTRE FUMAR EM AULA

Parece mentira, mas acontece. É um crime, que continua impune. Por essa razão e pelo fato de estarmos de pleno acordo, tomamos a liberdade de transcrever do jornal "Ponche Verde", que publica na cidade de Dom Pedrito, edição de 5-11, o editorial intitulado "O cigarro nas aulas", cujo texto é o seguinte:

"Em contato com o setor magisterial de nossa cidade ficamos sabendo que existe — de parte da área responsável pela fiscalização — a intenção de fazer com que seja respeitada integralmente uma determinação proibitiva que emana dos escalões superiores e que, pela sua real importância, merece o nosso aplauso e a nossa consideração.

Trata-se de fazer com que o nosso professor perca o hábito de fumar em aula perante seus alunos. Entendemos que esta medida muito representa de positivo, sobretudo como efetiva contribuição no que concerne ao combate ao vício, que tantos e tantos males vem causando à humanidade.

Respeitado esse item estaríamos pondo em prática uma medida de real significado, pois que, englobaria preceitos regressivos disciplinares tão salutares em nossas escolas, além do que, constituiria uma espécie de freiamento a esse costume (incrivelmente praticado), suscetível de gerar inconvenientes não apenas desagradáveis no seu aspecto, como também, e principalmente, porque é atentatório à própria saúde.

Vamos, pois, dar o nosso apoio para que se faça cumprir tal determinação."

O FUMO E AS ENXAQUECAS

A maioria conhece ou já ouviu falar na entidade clínica vulgarmente designada por enxaqueca. O mal é universal, porém com maior incidência nos centros urbanos mais movimentados.

Já é bem conhecida a ação nociva do fumo sobre as artérias. Assim, a supressão do fumo se constitui na primeira recomendação feita àqueles que apresentam comprometimento circulatório. As lesões ateromatosas são igualmente agravadas pelo fumo, demonstrando as estatísticas que a incidência de lesão das artérias coronárias é bem mais acentuada entre os fumantes inveterados.

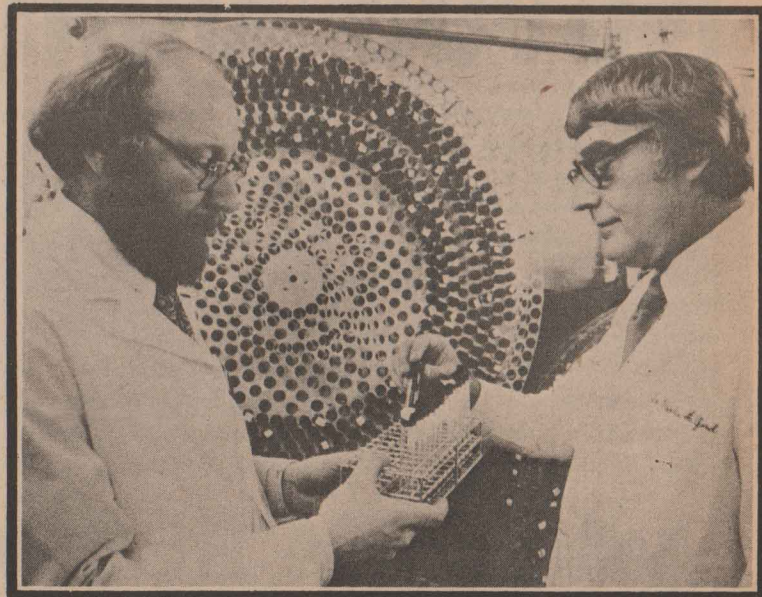
Recentemente uma equipe médica norte-americana estudou as lesões pós-mortem das artérias coronárias e as arteriolas dos fumantes inveterados, tendo chegado à conclusão de que elas eram bem mais intensas do que as verificadas entre os que fumam moderadamente, ou principalmente entre aqueles que nunca fumaram.

Os resultados observados evidenciaram que tais lesões ateromatosas eram particularmente intensas naqueles que fumavam dois ou mais maços de cigarros por dia. Outro dado interessante revelado pela pesquisa indicou um espessamento fibroso do revestimento interno da parede arterial, sendo que o espessamento era tanto mais pronunciado quanto maior o número de cigarros consumidos pelo paciente.

A conclusão da equipe médica foi de que são as artérias coronárias as mais susceptíveis à ação tóxica do fumo. Assim, em 90 por cento daqueles que fumavam mais de dois maços de cigarros por dia, foi nessas artérias que se constatou a presença de um maior espessamento hialino da íntima, ao passo que entre os fumantes moderados e nos que não fumavam, a incidência do espessamento foi pequena ou esteve em total ausência de mal. Fazendo experiências diretas em cães, os autores da referida pesquisa puderam comprovar a relação direta entre as lesões vasculares e o fumo.

ENCEFALITE SOB CONTROLE

O vírus do herpes, causador do mal da encefalite, que mata cerca de 70 por cento das pessoas atacadas pela moléstia e deixam na maior parte dos sobreviventes sérias lesões neurológicas, encontra-se próximo a ser controlado. Os drs. Richard Whitley e Charles Alford, da Universidade de Alabama, em Birmingham, lideraram um esforço do qual participaram outras 22 universidades e que pela primeira vez obteve êxito no combate a uma moléstia virótica com uma droga. A droga foi denominada "adenine arabinoside", ou ara-A. Segundo afirmam os médicos Whitley e Alford, ao contrário das bactérias, os vírus se multiplicam nas células do organismo e devem ser destruídos sem prejudicar as células.



A CARBOXIHEMOGLOBINA E A MORTE PELO FUMO

Está provado. Quem fuma tem maior porcentagem de carboxihemoglobina no sangue do que os não fumantes. Essa constatação foi feita em trabalho desenvolvido em São Paulo pela dra. Nilda Fernícola, da Divisão de Toxicologia da Cetesb e apresentado no 1º Congresso Brasileiro de Toxicologia e 4º Congresso Latino-Americano de Toxicologia, realizados em Guarujá, São Paulo.

E o que é carboxihemo-

globina? Ela forma-se da seguinte maneira: o monóxido de carbono é um gás que quando absorvido pelo pulmão, distribui-se para o sangue, onde reage principalmente com as hemoproteínas. Destas, a hemoglobina é a que tem maior afinidade com o monóxido de carbono. A união dos dois elementos forma a carboxihemo-

globina, que resulta na redução da capacidade de transporte de oxigênio no sangue e, em consequência, do sangue para os tecidos do corpo, resultando em alterações no sistema nervoso central: coração, aparelho respiratório e no próprio sangue. Pense: em última análise, nada mais é do que a morte pelo fumo.

Telé Santana: ATLETA NÃO FUMA

Atleta que se preza, atleta vencedor, não fuma. Esse raciocínio é manifestado pelo técnico Telé Santana, do Grêmio Futebol Porto-Alegrense, que vem orientando seus jogadores para o perigo e a nocividade do cigarro no organismo humano, principalmente num atleta.

A partir deste ano de 1978, Telé Santana prometeu iniciar campanha de esclarecimento sobre o mal do cigarro, durante todas as entrevistas que der para rádios, televisão e jornal. Como resultado da motivação do técnico, vários atletas do Grêmio estão deixando de fumar, principalmente na categoria infanto-juvenis. Esta página manifesta os parabéns ao concencioso técnico, e reafirma o ponto-de-vista: ESTAMOS GANHANDO A GUERRA.

DUAL[®] MIX

O fim das ervas daninhas na Soja!

Informe-se nos órgãos de extensão rural, com o agrônomo da sua cooperativa ou no seu revendedor agrícola.

Cipas para 1978:

NOVOS DIRIGENTES

Em ato realizado no auditório da cooperativa, a COTRIJUI empossou no último dia 16 as diretorias das CIPAS - Comissões Internas de Prevenção de Acidentes, compreendendo Ijuí, Ajuricaba, Augusto Pestana e Vila Jóia.

Na presidência da CIPA de Ijuí permanece, por re-eleição, Valdir Domingos Zardin, gerente da Indústria de Óleo

Mucama. Luiz Mariotti assumiu a CIPA em Augusto Pestana; Cláudio José Perussato assumiu a de Ajuricaba e Carlos Antônio Fontana a de Vila Jóia, todos com a supervisão geral de Lair Antônio Carré.

Os trabalhos de instalação e posse dos eleitos foram coordenados por Valdir Domingos Zardin, que apresentou através de gráficos a evolução

dos trabalhos das CIPAS e consequente redução dos acidentes no trabalho, de forma gradual a partir de 1975. O mecânico Arno Ketzer, que há 37 anos de serviço na profissão não sofreu nenhum acidente, teve homenagem constante de uma carta assinada pelo diretor de recursos humanos, sr. Nelcy Nunes, e os aplausos do plenário.

O vice-presidente Arnal-

do Oscar Drews, ao falar no encerramento dos trabalhos, disse que "a COTRIJUI é grande não somente pelo espírito cooperativista de seus milhares de associados, mas também e em grande parte pelo desempenho de seus funcionários, que são as peças da máquina que movimentam o desenvolvimento da organização. Após a posse, a COTRIJUI ofereceu um coquetel aos presentes no próprio restaurante da cooperativa.



Valdir Domingos Zardin, reeleito para a gestão 1978, quando fazia o relatório da gestão anterior, ladeado pelo representante do Ministério do Trabalho, sr. Icaro Silveira Gomes e srs. Arnaldo Oscar Drews e Nelcy R. Nunes, respectivamente, vice-presidente e diretor de Recursos Humanos.

A CIPA E A REDUÇÃO NOS ACIDENTES DO TRABALHO

Quando se criou a CIPA (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes) em 1975, não se fazia idéia que seus resultados alcançassem índices tão elevados na soma dos resultados. Agora, com três anos de ação, a CIPA Regional, que compreende as unidades da cooperativa em Ijuí, Augusto Pestana, Vila Jóia e Ajuricaba, os resultados chegam a ser impressionantes. E para que se constate a realidade nada melhor do que os números, que

traduzem muito mais do que qualquer palavra.

Em 1974 a CIPA ainda não operava na COTRIJUI. Bem, para uma média mensal de 336 empregados houve 189 acidentes de trabalho, perdendo-se 2.225 dias. No ano seguinte, 1975, já com a CIPA atuando tivemos um aumento de funcionários para 527, e apesar do número de funcionários ter aumentado em 30%, os acidentes reduziram-se para 107, com apenas 1.476 dias de

trabalho perdidos. No ano de 1976 o número de empregados aumentou para 873, apresentando um aumento de mais de 150% em relação a 1974, e mesmo assim os acidentes no trabalho reduziram-se a 66 e finalmente, no recém findo ano de 1977, com um quadro funcional de 1.117, nas referidas unidades da COTRIJUI ocorreram apenas 32 acidentes no trabalho, conforme a tabela que publicamos a seguir.

ANO	NÚMERO DE ACIDENTES	MÉDIA MENSAL DE ACIDENTES	DIAS PERDIDOS NO ANO	MÉDIA MENSAL DE FUNCIONÁR.	SEM C.I.P.A. NO RITMO DE 1974 TERÍAMOS	COM C.I.P.A. ACIDENTES EVITADOS
1974 SÓ IJUÍ	189	16	2.225	336	189	0
1975 CIPA REGIONAL	107	9	1.476	527	296	189
1976 CIPA REGIONAL	66	6	1.203	873	491	425
1977 CIPA REGIONAL	32	3	772	1.117	628	596

OBS: C.I.P.A. REGIONAL COMPREENDE AS UNIDADES DE IJUÍ - sede, AUGUSTO PESTANA, VILA JÓIA E AJURICABA

ACREDITE, O CINTO SALVA A SUA VIDA

Se você ainda não acredita no cinto de segurança, veja os resultados de uma pesquisa realizada pela fábrica Volvo e relatada pelo jornalista Demócrito de Moura, em seu livro "Isto é um Assalto".

A fábrica analisou 28 mil acidentes para determinar as taxas de mortes e ferimentos quando os cintos eram ou não usados.

Nos casos de morte, os motoristas que usavam cintos sofreram 83% menos acidentes fatais.

Em caso de ferimentos, houve 40% menos do que sem o cinto. Os passageiros do banco dianteiro apresentaram 72% menos de mortes, além de 68% menos de ferimentos graves. Entre passageiros e motoristas de bancos dian-

teiros, nenhuma morte ocorreu em velocidade inferior a 100 Km/h, enquanto os que não usavam morriam a velocidades como 20 Km/h.

Apesar de tudo, pouco ou nada estamos fazendo para que as gerações futuras possam ter condições de segurança mais favoráveis que as que temos hoje.

VACINE O SEU CÃO

O cão é um grande amigo do homem, mas precisa ser vacinado. Cão sem estar vacinado pode se transformar no algoz do homem e familiares. No Brasil são muito altos os índices de pessoas atacadas pela raiva (hidrofobia), que é sempre mortal se não for atacada a tempo. A maneira de evitar o mal é vacinando nossos cães. Em segundo lugar, vacinando a pessoa atacada por cão raivoso. Mas este é um tratamento mais demorado e um tanto doloroso. Se todos os donos de cães colaborarem vacinando seus animais, como é feito em países como Austrália, Nova Zelândia, Japão e Alemanha, então a raiva seria

erradicada. Vacine, pois, seu cão.



Depois que depusitei os lucros da minha lavoura na Caderneta Apesul de Poupança, deu até prá comprar um trator novo.

Olha só ele aí.

Dinheiro depositado na Apesul é lucro certo. Seu Faustino que o diga: com os lucros já deu prá comprar um trator novo. A cada ano que passa, a lavoura dá mais lucro e seu Faustino não deixa por menos: vai até a Apesul fazer o seu depósito. Deposite na Apesul. Lá seu dinheiro está garantido pelo Governo Federal e rende muito mais, porque de três em três meses leva dividendos, correção monetária e a gente pode retirar quando e quanto quiser.

Caderneta APESUL de Poupança
Rua do Comércio, 219 - Ijuí



Faça como o seu Faustino: deposite os lucros da sua lavoura na Caderneta Apesul de Poupança. É renda certa.

ALIMENTOS PARA O MUNDO

Pedro KOLLAS
2º Secretário da A.A.I.

Estão circulando em nosso país moedinhas de níquel, no valor de cinco, dois e um centavos. De um lado temos aquela cabeça de mulher, representando a República e no verso as efigies de um zebú, café e trigo.

Em letras miúdinhas pode-se ler: "Alimentos para o mundo", e o valor de cada moeda. É provável que poucos brasileiros meditem sobre isso, ou o porque do governo ter usado esse meio para induzir o nosso povo a produzir mais alimentos. Toda a pessoa razoavelmente instruída e regularmente informada está avisada que a fome mundial, a falta de proteínas vem aí, talvez mais cedo do que se espera. A imprensa, o rádio e a TV informam todos os dias o que se passa na Índia, no Paquistão e outros países onde os alimentos lá produzidos são insuficientes para saciar a fome das populações famintas. Vendidos ou dados de presentes, os países ricos, entre os quais o Brasil, estão mandando para lá seus excedentes, soja, trigo, carne, café, arroz e outros produtos. Até então os Estados Unidos, a Rússia, a Argentina e também outros países, figuravam como países exportadores desses alimentos. Cedo ou tarde esse gigante país, o Brasil, de área continental, com os maiores e melhores fontes de flora melífera, com os melhores climas para proliferação de abelhas que fabricam mel, terá que despertar um dia para mais essa fonte de produção de alimentos.

Enquanto Argentina produz e exporta anualmente 50.000 toneladas de mel, os Estados Unidos e a Rússia na base das 150.000 t. a China já ultrapassou nesses últimos três anos, as duzentas mil toneladas. Como se vê, embora o mel sendo "café pequeno" ou uma gota de água num oceano, em relação a outros produtos exportados, não deixa de ser um alimento energético de alto valor para a crise mundial de fome.

A produção de mel brasileira, segundo dados estatísticos oficiais, seria ao redor de 10.000 t. Na realidade, pelo menos nos Estados sulinos, onde o consumo é maior, acredita-se, seja o dobro, pelo menos no Rio Grande do Sul. Nesse pormenor, é necessário chamar a atenção à Secretaria da Agricultura em propiciar os meios para que os agricultores minifundiários tenham uma assistência semelhante a dos grandes lavoureiros.

Cada pequeno agricultor, médio com área de 4 a 40 ha. de terras aráveis ou não, poderá, sem prejuízo de outras atividades, cuidar de 40 caixas de abelhas. A produção de cada colméia de abelhas é de dar 40 a 50 quilos de mel anuais em média.

Em qualquer ponto do território nacional, um conjunto de 40 colméias (o que ele pode cuidar), portanto, 2.000 quilos de mel. Multiplicando-se isso pelo número de agricultores apícolas, obteremos cifras espantosas de alimentos de mel, não aproveitados e desperdiçados por nós. Em si a criação de abelhas não é "Bicho de sete cabeças". É uma atividade rural como as demais. Entretanto, em se tratando de um animal mais armado do que outros, requer certas técnicas de manejo específicas.

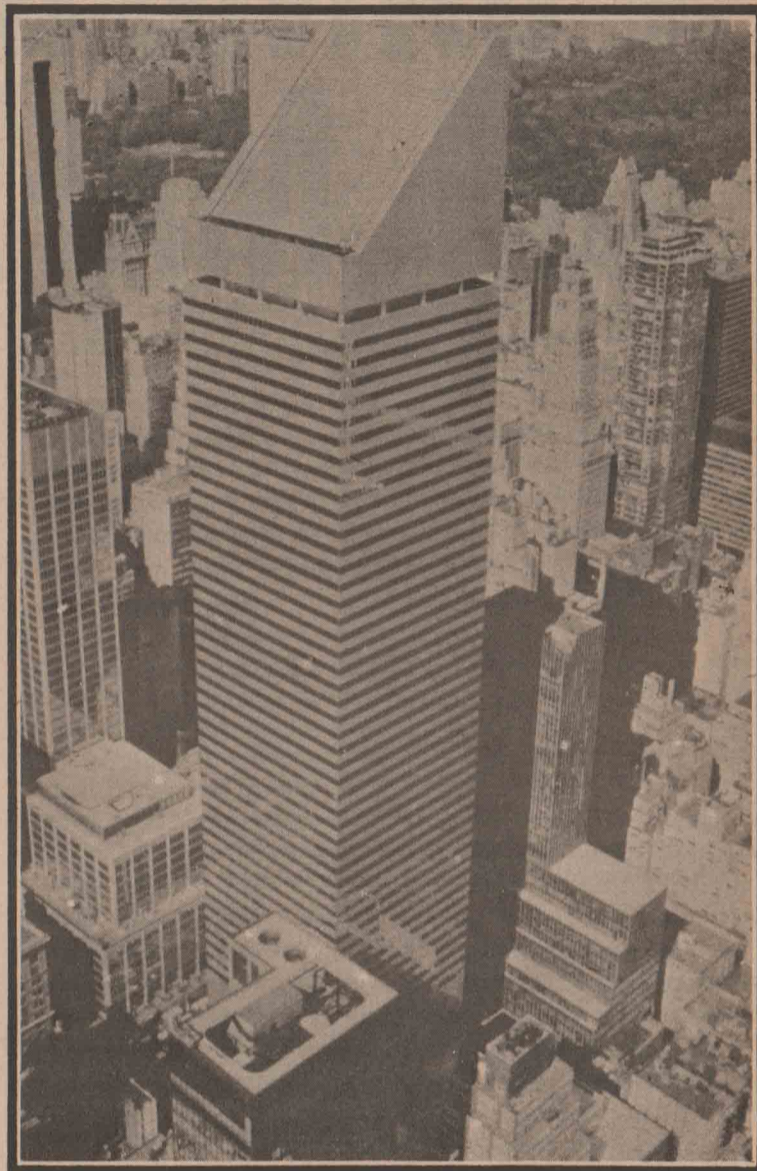
O brasileiro, por falta de uma melhor orientação, tem medo do ferrão. Aqui no sul, onde houve maior fluxo de imigrantes europeus, ninguém deixou ou deixa de criar abelhas pelo simples fato delas picarem. Os entendidos e observadores que no Rio Grande do Sul residem com "uma casa com úmbu na frente é gaúcho nato, se tem jardim é de origem alemã, um parreiral nos fundos do quintal, são de origem italiana, um pomar com colméias de abelhas, origem européia. "O nosso homem brasileiro é inteligente, e esperto, podendo competir com os outros de nacionalidades diversas, desde que seja preparado psicologicamente para essa atividade apícola, facilmente aprenderá técnicas de manejo, e, uma vez superada a fase do medo das picadas das abelhas, será um grande apicultor.

É lamentável e negativo a temos ao sabor que a nossa apicultura ainda dorme placidamente no da primeira infância, para que o esperado incremento tecnológico, para que a desperte e faça dela um "gigante na indústria da lavoura e fruticultura". Ainda aí estamos frente a uma gigante terra promissora, que é o nosso BRASIL, o mundo está voltando seus olhos para ele, visto seu virginoso progresso em todas as direções. Depositamos a nossa confiança em nossos cientistas, para dar uma regulamentação contra o "elixir da morte", impor Leis contra o uso indiscriminado dos inseticidas e pesticidas que são o maior inimigo da apicultura, como também de toda a espécie da fauna silvestre brasileira.

A A.A.I. almeja a distinta diretoria da COTRIJUI, seus associados e colaboradores em geral, um feliz e virtuoso ano novo de 1978.

O HOMEM CADA VEZ MAIS AFASTADO DA NATUREZA

É comum ouvir-se dizer que a juventude de hoje tem instintos predatórios; que não presa os elementos naturais e procura destruir o pouco que nos restam ainda de árvores e animais. Realmente, essa parece ser uma triste realidade. Mas como condenar a juventude pelo fato de não ter muita predileção pelos elementos da natureza, se os jovens nascem e criam-se afastados dela. Vivendo enjaulados em arapucas de concreto-armado a centenas de metros de altura sobre o asfalto citadino; sem nunca ter gozado as delícias da sombra amiga de uma árvore e sem ter ouvido o canto melodioso de um pássaro, como pode a juventude amar esses elementos da natureza? A triste verdade é que enquanto os magnatas da construção empilham os seres humanos no espaço construindo suas torres-moradia, o jovem, o homem de amanhã, é cada vez mais afastado do meio natural. E o futuro do homem depende de sua volta à natureza (foto USIS).



PRÁTICA ECOLÓGICA NO CURRÍCULO ESCOLAR

O vereador Otávio Floss, da bancada da Arena do município de Ibirubá, apresentou a seus pares naquele Legislativo indicação no sentido de que seja transformado em Lei a inclusão da conservação da natureza no currículo escolar elementar.

O vereador considerou em sua proposição que o desequilíbrio ecológico vigente tem como causa principal a ignorância do próprio homem,

que não tem consciência nítida de que servindo como causa da destruição, ao destruir a natureza ele destrói parte de si mesmo.

A patriótica proposição do vereador Otávio Floss, que pede ao seu Legislativo que officie correspondência nesse sentido à Presidência da República e Secretaria do Meio Ambiente, é datada de 16 de novembro. É importante que outros legislativos prestigiem a proposição.

LAVOURAS DE ARROZ SÃO MATADOUROS DE PEIXE

As lavouras de arroz irrigado do Rio Grande do Sul são verdadeiros matadouros de peixe. Com essas palavras proferidas pelo dr. Pirineus Belmont Cabeda, do Convênio de Fiscalização da Pesca, deixou bem definida a extensão do mal da piscicultura no nosso Estado.

É que cerca de 120 mil toneladas de peixe morrem anualmente nas lavouras de arroz irrigado com bombas de sucção, ainda em forma de alevinos (filhotes). E os alevinos que por ventura escapam da compressão das bombas, morrem poste-

riormente dentro das lavouras quando estas são desaguadas e secas, para o corte do arroz maduro.

Os orizicultores por lei tem que usar telas ao redor das bocas das bombas, mas muitos desobedecem a lei e transformam-se em predadores da nossa fauna aquática. A SUDEPE, Superintendência do Desenvolvimento da Pesca, prometeu que fará intensa fiscalização e punirá os arroteiros que deixarem de colocar telas nas bocas das bombas. Ai está uma oportunidade da SUDEPE provar que existe.

Mato Grosso do Sul: A BANDEIRA BRASILEIRA COM MAIS UMA ESTRELA

Proclamada a República a 15 de novembro, os matogrossenses continuaram por todo aquele resto de 1889 a render homenagens ao Imperador. Até um baile de alta gala foi realizado em homenagem ao soberano, quando este já se encontrava na França, em regime de asilo político.

Mas não era um movimento monarquista mantido pelos fazendeiros contra o regime republicano, tendente a restabelecer no poder o Imperador D. Pedro II. É que eram tão difíceis as comunicações do litoral brasileiro com o extremo Oeste, que foi somente cerca de um mês após proclamada a República que a notícia desta chegou ao conhecimento dos matogrossenses.

Por volta do final do século XIX ainda era necessário viajar a Buenos Aires, por mar, e após subir os rios Paraná, Paraguai e Cuiabá, para alcançar Mato Grosso. As comunicações eram tão precárias que justificam o fato dos matogrossenses só terem tomado conhecimento da Proclamação da República com 30 dias de atraso.

O gigantismo geográfico do Estado, a mínima densidade demográfica, a distância dos centros urbanos do litoral e a ausência quase total de estradas, fazia dos matogrossenses uma legião de desconhecidos dentro da comunidade brasileira e em relação a eles próprios, desconhecidos dentro do seu próprio território. Assim, não é de admirar que o povo visse com bons olhos qualquer idéia que levasse a uma divisão do Estado, cujas dimensões eram superiores a um milhão e 200 mil quilômetros quadrados.

O capitão João Caetano Teixeira Muzzi, combatente da Guerra do Paraguai, é tido como o mentor do primeiro movimento de rebeldia pela separação do Estado em duas partes. Foi em 1896, por solidarizar-se com as idéias separatistas de João Barros Cassal, que fundou, em Nioaque, o Partido Autonomista.

No primeiro ano deste século, em 1901, a idéia divisionista voltou novamente, defendida desta vez pelo coronel João Ferreira Mascarenhas, cognominado o Jango Mascarenhas. Desta vez o movimento adquiriu proporções, pois o revoltoso era vice-presidente do Estado. A revolta foi contra o governo do coronel Antonio Pedro Alves de Barros, que conseguiu abafar o movimento, matando em combate o vice-presidente revoltoso.

Para os separatistas, Jango Mascarenhas é tido como o mártir da causa divisionista.

Em 1907 é Bento Xavier da Silva, gaúcho há muito radicado em Bela Vista, que lidera a chamada Revolução da Paz, cujo objetivo político é a divisão do Estado. Deflagrada a revolução, após os primeiros entreveros com as forças governamentais, Bento Xavier da Silva cruzou a fronteira e se asilou no Paraguai.

Segundo o historiador Demosthenes Martins, pernambucano de 82 anos e que participou direta ou indiretamente de todos os movimentos separatistas desde 1912, as lutas eram favorecidas pelo caudilhismo gaúcho, cujos líderes, derrotados em suas revoluções no Rio Grande do Sul, migravam para o sul do Mato Grosso, ali se aliando aos descontentes e liderando grupos que desejavam a separação.

Além dos motivos já apresentados, afloravam como motivação para o separatismo questões como: rivalidades e competição política de duas regiões com formação econômica, social e cultural muito diferentes.

O norte mantinha uma economia extrativista, começando com os garimpos de ouro e diamantes e ficando na exploração da borracha. O sul vivia basicamente da pecuária e de uma agricultura de subsistência.

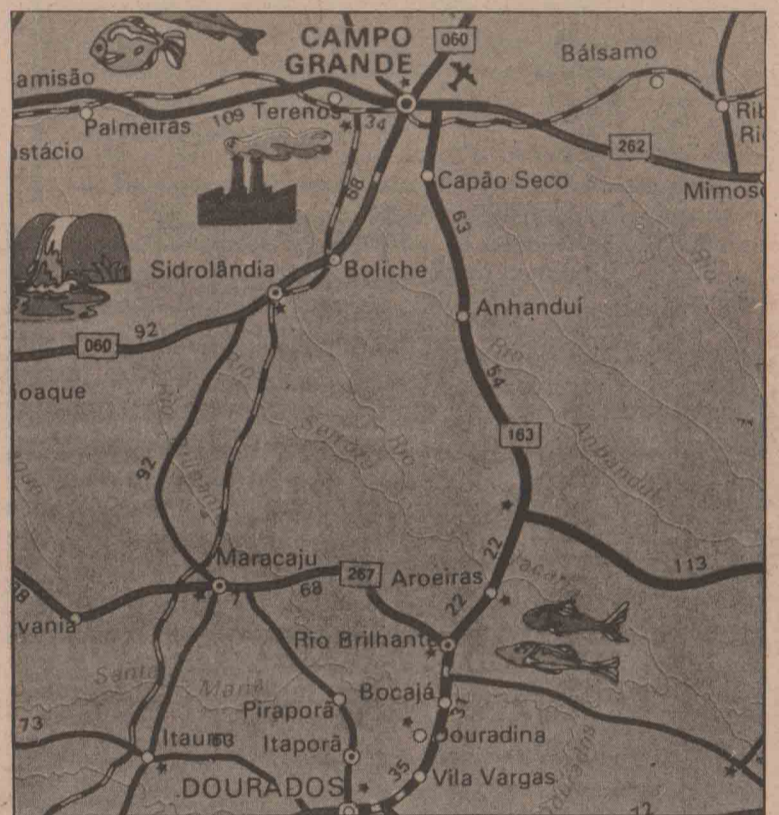
Mas nem mesmo os movimentos políticos e entreveros armados ocorridos ao final do século XIX e início deste, in-

fluíram na situação econômica do Mato Grosso, que só começou a mudar muito timidamente, após a chegada da ferrovia ao sul do Estado, em 1914. A Estrada de Ferro Noroeste do Brasil passou a fazer a ligação de São Paulo com Campo Grande em três dias, o que antes era feito em um mês, via Buenos Aires. Com esse fator de extrema importância econômica, Campo Grande passou a despontar como centro de expressão, projetando o sul do Estado.

E ao mesmo tempo em que o sul acelerava seu crescimento através da ferrovia, da chegada de emigrantes de São Paulo, o norte passava a sofrer os revezes da queda do preço da borracha. Foi por essa época que Campo Grande, pequena vila fundada em 1899, desmembrada de Nioaque, desenvolveu sua agricultura e pecuária, conquistando a posição de principal entreposto comercial antes exercido por Corumbá.

Com o progresso econômico as idéias divisionistas foram temporariamente postas de lado, para ressurgirem em 1932, no respaldo da Revolução Constitucionalista de São Paulo. O divisionismo se acentuava por outra razão importante: os filhos dos fazendeiros sulistas estudavam em São Paulo e os dos nortistas no Rio de Janeiro. Do ponto-de-vista político também o relacionamento não era dos melhores entre os próprios co-estaduanos. Nas revoluções de 22, 24 e 30 os sulistas manifestaram simpatias pelos revolucionários enquanto os nortistas ficaram do lado do governo.

É evidente, portanto, que o rompimento físico havido agora com o desmembramento do Estado em dois, possuía raízes históricas que vinham do século XIX. Quando a 1º de janeiro de 1979 for instalado o Mato Grosso do Sul, com a bandeira do Brasil ganhando mais uma estrela, será apenas o coroamento de uma questão de direito, porque de fato a separação já existia de há muito.



Vista parcial do novo Estado

Inaugurado marco importante no avanço tecnológico a serviço da agricultura brasileira

Centro Agroquímico Shell

Paulínia • São Paulo

A criação do Centro Agroquímico Shell de Paulínia é o resultado da visão que a Shell tem tido do Brasil, desde longa data, encarando-o como potência mundial emergente, investindo, reinvestindo, trazendo tecnologia nos mais diversos setores, inclusive e intensamente na área de defensivos agrícolas.

Este Centro representa muito mais do que o investimento superior a 30 milhões de dólares. Ele contém a mais completa unidade de formulação e, mais do que isso, a única unidade de produção de monocrotofos e dicrotofos do Grupo Shell além da existente nos Estados Unidos. Esses princípios ativos, até então importados, são fundamentais para a preparação de modernos defensivos agrícolas essenciais em nossas mais importantes culturas.

Moderníssimo sistema antipoluição

Tendo implicado no dispêndio de cerca de 2 milhões de dólares, o sistema antipoluição do Centro Agroquímico Shell é o que existe de mais avançado, chegando a requintes de segurança na proteção ao trabalho e ao meio ambiente.

Economia de divisas e núcleo de transferência de tecnologia

Produzindo, em nosso país, matérias-primas até então importadas, o Centro Agroquímico Shell proporcionará economia de alguns milhões de dólares em divisas. Mas, ainda mais importante do que isso, será um núcleo de transferência de tecnologia e desenvolvimento de produtos modernos, que ajudarão a transformar nosso país em um rico e poderoso celeiro do mundo.



Shell Química

técnica e pesquisa a serviço de um mundo melhor

AS FRONTEIRAS DA COTRIJUI ALCANÇAM O MATO GROSSO



A mesa que dirigiu os trabalhos da assembléia, podendo se notar a sugestiva decoração do palco-auditório da Sociedade Ginástica.

Constituída a mesa diretora dos trabalhos pela diretoria e conselheiros da cooperativa mais autoridades e convidados, além de representantes do Banco do Brasil e do INCRA, nas pessoas do dr. Humberto Garófalo e Cláudio Martins da Silva, respectivamente diretor do CETRIN e superintendente do INCRA, os trabalhos foram presididos por Ruben Ilgenfritz da Silva, que iniciou por fazer amplo relato da situação global da cooperativa a ser incorporada. A seguir falaram o vice-presidente Arnaldo Oscar Drews; o diretor da ASCOP, empresa de auditoria; o diretor do CETRIN, Humberto Garófalo e o coordenador regional do INCRA no Rio Grande do Sul, Cláudio Martins da Silva, todos enfatizando a elevada significação da incorporação tanto para a COTRIJUI como para a COOPEMARA.

Após os amplos escla-

recimentos feitos em relação a cooperativa mato-grossense, posta a palavra à disposição do plenário, foram feitas perguntas sobre o estado econômico-financeiro da empresa, sendo as perguntas respondidas em seus detalhes.

Para formar a comissão mista destinada a proceder os estudos de incorporação, por proposição do associado Leony Coimbra de Souza e que mereceu a aprovação unânime do plenário, foram indicados os diretores presidente, vice-presidente e superintendente, respectivamente Ruben Ilgenfritz da Silva, Arnaldo Oscar Drews e Clóvis Adriano Farina.

Ainda dentro da ordem do dia, debatido o assunto, a assembléia autorizou a diretoria a participação no capital social do Instituto Rio-Grandense de Febre Aftosa (IRFA).

Exatamente às 14 horas de 21 de dezembro, no salão de festas da Sociedade Ginástica Ijuí, foi instalada em terceira convoca-

ção a assembléia geral extraordinária dos associados da COTRIJUI, que tinha o objetivo de deliberar sobre a incorporação da Coope-

rativa Agropecuária Mista Maracaju Ltda, com sede no município do mesmo nome, estado do Mato Grosso.

NO FINAL, APLAUSOS DA ASSEMBLÉIA

Reabertos os trabalhos para a instalação da assembléia geral conjunta entre associados da COTRIJUI e COOPEMARA e após a exposição de motivos apresentada pela comissão mista que estudou o assunto, passou-se à votação, sendo a proposição de incorporação aprovada pela unanimidade dos as-

sociados presentes com direito a voto.

A nova unidade da COTRIJUI no Mato Grosso operará nos municípios de Maracaju (unidade-sede), Rio Brillante e Sidrolândia, a nível de gerência e departamentos técnicos e de repasse. Apenas nesses três municípios a área agricultável é de cerca de cinco milhões de

hectares, superior portanto à totalidade da área cultivada hoje em toda a região da cooperativa no Rio Grande do Sul.

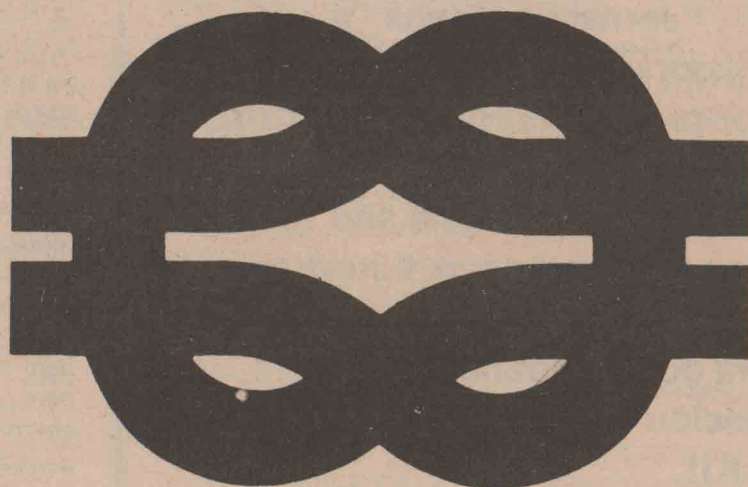
Falando à assembléia após estar aprovada a incorporação, disse o presidente da COTRIJUI que não é possível fazermos agora uma idéia do verdadeiro dimensionamento dessa incorporação. Somente

no futuro, quando o progresso alcançado pelo cooperativismo alcançar aquela grande região, talvez nossos filhos, é que se poderá medir realmente a grandeza deste ato. Manifestou o presidente da COTRIJUI os parabéns a diretoria da COOPEMARA, representada no ato por seu presidente, Telmo Ross e diversos conselheiros e asso-

ciados, o despreendimento que tiveram em concretizar a incorporação através de sua co-irmã do sul, a COTRIJUI.

O plenário abafou as últimas palavras de Ruben Ilgenfritz da Silva com uma salva de palmas, aplaudindo a incorporação que se concretizara. Foi portanto, ampliada a fronteira geográfica da COTRIJUI.

**Serás
mais um
elo da
união**



A união de muitos faz a força de todos. Associa-te à Cooperativa Regional Triticola Serrana Ltda. Associa-te ao progresso!

COTRIJUI

ENCONTRO COM A IMPRENSA

**O PRESIDENTE DA COTRIJUI
ANALISOU O ANO DE 1977 E
FEZ PROJEÇÕES PARA 1978**



Jornalistas de Ijuí com o presidente e vice-presidente.

Conforme vem acontecendo nos últimos anos, a Assessoria de Imprensa da COTRIJUI reuniu em almoço informal no dia 30 de dezembro, na sede campestre da Associação dos Funcionários, na Linha 3 Oeste, a direção da cooperativa e jornalistas de Ijuí, para o já tradicional encontro. Presentes os jornais "Correio Serrano", "Jornal da Manhã" e "Cotrijornal" e as rádios-emissoras Progresso de Ijuí e Repórter, ouviram do diretor-presidente Ruben Ilgenfritz da Silva; do vice-presidente Arnaldo Oscar Drews e diretores, um amplo relato da atuação da cooperativa no ano findo de 1977 e algumas projeções para o corrente ano. Esteve presente também ao encontro o vice-presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul, Orgênio Rott, que se pronunciou tecendo considerações sobre o trabalho da COTRIJUI.

O presidente começou agradecendo a cobertura da imprensa brasileira, da imprensa do Rio Grande do Sul e em especial da imprensa de Ijuí, que destacou a presença, e com quem — disse — "temos mantido diálogos muito constantes e construtivos."

"Convivemos o ano todo, trocamos idéias. Podemos ter discordado em alguns quesitos, o que me parece o ideal, pois está na essência do sistema cooperativista, mas o que é importante, concordamos no fundamental. E a imprensa cumpriu uma função importante dentro daquilo que se propõe o próprio desenvolvimento cooperativista, que é informar o produtor para que este tenha consciência e seja capaz de tomar, por si mesmo, suas decisões.

Paralelamente ao enfoque de realizações, gostaríamos hoje de definir melhor o que nós entendemos na COTRIJUI, interpretando o pensamento de seu corpo social, seu conselho de administração e colegas da direção, o que nós imaginamos como filosofia de trabalho; o que entendemos como caminho a ser seguido ao longo dos anos futuros e, evidentemente, no decorrer do ano de 1978.

Neste ano de 1977, como não poderia deixar de ser pela própria dinâmica do processo que nós vivemos, foi um ano com muitas realizações no sentido físico, com novas e amplas obras, mas foi também um ano de aprofundamento maior em relação ao corpo social, em termos do que nós entendemos como objetivos a serem alcançados e como política a ser seguida.

Como realizações, concretizamos com Tenente Portela, que completou o primeiro ciclo no setor de grãos e no setor de consumo, através de mais um graneleiro de grande porte e um super-mercado bem instalado, condizente, portanto, com a necessidade e importância da região a que serve. Com esses melhoramentos físicos, também o escritório da unidade e o departamento técnico foram ampliados e modernizados.

No município de Santo Augusto também chega-

mos ao final do ano de 1977 com uma série de obras, algumas concluídas e outras em fase de conclusão.

**SEMENTE
A GRANEL**

Em Santo Augusto, por exemplo, estamos concluindo a construção de instalações para recebimento de grãos, novas moegas com capacidade para 300 t/h, instalação de mais dois secadores com capacidade de 40 t/h cada um.

Isso vai permitir que haja uma dinâmica maior no crescimento da safra, principalmente no citado município, em face do seu crescimento. O desenvolvimento de Santo Augusto estava carente dessas melhorias. Por isso, a cooperativa adquiriu da empresa Fiorenzano Germani, em Coronel Bicaco, uma instalação com capacidade para 20 mil toneladas. Com essa aquisição, vamos poder distribuir a produção de sementes da região de Santo Augusto através dessa unidade de Coronel Bicaco.

E também para Santo Augusto nós estamos encaminhando uma complementação de investimento para dar início a uma instalação que vai ter a finalidade de trabalhar com semente de trigo a granel. Já na próxima safra de trigo pretendemos receber semente a granel. Com essa medida estaremos padronizando o sistema de recebimento, uma vez que os demais produtos em termos de grãos estão sendo operados nesse sistema prático e econômico. A capacidade de recebimento dessa nova unidade de Santo Augusto será de 60 mil sacos de semente. Ainda em termos de construções há uma série de outras obras complementares na região.

**ALMOXARIFADO
CENTRAL**

Na unidade de Ijuí está em fase final a construção do almoxarifado central, a instalação de unidade para vestiário destinado à totalidade do quadro funcional, além de pretendemos ampliar as instalações do refeitório. A própria sede social da cooperativa está sendo ampliada em mais de 700 metros quadrados, o que vai pro-

porcionar melhores condições de trabalho para os funcionários e, conseqüentemente, melhores condições de atendimento aos associados. Estará sendo iniciada nos primeiros dias de janeiro a construção de supermercado no Salto. Concluímos a construção do novo armazém de Ijuí, cuja totalidade é de um milhão e cem mil sacas de 60 quilos. Trata-se da maior unidade já construída pela cooperativa. No município de Santo Augusto iniciamos a obra de Esquina Umbu, um armazém para 30 mil toneladas.

Outra obra de real significação na área de Ijuí foi a conclusão das instalações do Centro de Processamento de Dados, com a transferência para sua sede definitiva, no prédio da rua José Hickembick, onde funcionava a cooperativa até fins de 1975. No mesmo prédio também funciona a Assistência Social que prestamos aos associados, inclusive em trabalho conjunto com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

No município de Chiapetta, após ampliada a capacidade do graneleiro, se iniciou a construção do supermercado. Era uma antiga reivindicação dos produtores daquele próspero município, agora já em fase de execução. E para o município de Augusto Pestana, está planejado para breve a construção de obra destinada ao escritório.

RECEBIMENTO DE LEITE

Estamos iniciando a construção em Santo Augusto de unidade para recebimento e resfriamento de leite. É um projeto com capacidade para 30 mil litros diários. Essa unidade vai receber a produção, resfriar e após transferir para a usina industrial CCGL em Ijuí.

Achamos importante destacar que o ano de 1977 foi importante como definidor da Cooperativa Central Gaúcha de Leite (CCGL). Para que se tenha uma idéia mais ampla, podemos dizer que quando a CCGL começou a operar na região, a antiga empresa de laticínios, a Cafrasa, recebia 12 mil litros diários de

leite. E hoje, passados alguns meses, está recebendo 36 mil litros, tendo triplicado a produção.

A Usina da CCGL, que se constrói no entroncamento da BR-285 com a RS-155, está em fase adiantada. Essa primeira unidade industrial da CCGL terá capacidade para pasteurizar e transformar 300 mil litros de leite por dia. Além do leite pasteurizado ela produzirá manteiga, queijo e iogurte.

ATENDIMENTO HOSPITALAR

No município de Santo Augusto está localizado o Hospital Santa Terezinha. Esse hospital recebeu ampliação e melhoramentos inclusive no setor de farmácia, agora franqueada comercialmente para o público em geral.

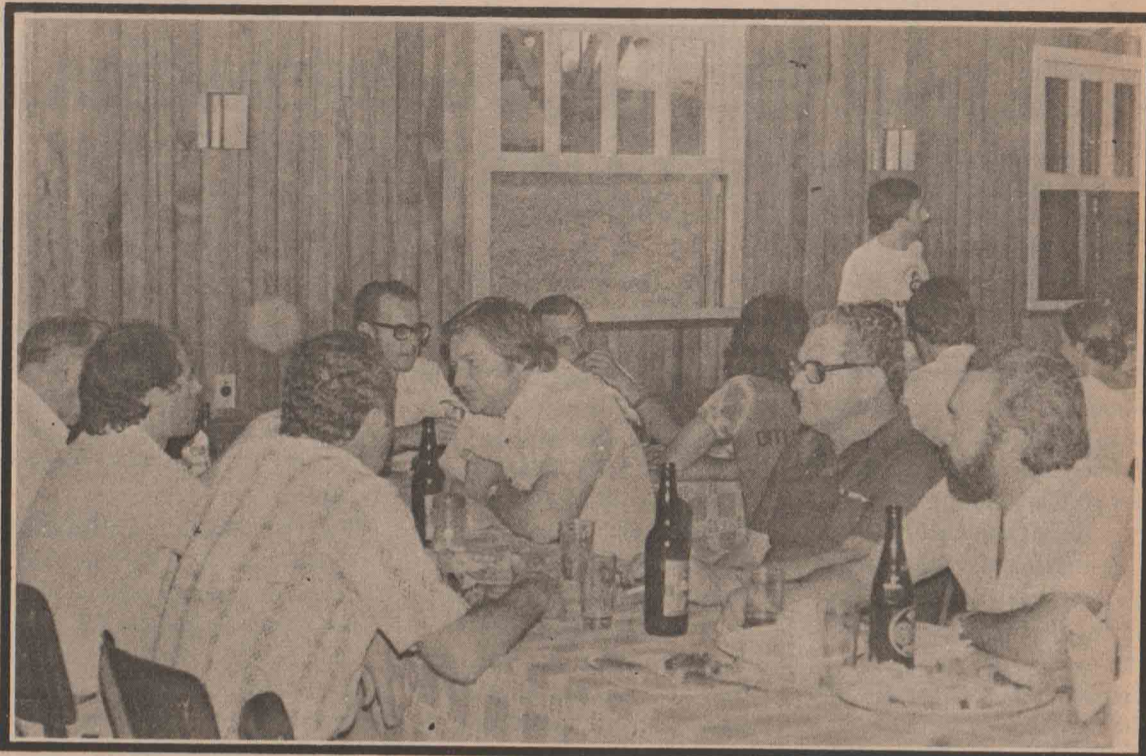
Mas esses melhoramentos não param. Está em fase final a liberação de recursos de ordem financeira para nova ampliação do hospital. É um investimento da ordem de 6 a 7 milhões de cruzeiros.

EXPANSÃO PARA A FRONTEIRA

A COTRIJUI também cresceu no sentido geográfico durante 1977. A incorporação da Pedritense, ocorrido em fevereiro, abriu novas e amplas perspectivas inclusive na área de novos produtos. Arroz, carnes bovina e ovina além de lã e couro, marcam produtos novos no recebimento da cooperativa, entrando na pauta de oferta de vendas da COTRIEXPORT.

Estamos construindo em Dom Pedrito, para operar a partir de março, unidade para 500 mil sacas para produto a granel, podendo receber soja e arroz. Essa unidade, somada a outra capacidade instalada em Dom Pedrito nos permite antecipar para 1978 o recebimento de produtos na ordem de um milhão e duzentas mil sacas de soja e arroz. No setor de lãs, recebemos em 1977 um milhão de quilos, com perspectiva de receber em torno de 1.300 mil quilos até ao final da safra de 1977.

No setor de carnes, estamos chegando ao final de dezembro com o abate de 18 mil cabeças.



Após a entrevista, diretores da COTRIJUI, jornalistas e convidados confraternizaram com um churrasco servido nas próprias dependências da AFUCOTRI.

EM URUGUAIANA UMA INDÚSTRIA DE TOPS

Evidentemente, nosso ingresso em Dom Pedrito abriu uma série de novas perspectivas de ação.

Estamos participando, juntamente com outras cinco cooperativas, de um empreendimento que visa o beneficiamento da lã até a fase de tops. A lã ovina no estágio do top está pronta para a indústria têxtil. Segundo o projeto, já em novembro de 1978 estará em funcionamento esta indústria que poderá numa primeira fase alcançar uma capacidade de 5 milhões de quilos de lãs por ano e numa segunda fase alcançando a 12 milhões de quilos de lã por ano.

Outra abertura proporcionada por Dom Pedrito foi a experiência a nível prático, com a realização do 1º Concurso de Novilhos Precoces, provando que, com apenas dois anos pode-se abater um novilho com maior rendimento de carne de um boi de quatro anos. Mostramos que é possível reduzir, em média, em 50% a idade de abate do bovino.

E ainda na área da pecuária, outro fato de real significado para o cooperativismo foi a aquisição do Instituto Riograndense de Febre Aftosa — IRFA — que adquirimos juntamente com a FECOLÁ e FECOCARNE.

A FÁBRICA DE RIO GRANDE

Na área da industrialização inauguramos oficialmente a fábrica de óleo

de Rio Grande. Esse empreendimento de porte, determinou, por conseqüência, que buscássemos canais de comercialização diretos. No caso do farelo, fechamos ainda no início do ano um contrato de 60 mil toneladas com uma cooperativa européia. Para o corrente ano renovamos o contrato com a mesma cooperativa, para o fornecimento de 120 mil toneladas e perspectiva que esse montante seja elevado para 200 mil toneladas. E isso em termos de comercialização direta com a área do Mercado Comum Europeu, sem qualquer intermediação.

A mesma fábrica nos abriu premissas para o fornecimento de óleo degomado (cru) para os países da área da ALALC. Já concretizamos vendas de 13 mil toneladas de óleo para o Uruguai. Efetuamos também uma venda direta de óleo para a Bolívia, este embarque feito da fábrica de Ijuí, via ferroviária.

COTRIEXPORT-CAYMANN NO MAR DO CARIBE

Essa maior participação comercial nos obrigou a aprimorar nossa infra-estrutura inclusive de molde internacional. Criou-se uma empresa subsidiária no exterior, localizada na ilha de Caymann, no Mar do Caribe. Estamos assim nos instrumentalizando para poder competir adequadamente nas operações de mercados internacionais, a exemplo das demais empresas nacionais e estran-

geiras que atuam nessa atividade.

COTRIEXPORT NOVA IORQUE

Nossa atuação direta na Bolsa de Cereais de Chicago obrigou-nos a uma participação mais atuante nos Estados Unidos. Dai surgiu a COTRIEXPORT-USA. Isso quer dizer que na área de comercialização a cooperativa, e sua empresa comercializadora, estão com uma boa infra-estrutura montada."

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do pronunciamento, o presidente fez ainda uma série de considerações, como a encampação da Cooperativa de Maracaju, no Mato Grosso, a colonização na região de Altamira, no Pará, e o lançamento do arroz "Levies-ti", produzido em Dom Pedrito.

Ainda antes de encerrar, foi definida a política global da COTRIJUI para 1978, que está consubstanciada no desenvolvimento de agro-indústrias com a instalação de refinaria para óleo de soja no Rio de Janeiro, beneficiamento do arroz, industrialização da lã, cosinha industrial e o desejo de buscar, juntamente com todo corpo social da COTRIJUI, os caminhos da diversificação, procurando assim viabilizar de forma sócio-econômica as unidades de produção do corpo associado.

Os jornalistas fizeram ainda uma série de perguntas relacionadas com o tema desenvolvido, sendo respondidas.

VOLTA DA REDAÇÃO ENCONTRA OS ALUNOS DESPREPARADOS

Atestando o mal que foi feito à cultura brasileira sua retirada dos cursos escolares, a volta da redação como parte da pedagogia escolar encontrou uma juventude completamente despreparada para a língua de sua própria terra.

Conforme foi atestado na Universidade de Santa Maria, no presente vestibular, uma análise de 5.417 redações corrigidas pelo Departamento de Letras da UFSM mostrou que um mínimo de vestibulandos realizaram o trabalho proposto pelo tema, apesar do texto referir-se ao poeta Mário Quintana. Aliás, conforme declaração da professora Maria Luiza Remédios, chefe do Departamento de Letras da mesma Univer-

sidade, a grande maioria dos vestibulandos desconhecem Mário Quintana.

A mesma professora disse que "concordância, regência, pontuação, acentuação, estrutura frasal e até caligrafia, são coisas que os alunos de hoje desconhecem quase que completamente". A professora ressaltou que em 20 linhas de texto de redação chegaram a acontecer 30 erros de ortografia. Outro fato destacado pela professora foi a quantidade de vestibulandos que entregaram a redação feita abordando questões que nada tinha a ver com o texto proposto. Além disso, de 80 a 90 por cento deles não obedeceram qualquer estética nos textos com relação

a margem no papel, parágrafos, etc. Especificamente no caso de parágrafos, ou usavam-no abusivamente após cada ponto ou redigiram o texto como um todo, como se fosse a escritura de uma ata destinada à documentação.

Realmente, a situação constatada é extremamente grave. Isso que se refere a alunos vestibulandos de Universidade. O que esperar-se então do simples primarista ou secundarista? É hora de chorar-mos o mal feito à cultura da Nação a retirada da redação como disciplina aplicada ao currículo. Agora, no entanto, é chegado o momento de trabalharmos para recuperar parte do terreno perdido.

UNIVERSITÁRIOS NA PREVENÇÃO DOS ACIDENTES NO TRABALHO

O Ministro do Trabalho, Arnaldo Prieto, presidiu, em Brasília, a assinatura de convênio entre o seu Ministério, o Centro Brasileiro de Apoio à Pequena e Média Empresa — CEBRAE — e a Fundação Projeto Rondon, visando à integração de esforços para o desenvolvimento de atividades na área de segurança e medicina do trabalho.

Universitários de Engenharia, Serviço Social, Medicina, Administração, Psicologia e Direito, serão treinados sob orientação técnica da Sub-secretaria de Segurança e Medicina do Trabalho e do MTb e do CEBRAE, a fim de atuarem junto a pequenas e médias empresas de nove capitais brasileiras, prestando assistência na organização das Comissões Internas de Prevenção de Acidentes — CIPAS.

Até dezembro de 1978, oitocentos estudantes receberão treinamento especializado, para, depois, colaborar na instalação de, no mínimo, 3 mil e 200 CIPAs em número igual de empresas que tenham cinquenta ou mais empregados. Como consequência,

prevê-se o treinamento, por parte dos universitários, de 16 mil "cipeiros" e a realização de cursos básicos de prevenção de Acidentes do Trabalho para 48 mil empregados. Nestas tarefas serão investidos recursos de Cr\$ 5 milhões 686 mil e 11, dos quais Cr\$ 5 milhões 656 mil 708 oriundos do MTb e o restante da CEBRAE.

Segundo o convênio, ao MTb e ao CEBRAE caberá a orientação das atividades e o treinamento específico dos universitários. Ao Projeto Rondon compete inscrever, selecionar e ministrar treinamento básico aos universitários e responsabilizar-se pelo transporte e alimentação dos rondonistas com recursos do MTb e do CEBRAE.

Cada universitário será responsável, junto a um número mínimo de quatro pequenas indústrias, pela execução de atividades que constam basicamente de: abordagem do empresário; valorização do cronograma de atividades junto à empresa; indicação dos representantes do empregador para a CIPA; divulgação das atividades junto aos

empregados; realização das eleições dos representantes dos empregados; reunião de posse dos membros da CIPA; treinamento dos "cipeiros"; promoção da 1a. reunião ordinária da CIPA; preenchimento dos questionários anexos à Portaria 3456/77 que regulamenta as CIPAs. Quanto à avaliação das atividades, será processada mediante: reunião com os supervisores do projeto e os universitários; visita às empresas e através de instrumentos padronizados (questionários e relatórios) que deverão ser aplicados junto aos diversos elementos envolvidos na execução do projeto.

Assinaram o convênio, pelo MTb, o Ministro Arnaldo Prieto; pelo CEBRAE, o seu presidente, Valternom Coelho dos Santos, e o procurador, Amaro Ferreira de Oliveira; pela Fundação Projeto Rondon, o seu presidente, Márcio Bernardo Carneiro. Todos, além do Subsecretário de Segurança e Medicina do Trabalho, Roberto Raphael Weber, usaram da palavra para testemunhar o significado do projeto. Na página de segurança analisamos os resultados das CIPAs na COTRIJUI.

INDÚSTRIA DE CURSOS FÁBRICA DE DOUTORES

Na República Federal da Alemanha (Alemanha Ocidental) há um movimento em curso visando reduzir o que eles qualificam como verdadeira "enchente de acadêmicos" que assola o país. Segundo noticiário em Tribuna Alemã, edição de dezembro, há em toda a Alemanha perto de 25 mil "doutores" desempregados.

Mas não obstante — resalta a revista — as escolas superiores continuam em expansão, visando elevar ainda mais o número de acadêmicos. Com isso, as universidades ficam cada vez mais ricas, os acadêmicos cada vez mais desesperançados de obterem uma colocação compatível com seus níveis profissionais e a nação com maiores deficits. Significa que o país (a Alemanha) está investindo bilhões de marcos à toa, atirando dinheiro pela janela.

Esse problema será apenas da Alemanha, ou outros países viverão também o mesmo mal?

Sabe-se que no Brasil nunca a "indústria" do ensino foi tão próspera. Os cursinhos pré-vestibulares transformaram-se numa instituição hoje consagrada que ninguém mais discute ou contesta. Nunca tantos disputaram tão poucos lugares nas universidades, carreando milhões de cruzeiros em economias para os donos dos cursinhos e a título de matrículas e manutenção pró-anuidades. E mesmo assim, após os quatro ou cinco anos do curso, os poucos que alcançam o grau almejado do diploma, geralmente não sabe o que fazer com ele. Saem tão parcos de conhecimento profissional e ilustração cultural, que o curso quase chega a ser uma mera formalidade legal.

Na Alemanha Ocidental, também nos Estados Unidos, está havendo conscientização para a realidade do problema. É chegada a hora de também nós, no Brasil, nos alertarmos para o fato, antes do aviltamento total do ensino a nível superior.

**pulgões, ácaros
lagartas, curuquerês,
brocas**

vão praguejar em outra freguesia.

CIDIAL®
chegou e não perdoa.

Está sendo introduzido no mercado brasileiro o inseticida-acaricida CIDIAL, da Montedison. Inseticida polivalente, organo fosforado à base de fentoato, CIDIAL garante alta eficiência por contacto e ingestão. E baixa toxicidade para o homem e animais de sangue quente. CIDIAL pode ser misturado e coformulado com os principais inseticidas fosforados e clorados utilizados na agricultura. Já foi testado, com êxito, para as seguintes lavouras: algodão (pulgões, curuquerê, lagartas das maçãs e broca da raiz), soja (lagartas e brocas das axilas), trigo (pulgões e lagartas), milho (lagartas), citros (ácaro da falsa ferrugem), tomate (broca pequena dos frutos).
Está sendo testado para outras pragas, após o que terá novos registros no Ministério da Agricultura.

CIDIAL Produto da **MONTEDISON DO BRASIL LTOA**

Distribuidor no Brasil: **BIAGRO-VELSICOL produtos para agricultura Ltda.**

IJUI: TRÂNSITO TERÁ INOVAÇÃO

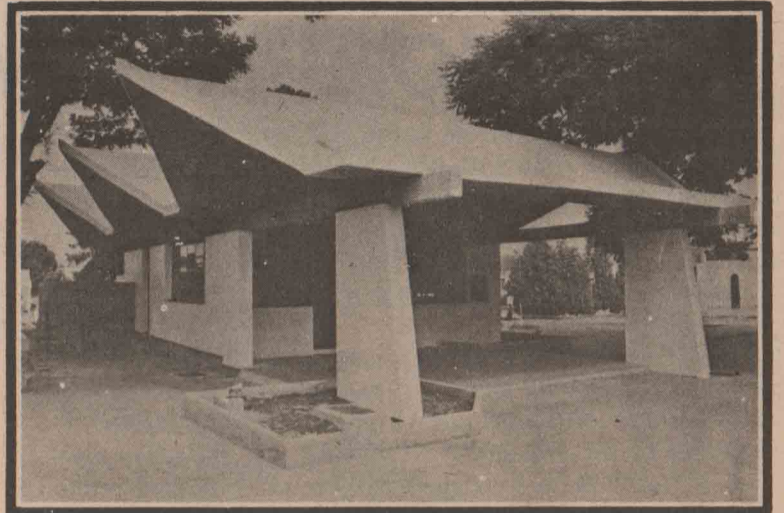
Depois de algumas experiências que encontraram reação de boa parcela da comunidade, o trânsito de Ijuí parece que agora receberá traçado definitivo e racional. Contratado pela Prefeitura Municipal para elaborar o projeto, o engenheiro Paulo Schneider aplicou na execução um direcionamento dinâmico, de fácil escoamento, tomando por base experiências já aprovadas de outros centros, como Pelotas e Caxias do Sul.

Por se tratar de matéria até certo ponto polêmica, e que movimentou os bastidores políticos nos últimos meses, a remodelação do trânsito de Ijuí é aguardada com expectativa. E o engenheiro responsável pela

elaboração do projeto, argumentando função eminentemente técnica, disse que na prática as mudanças do trânsito terão que ficar à cargo de uma Secretaria Municipal de Transportes (teria de ser criada) ou mesmo de um conselho municipal de trânsito. Enquanto o Executivo Municipal adquire o material necessário às modificações (sinaleiras, placas, etc), já se ouve dizer que a concentração de muitos automóveis de aluguel em frente à praça na rua 15 de Novembro, trarão maiores dificuldades. É que se trata de uma artéria de acentuada movimentação, pois nela estão localizadas a maioria das casas bancárias de Ijuí, o que

por si só exige bastante mobilização para estacionamento.

Junto ao novo trânsito, que ainda é um presságio para 1978, o ijuiense já pode ver concluídos os quiosques da ala sul da praça da República. O projeto arquitetônico da ARQUIPLAN - Arquitetura e Planejamento Ltda, sob a responsabilidade do arquiteto Clóvis Ilgenfritz da Silva, deu nova roupagem ao principal logradouro da Colmeia do Trabalho. Com a aprovação dos que disputam concorrência nos diferentes ramos, para exploração dos quiosques, em breve Ijuí terá lancheria, engraxataria, estande de revistas e bomboniere e ainda barbearia na pró-



A praça da República inovada, com o quiosque.

pria praça. Segundo o prefeito Wilson Mânica, as obras do logradouro central de Ijuí não sofrerão mais paralisações, até

que estejam concluídas. A construção da nova praça de Ijuí já atravessa a quarta administração municipal.

SANTO AUGUSTO: COTRIJUI NO URBANISMO

Num rápido contato com o prefeito municipal de Santo Augusto, Alecrides Sant'Ana de Moraes, ele nos relacionou algumas obras prioritárias para o exercício de 1978. Em todas, a evidência do esforço comunitário e a participação da força cooperativa, através dos associados da COTRIJUI.

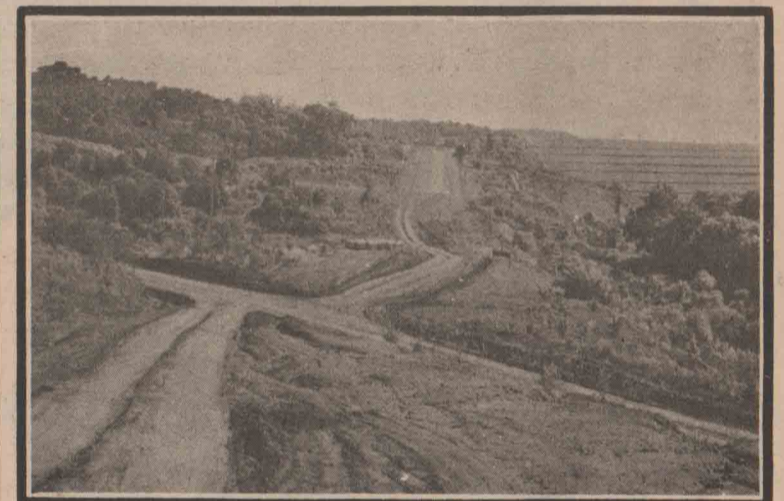
Do cronograma, já foi iniciada a abertura de uma avenida ligando a entrada da cidade de Santo Augusto ao complexo da COTRIJUI, numa extensão de 1.470 metros. Pista dupla com canteiros centrais, toda iluminada e calçada, ou quem sabe, adiantou o prefeito, "já que para esta obra estamos contando com o apoio da

COTRIJUI e da empreiteira EMEC, possamos asfaltá-la". Esquina Umbú, onde está em construção uma unidade armazenadora da COTRIJUI, está recebendo rede de energia. O projeto engloba 67 km de redes, e está orçado em mais de seis milhões de cruzeiros. A execução está a cargo da CERILUZ, e também nesta obra a COTRIJUI está emprestando sua participação.

O chefe do executivo Santoaugustense ainda relaciona: a ampliação do Ginásio Estadual, com mais de 521 metros quadrados de construção, orçado em Cr\$ 1.379.000,00; início e conclusão do Ginásio Coberto; sistema telefônico

com previsão de conclusão dentro de 45/60 dias, constituindo-se numa nova central totalmente custeada pela comunidade e prefeitura; uma estrada ligando as instalações da COTRIJUI à RS-155, desviando o tráfego pesado, já em estudos por técnicos da CINTEA; outra reta interligando a localidade de Esquina Umbú à mesma RS-155, além de quatro outros projetos de eletrificação rural.

Junto à isso, o prefeito Alecrides Sant'Ana de Moraes ainda manifestou a quase certeza de que as obras da rodovia Ijuí-Três Passos, que corta seu município, não sofrerão mais paralisações. Para a reportagem do COTRIJORNAL, ele



RS-155, trecho Ijuí-Santo Augusto. Estrada é vital para o desenvolvimento da região.

enalteceu o espírito empreendedor da COTRIJUI, que através de seus dirigentes e corpo

social tem se mostrado pronta à participar de projetos que visem o bem da comunidade.

COTRICRUZ CONSTRÓI SEDE PARA FUNCIONÁRIOS

Há 12 quilômetros da cidade de Cruz Alta, à margem de uma estrada intermunicipal, a Associação Atlética COTRICRUZ, que

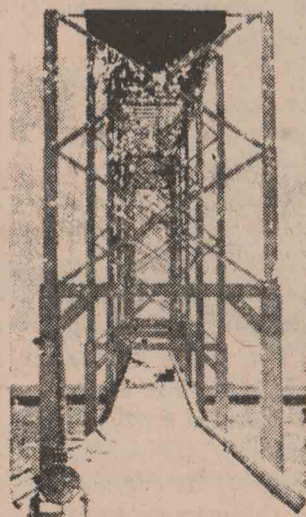
congrega funcionários e associados da Cooperativa Triticola dos Produtores Cruzaltenses Limitada, está construindo sua sede

campeste. A obra exigirá recursos da ordem de dois milhões e 300 mil cruzeiros, devendo se constituir num complexo de recreação e la-

zer, com ginásio coberto para seis mil pessoas, restaurante, bar, piscinas, salão de festas, quadras de futebol de salão e de campo,

canchas de bochas e área para camping. A previsão de conclusão da obra é para o mês de março próximo.

Associa-te ao progresso!



Associa-te à Cooperativa Regional Triticola Serrana Ltda. e cresce com o Rio Grande e com o Brasil. A união de muitos faz a força de todos.



Cinto da Castidade:

O GUERREIRO CRUZADO E A HONRA FAMILIAR

O chamado "cinto da castidade" foi revivido no interior de Ijuí, naturalmente que com aparatoso desfecho policial. A este jornal não interessa o lado policial da questão e nem mesmo seus implicados. O que interessa ao COTRIJORNAL, como sempre, é o lado sociológico da questão, o que tentamos fazê-lo no espaço a seguir.

Os Cruzados passaram à história como os paladinos do cristianismo. Conrado III da Alemanha, Luis VII da França, Frederico Barbarroxa, Ricardo Coração de Leão, Bonifácio de Monteferrato, André II e João de Brienne e até Luis XIV, cognominado o Santo-Rei da França, foram alguns dos comandantes dessas legiões da morte que ao grito fanático de "Deus o quer", invadiram em hordas bárbaras o Oriente Próximo, ao argumento de "salvar os Santos Lugares", e principalmente Jerusalém.

Houveram exatamente oito Cruzadas. A princípio — força é reconhecer — essas guerras foram sustentadas por puro fanatismo religioso. A intenção, além de vingar a morte de Pedro, o Eremita, vítima dos muçulmanos quando tentou adorar a Cristo, em Jerusalém. Com o passar dos tempos essas Cruzadas passaram a ser organizadas tendo em vista o saque irrepreável e o gosto pela morte e destruição. Os defensores das Cruzadas, restritos a área da própria teologia, não chegam a negar o espírito rapineiro dos cruzados, mas defendem-na mesmo assim asseverando que esses movimentos tiveram o mérito de enfraquecer o feudalismo (com isso, naturalmente, dar mais força aos padres) pela morte de muitos de seus senhores; aparecimento de muitos produtos orientais na Europa, surto de comércio mediterrâneo e o crescimento do poderio das cidades, principalmente as italianas. Sim, mas a que preço?

As Cruzadas levaram, ao todo, 175 anos, naturalmente com interrupções longas, pois após o término de cada uma delas era tal a destruição e a miséria, que em muitas vezes a paz posterior fazia ainda mais

vítimas pela fome e doenças, do que propriamente os confrontos armados.

A 1ª Cruzada, organizada em 1095, sob a chefia de Godofredo de Bouillon, terminou em 1099, quatro anos depois. Nessa Cruzada, também a mais famosa, tomaram parte ainda em comandos importantes, os irmãos de Godofredo, Balduino e Eustáquio, Hugo de Vermandois (irmão do rei da França), Boemundo de Tarento, Tancredo de Siracusa, Raimundo de Tolosa e Roberto da Normandia, além de outros vultos que representavam a "fina flor" da cavalaria européia. Deu como resultado a conquista de Jerusalém. Mas assim que esses senhores, católicos fervorosos, sentiram-se donos da situação, começaram a desentenderem-se entre si pela divisão do espólio da guerra.

Mesquitas adornadas com alabastro, tronos de ouro maciço, corôas de safira e ornatos de pedras preciosas variadas enchiam os olhos dos guerreiros cristãos, que começaram a bater-se entre si para ficar como guardiães da conquista... Enquanto isto os turcos se rearticularam, contra-atacando os intrusos que, batidos, começaram o trágico retorno à Europa. A volta foi um desastre. Somente alguns poucos, os mais fortes e audazes, pisaram o saudososo solo europeu.

Tal foi o resultado desse trágico retorno, que só 50 anos depois, que se articulava nova tentativa. Conrado III, o alemão e Luis VII, o franco, foram os mentores e comandantes dessa 2ª Cruzada. O resultado foi novo fracasso.

A 3ª Cruzada ocorreria (1189-1193) sob a chefia de Frederico Barbarroxa, imperador da Alemanha, Felipe II, de França e Ricardo Coração de Leão,

da Inglaterra. Resultado: Barbarroxa morreu afogado no rio Salef e Felipe e Ricardo brigaram entre si, o que permitiu a rearticulação dos turcos que contra-atacaram pondo-os em fuga desesperada.

A 4ª Cruzada (1202-1204), chefiada por Bonifácio de Monteferrato, atacou Constantinopla, lá fundando o Império Latino, de duração passageira.

Todas as demais Cruzadas foram desastrosas. Os cristãos invasores matavam-se entre si, eram destruídos pelos turcos ou então a fome, a promiscuidade e as pestes consequentes acabavam por dizimá-los. A última Cruzada aconteceu em 1270, tendo o mundo de então pago um preço catastrófico por essa sanguinária aventura.

O CINTO DA CASTIDADE

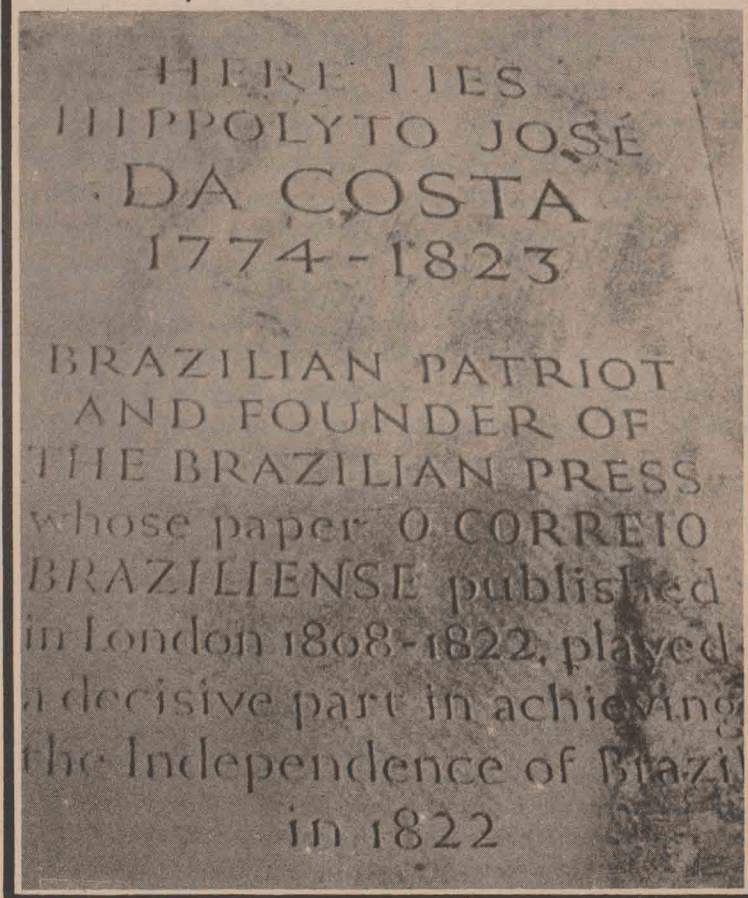
Mas o importante é que todo o movimento de massa deixa para a análise sociológica questões de ordem moral para a posteridade. Nesse campo os Cruzados deixaram, ao lado do fanatismo religioso, o atestado medieval do machismo e do instinto exclusivo de posse sexual, no instrumento chamado cinto da castidade. Ao partir para o inferno escaldante da Terra Santa o Cruzado deixava a esposa sob o estigma infamante da dúvida, representado por um instrumento em forma de calça de ferro, que suas mulheres tinha de usar até a volta do marido, pois a chave ia com este para a guerra.

Como era comum o marido morrer na guerra, anos depois, quando ficava evidente que este não voltaria mais, recebia então a infeliz a permissão para procurar um ferreiro e libertar-se do incômodo e infamante instrumento.

Essa, em síntese, a história do cinto da castidade, invenção dos "zelosos" cruzados em relação à privacidade do amor de suas esposas, numa época de barbarismo coletivo que passou para a história como a Idade Média.

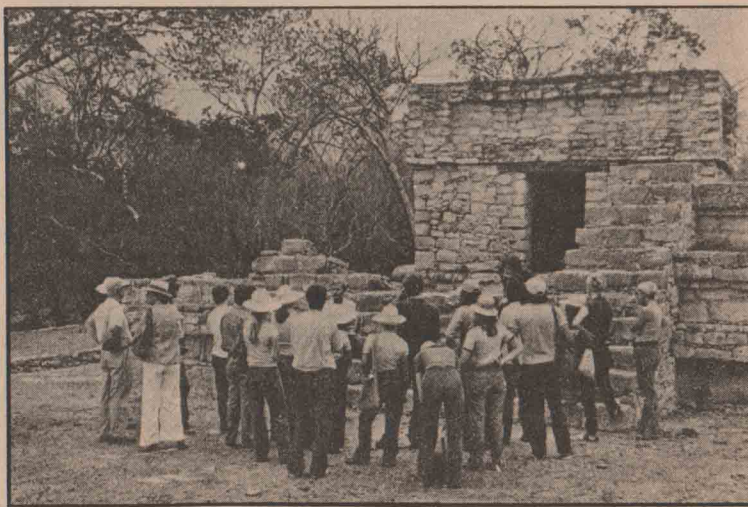
O TÚMULO DE HIPÓLITO DA COSTA EM LONDRES

Na edição que circulou em outubro publicamos texto com foto sobre o túmulo de Hipólito José da Costa, em Londres, com base em material que nos foi enviado de Porto Alegre pelo jornalista Carlos M. Wallau, diretor da Revista "A Granja". Sobre o mesmo assunto, no entanto, o historiador F. Riopardense de Macedo, que também esteve visitando o local em princípios de 1974, enviou-nos correspondência onde retifica parte do texto por nós publicado em outubro. Conforme nos assegura Riopardense de Macedo, a placa (que republicamos) não é a mandada colocar pelo Duque de Sussex, que é de mármore e está na parede lateral esquerda de quem entra. A placa que o COTRIJORNAL publicou é outra, de cimento, que está no piso perto da porta lateral direita, e lá foi colocada por iniciativa da Embaixada do Brasil, no ano do Sesquicentário da Independência.



RUÍNAS DA CIDADE MAIA

A memória visual é o maior elemento para a instrução, em todos os campos do conhecimento. No entanto, há povos que destroem tudo o que resta dessa memória histórica. A foto é de uma ruína Maia pertencente ao antigo povo Yucatã, visitada por estudantes de arqueologia da Universidade de Tulane, Nova Orleans, Estados Unidos. Eles voaram milhares de quilômetros para visitar essa maravilha da antiga arquitetura Maia.



CHAPLIN - CHAPLIN - CHAPLIN

Acari Amorim

No silêncio do seu quarto e nas alegrias de meninos ao redor da casa, na última noite de Natal, Charles Chaplin morreu.

De que morreu Charles Chaplin? Logo muitas vozes perguntaram. A sua esposa apenas respondeu que "Chaplin morreu calmamente enquanto dormia". Já um médico garantiu que podia se dizer que "Chaplin tinha morrido de velho".

Talvez Chaplin não morreu. Talvez nem mesmo existiu. O que vimos nas salas escuras dos cinemas foi apenas o seu personagem Carlitos: um pouco de todos nós. Da busca do amor, da compreensão, da tranquilidade. Da luta contra as violências, as misérias, as injustiças e as opressões.

Quem, que pelo menos uma vez, não sentiu que era o próprio Carlitos numa tela de cinema. Carlitos com suas calças volumosas e grandes sapatos. Chapéu coco, uma bengala e um bigode pequeno. Carlitos tentando encontrar o colar brilhante, roubado de uma linda moça. Mas só se complica com o robusto policial.

São cenas, assim parecidas, que Chaplin interpretou Carlitos, sempre mostrando a fraqueza e a força, a bondade e a maldade, o pão e a fome.

Mas por trás das quatro décadas que Charles Chaplin fez rir e até chorar, com filmes como *O Garoto*, *O Vagabundo*, *Vida de cachorro*, *O Circo*, *A Corrida de Ouro*, está o menino que guardava cavalos e cortava lenha para sobreviver.

Depois de ficar num orfanato e andar, sem destino, pelas ruas de Londres, Chaplin foi viver nos Estados Unidos. A dor de Charles Chaplin está em suas próprias palavras:

"Quando menino e jovem, fui infeliz até o mais profundo do meu ser. E não por causa da fome, porque sempre tive pão e manteiga em casa. Mas por causa da humilhação da pobreza, que é tão angustiante. Tinha que andar pelas ruas com minha mãe, que perdera a razão e estava tão débil que parecia bêbada".

Com o sucesso de seus filmes, Chaplin começou a ser acusado de "comunista" pelos americanos. Ele se defendeu: "Não defendo ideologia alguma. Sou a favor do progresso da raça humana. Sou a favor do homem, do comum".

Nada adiantou. Durante uma viagem (1952), ele recebeu a notícia que para voltar aos Estados Unidos teria que ser julgado por "comunismo".

Foi então que iniciou o seu exílio, na Suíça, só quebrado em 1972, quando voltou aos EUA para receber o Oscar da Academia Cinematográfica de Artes. Mas mesmo durante esse período, Chaplin rodou três dos seus principais filmes: *A Condessa de Honk Kong*, *Luzes da Ribalta* e *Um Rei em Nova Iorque*.

Ao contrário dos americanos, Chaplin recebeu prêmios de vários países, como a Medalha de Ouro da Itália e a nomeação de oficial da Legião de Honra da França.

Mesmo com 88 anos, Charles Chaplin ainda tinha dois projetos quando a morte o surpreendeu: um filme poético e outro realista sobre um condenado a morte que, depois de fugir da cadeia, descobre uma nova vida.

Nesse ano, no dia 16 de abril, Chaplin não fará o antigo costume de receber centenas de crianças que vinham lhe desejar um feliz aniversário. Isso faz lembrar um verso do poeta Carlos Drummond de Andrade:

Velho Chaplin . . .

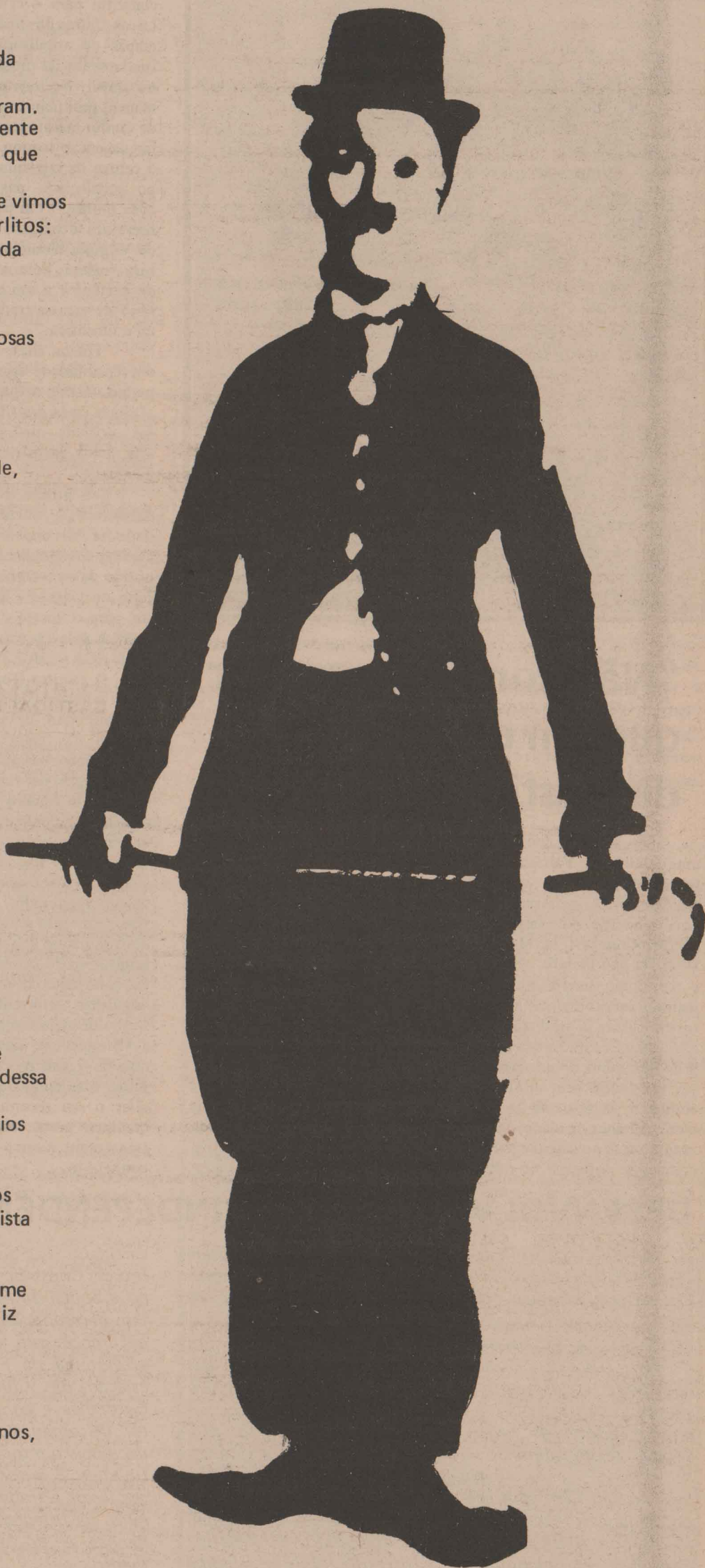
as crianças do mundo te saudam.

Não adiantou te esconderes na casa de areia dos setenta anos, refletida no lago suíço.

Nem trocasses tua roupa e sapatos heróicos pela comum indumentária mundial.

Um guri te descobre e diz: Carlitos

CARLITOS — ressoa o coro em primavera.



CLARICE LISPECTOR

(1925 – 1977)



“Não consigo acreditar que um dia deixarei de existir”.

Ela não se considerava uma intelectual. Faltava-lhe inteligência para tanto, segundo suas próprias palavras. Mas uma modéstia de Clarice Lispector? Com certeza. Mas uma coisa ela não poderia negar: foi e continua sendo uma das maiores escritoras que a literatura brasileira já produziu.

A escritora morta no dia 9 de dezembro do ano passado por um câncer generalizado no abdômen, às vésperas de completar 52 anos de idade, deixou uma obra de ficção que para os críticos se constitui no que há

de melhor na literatura deste século.

Clarice mostrou todo o seu talento a partir de 1959 com os contos “Laços de Família”. Em 1961 seria a vez do romance “A maçã no escuro”. Entretanto, foi em 1944, com o romance “Perto do Coração Selvagem”, que ela passou a ser considerada mais que uma boa promessa.

A obra da escritora, que nasceu a 10 de dezembro de 1925, numa aldeia de Tchetchelnik, na Ucrânia (URSS) — escala na viagem de seus pais,

imigrantes, rumo ao Brasil — se constitui para o crítico Fábio Lucas “numa das mais perfeitas etapas de atualização e aprofundamento da prosa de ficção no Brasil. No conto e no romance, produziu uma narrativa de cunho metafísico, em que a linguagem se tornou como que o centro da especulação e campo privilegiado das contradições morais. Tem para a nossa literatura densidade análoga a de Virgínia Woolf para a literatura inglesa, com a vantagem de pertencer a um corpus literário de escassa tradição cultural e filosófica.”

“Quem tiver um pouco de sensibilidade compreenderá perfeitamente o que escrevo”, afirmou certa vez Clarice a certos críticos que consideram seus livros herméticos, difíceis demais.

Seu último livro *A hora da estrela* — concluído e guardado há dois anos — mas só recentemente publicado, é como outras de suas obras, um livro feito de viagens e deslocamentos para o âmago do intervalo entre as palavras e as coisas.

A HORA DA ESTRELA

O escritor Rodrigo S. M. conta a história de uma nordestina anônima, datilógrafa que tropeça nas palavras e mora num quarto barato com mais três colegas na rua do Acre, no Rio de Janeiro. Desconhecida e irreconhecível por si mesma, Macabéa (nome que “mais parece doença de pele”, como lhe diz o seu primeiro e único namorado, Olímpico) vive “em tanta mesmice que de noite já não se lembrava do que acontecera de manhã”. Ela não diz coisa com coisa, não tem a linguagem convencional dos símbolos sociais que interessam a Olímpico, o namorado. Os dois são iguais na carência e na fome. Mas enquanto Olímpico quer o seu reconhecimento a qualquer preço, Macabéa já o transgrediu, mesmo antes de reconhecê-lo.

DESENVOLVIMENTO COM INDEPENDÊNCIA

DESENVOLVIMENTO SEM DEPENDÊNCIA— Pierre Uri, tradução de Ronaldo Sergio de Biasi, Editora Atlântica, 183 páginas.

O Terceiro Mundo não pode se desenvolver adequadamente a não ser que os fatores de dependência sejam eliminados. A afirmação é de Pierre Uri, no seu livro que acaba de lançar: “Desenvolvimento Sem Dependência”. Para isso, ele recomenda que o planejamento do de-

seenvolvimento se baseie nas perspectivas de crescimento e distribuição da população; que os investimentos privados sejam adaptados às necessidades dos países em desenvolvimento; e que os sistemas monetários sejam estabilizados de forma a eliminarem as barreiras ao comércio internacional.

Pierre Uri é conselheiro de estudos do Atlantic Institute for International Affairs, professor da Uni-

versidade de Paris e membro do Conselho Econômico e Social da França. Ele tem desempenhado um papel importante na política econômica da França, na criação das Comunidades Européias e como consultor de organizações internacionais em todos os continentes. É autor de numerosos livros e trabalhos a respeito da Integração, das finanças e do desenvolvimento.

DO CAETÉS ÀS “LINHAS TORTAS” DO ALAGOANO GRACILIANO RAMOS

Quem não tem saudades de Graciliano Ramos, o imortal criador de *Os Caetés*, *S. Bernardo*, *Angústia*, *A Terra dos Meninos Pelados* e sobretudo *Vidas Secas* e *Memórias do Cárcere*?

A pergunta nos veio graças a trabalho biográfico do prosador nordestino, escrito por Fernando Alves Cristóvão, já em segunda edição revista e que nos foi enviado pela Sulina.

O livro de Fernando Alves Cristóvão estuda em Graciliano Ramos a estrutura e os valores de um modo de narrar. A obra nos parece de extrema significação, principalmente se levando em conta a precariedade de nossa cultura a nível popular em relação a temática abordada, que é a narrativa em um de nossos mais aplaudidos autores.

Lançamento da Editora Brasília/Rio — Coleção Letras — a obra veio engrandecer o trabalho daqueles que lutam pela vulgarização e retorno do estudo e praticidade dos temas de redação, inclusive seu retorno à didática escolar. Conforme abordamos na página Ensino da presente edição, há extrema necessidade de uma volta ao estudo da língua pátria e da discriminação de tarefas em nossas escolas visando a redação de textos.

E é precisamente nestes termos que o livro “Graciliano Ramos: estrutura e valores de um modo de narrar” enquadra-se na realidade brasileira de nossos dias. E Fernando Alves Cristóvão nos dá em narração amena, diríamos, em estilo reportagem, uma temática limpa, segura, direta e por isso mesmo, de fácil assimilação.

Graciliano Ramos (1892-1953) nasceu na cidadezinha de Quebrangulo, no Estado de Alagoas. A obra que deixou é vasta. Vasta e de excelente qualidade. O autor de “Graciliano Ramos: estrutura e valores de um modo de narrar” assinala que “não nos foi possível obter todas as últimas edições, revistas pelo autor e assinaladas na bibliografia final porque não existe uma edição crítica das obras de Graciliano Ramos”. E achamos que esta é mais uma razão para nos parabenizar com a iniciativa da Editora Brasília/Rio, pois sem dúvida, a obra editada enriquece sobremaneira a bibliografia do autor de *Memórias do Cárcere*.

PROTEJA O SEU TRIGO E SUA PELE

Use Dimetoato da Montedison (Rogor) — um produto de altíssima eficiência e baixíssimo índice de toxidez dermal.

Recentemente uma equipe de pesquisadores do CNPQ de trigo Embrapa, Passo Fundo, RS, fez um estudo comparativo entre 15 produtos tradicionais e novos, de combate aos pulgões do trigo.

Foram levados em conta critérios de eficiência, aumento de produção e custo do produto. O Dimetoato (Rogor, marca registrada da Montedison) se classificou em 2.º lugar, sendo que ganha longe de todos os outros em termos de segurança, por ter baixo índice de toxicidade.

Portanto, Rogor (Dimetoato da Montedison) continua sendo a proteção indicada para o seu trigo. E para sua pele.



MONTEDISON DO BRASIL LTOA

DIVISÃO AGRÍCOLA

Av. República do Líbano, 1921
Tel: 71.0466, 71.8283 e 70.4016
Telex: 1122731 - São Paulo - SP.



GRUPPO

FAÇA BOM USO DAS FRUTAS E LEGUMES

Com um pouco de tempo — e boa vontade — você poderá armazenar alimentos gostosos, feitos com frutas e legumes, e consumi-los fora da safra. Eis alguns conselhos para fazer conservas, compotas, geléias, doces em pasta e sucos.

FIGADA

Pegue figos maduros, descasque, pique e amasse-os. Pese a massa e, para cada quilo de massa adicione 600 gramas de açúcar. Use fogo forte, mexa sempre

com uma colher de pau, até soltar do fundo da panela ou tacho.

MARMELADA BRANCA

1/2 kg de massa de marmelo.

1 kg de açúcar

Os marmelos não devem estar maduros (quase verdes). Escolha frutas sãs, retirando-lhes a flor. Dê uma fervura e descasque-os com faca inoxidável. Rale os marmelos em ralador de plástico, cuidando para não atingir o caroço. Com

o açúcar prepare uma calda em ponto de bala dura (já deverá estar pronta quando ralar os marmelos). Nesta calda misture muito bem a massa de marmelo e leve-a ligeiramente ao fogo; retire, bata um pouco até ficar com uma crosta açucarada por cima. Coloque em forminhas pequenas sem untá-las. Cubra as forminhas com filó (tecido semelhante ao tule) e leve ao sol forte por 2 ou 3 dias. Retire então das forminhas levando novamente ao sol com o lado de baixo vira-

do para cima, até secar.

CONSERVA DE LEGUMES

Preparo: 20 minutos
Cozimento: 40 minutos.

Rendimento: 3/4 de litro.

Uso: como base para saladas e tortas frias.

Ingredientes: 1/2 kg de cenouras novas e pequenas ou 1/2 kg de vagens tenras, 3 xícaras (de chá) de água fervente, uma colher (de sobremesa) de sal, 2 xícaras (de chá) de vinagre branco de vinho, seis grãos de pimenta do reino e uma folha de louro.

Modo de fazer: Raspe as cenouras ou limpe as vagens, retirando a fibra lateral. Escorra e coloque em vidros esterilizados. Cubra com o vinagre, junte o sal, pimenta e louro. Tampe bem e leve ao fogo numa panela com água fria, deixando ferver por 30 minutos. Deixe esfriar na água. Essa conserva estará pronta para consumo depois de dois dias.

COMPOTA DE UVA

Ingredientes: 1 kg de uva, 2 xícaras de açúcar, 2

xícaras de água.

Modo de fazer: lave bem as uvas. Com o açúcar e a água, faça uma calda. Tire as uvas do cacho e coloque em vidros esterilizados. Derrame a calda em cima das uvas. Com uma faca inoxidável, retire as bolhas de ar. Limpe a borda do vidro e tampe-o bem. Leve ao banho maria por 20 minutos.

LIMONADA SABOROSA

Quando você for fazer limonada, passe o limão inteiro na máquina de moer. Terá assim um suco mais forte e também mais saboroso.

ORGANIZE SEU TEMPO

Para que você consiga dormir sossegada, e acordar sem tanta pressa, deixe tudo o que for possível preparado de véspera: meias, roupas íntimas, sapatos e vestido escolhido; lenço, documentos, etc. dentro da bolsa, inclusive com anotações do que terá que fazer. Arrume a mesa para o café e pronto. Experimente proceder assim, e você terá um sono tranquilo e acordará sempre bem humorada.

AVALIAÇÃO DE TRABALHOS NO 1º ENCONTRO DE SENHORAS



Senhoras e filhas de associados no 1º Encontro.

No mês de março de 1976, a professora Noemi Huth, do setor de comunicação e educação da COTRIJUI, deu início a um trabalho junto às esposas e filhas de associados da cooperativa. O envolvimento foi tanto que somente agora, no início de dezembro, foi realizado o Primeiro Encontro de Senhoras. Nessa reunião ampla, se debateu o que já foi feito, a nível de avaliação, separando os pontos positivos dos negativos.

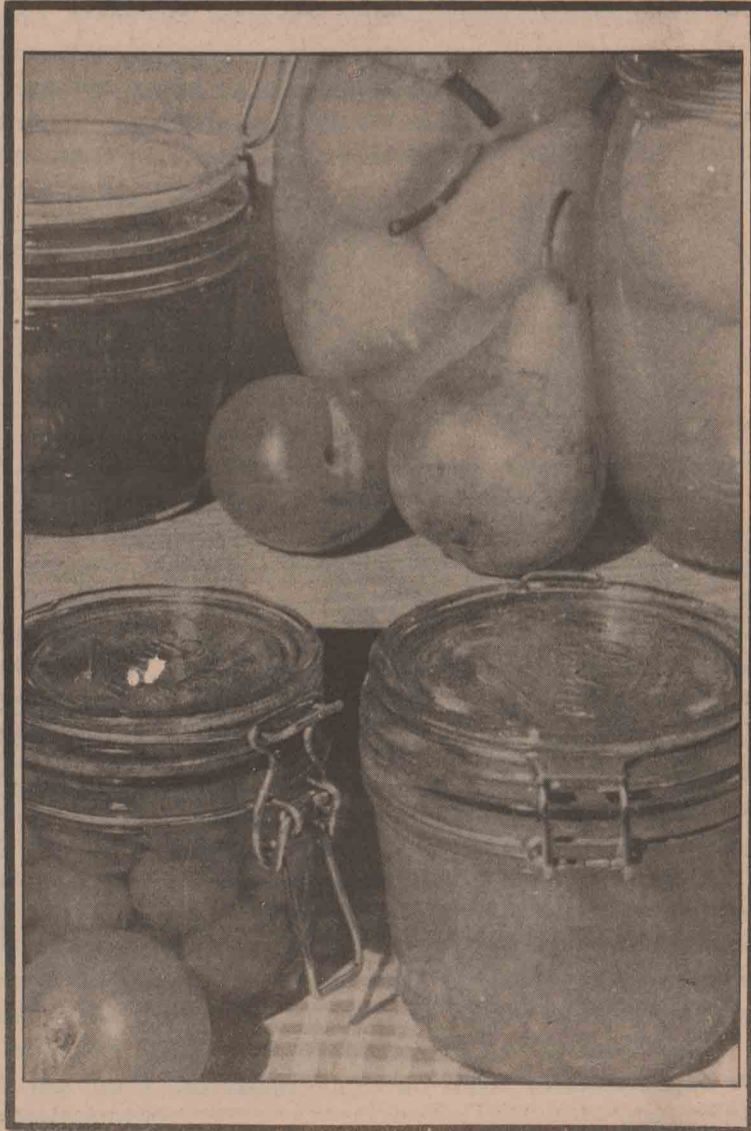
DA HIGIENE NA ORDENHA AO USO DA SOJA NA COZINHA

Durante os 20 meses

em que desenvolveu seu trabalho junto às senhoras, Noemi Huth contou com o assessoramento de colegas do setor de comunicação e educação, do Departamento Técnico, da direção e também do convênio COTRIJUI/FIDENE. Nesse período, organizou e colocou em funcionamento 22 núcleos, sendo cinco em Vila Jóia; sete em Augusto Pestana e os demais 10 no interior de Ijuí. Dinâmica, jamais restringiu a certos assuntos o programa que desenvolve junto aos núcleos. Assim é que, desde o uso da soja na alimentação caseira, à confecção de roupas, se discutia educação

dos filhos, primeiros socorros, extensão cooperativista, higiene, diversificação, etc.

O encontro se prolongou durante todo o dia 1º de dezembro, na sede da AFUCOTRI, em Ijuí. Contou com 82 participantes, numa média de quatro por núcleo já organizado. A assessoria de comunicação e educação da COTRIJUI, de posse de extenso relatório do encontro, procurará agora buscar solução para os problemas apresentados, e reaplicar nos núcleos que serão criados a partir deste ano, tudo o que de bom se fez em 1976/77 junto as senhoras e jovens.



DIVERSIFICAR: MAIS UMA ALTERNATIVA ECONÔMICA

Diversificar. Sem dúvida, essa foi uma das palavras que mais se ouviu falar durante todo o ano de 1977 na região da COTRIJUI. Isso, em muito, devido as frustrações seguidas com a plantação do trigo e as variações no preço da soja que ocorreram.

Certamente foram esses os principais motivos que levou a cooperativa a pensar numa tradição antiga: plantar as mais diferentes verduras e frutas e criar gado e aves. E isso volta agora com o nome de "diversificação". Mas qual seria o significado mais amplo dessa palavra?

Para o próprio presidente da COTRIJUI, Ruben Ilgenfritz da Silva, "a diversificação será mais uma alternativa econômica para os associados". Mas ele também esclarece: "essa disposição de diversificar deverá partir dos próprios associados. Não de uma maneira imposta, mas que seja deles a conclusão".

Dentro dessa programação desenvolvida pela COTRIJUI para a diversificação da produção, já se pode tirar o exemplo do leite, que os associados estão produzindo com bom rendimento, tendo os meios de comercialização, industrialização, assistência técnica e recebendo um seguro lucro financeiro.

Quanto a produção de legumes, que forma o setor de horticultura (ou hortigranjeiros), dentro de todo esse programa de diversificação, ainda está no início. Mas já para o início deste ano deverá receber um forte incentivo.

Para falar em horticultura o mais indicado é o agrônomo da COTRIJUI Hélio Poulmann, que vem acompanhando desde o início esse setor, em colaboração com os agrônomos e técnicos das demais unidades. Nesta entrevista ele diz o que já se tem feito e as perspectivas da horticultura dentro do programa de "diversificação da produção" da COTRIJUI.

Cotrijornal: O que se tem feito até agora dentro de todo o programa de diversificação da produção que a COTRIJUI está desenvolvendo, mais decididamente a partir de 1977, no setor de horticultura?

Hélio: A parte de horticultura certamente será muito importante dentro de todo o programa de diversificação da COTRIJUI. De início realizamos um estudo, uma análise, desse setor em toda a região da cooperativa. E ao examinarmos o abastecimento dos produtos de horticultura na região observamos uma forte participação dos produtos de outros estados, principalmente de São Paulo e Porto Alegre. Produtos simples, como o tomate, a batata, a alface. Chegamos a conclusão que muitos desses produtos podem ser produzidos aqui na região. E já estamos orientando, se bem que ainda modestamente, produções de associados.

O que facilita a COTRIJUI desenvolver esse programa é a experiência de outras cooperativas, como a Cotia de São Paulo, que é uma das principais cooperativas do País e que essencialmente se dedica ao setor de hortigranjeiros.

Cotrijornal: Quais as condições atuais em que os agricultores daqui da região produzem horticultura?

Hélio: A região de Ijuí, por tradição, possui muitos núcleos de produtores ligados a horticultura e que têm nessa atividade um fator de rendimento muito importante para a economia familiar. Mas as suas produções são pequenas, em vista de não existir condições de comercialização, industrialização, distribuição. O que se vê hoje é o produtor entregando a sua pequena produção a intermediários e recebendo poucas vantagens, desde a assistência técnica ao preço justo.

Cotrijornal: Dentro do programa de diversificação da COTRIJUI, que tipo de propriedade se destina a produção hortícola?

Hélio: A produção hortícola se destina, de uma maneira geral, a pequenas propriedades. Propriedades menores de 10 hectares. Porque o rendimento da produção numa dessas propriedades poderá ser, no mínimo, cinco vezes maior que no sistema tradicional (trigo e soja).

Também partindo da realidade de que a mão-de-obra é quase sempre maior nas pequenas propriedades, isso é mais um fator para a produção de hortaliças que exige um alto uso de mão-de-obra.

Cotrijornal: Quais os investimentos necessários para quem deseja iniciar nessa atividade?

Hélio: Todo equipamento usado nessa atividade é de pequeno porte e de menores custos, que são os minitratores, pulverizadores e materiais de irrigação. Estes equipamentos são de uso intensivo (usados por todo ano) o que resulta num menor custo por hora trabalhada.

Cotrijornal: Há muitas exigências quanto a solo, aplicação de adubos e defensivos, na horticultura?

Hélio: O solo, o adubo e o defensivo são fatores de importância básica em horticultura. Porque a produção ocorre rapidamente, pelo curto ciclo das plantas e o produto é comercializado mais pela qualidade que pela quantidade. É preferível produzir menos e melhor do que muitos produtos de mau aspecto e inferior qualidade.

Portanto, o solo com boas condições de infiltração de água, solto, alto teor de matéria orgânica, complementado com adubação específica, normalmente bastante elevada, possibilita uma boa produção. E a aplicação de defensivos para a proteção desta produção é muito intensa, com frequentes aplicações, tornando-se indispensável, então, um uso correto para que haja a proteção do produto e que não o contamine, para não haver riscos ao consumidor.

Cotrijornal: Haveria um fator básico para se ter um bom rendimento nessa atividade?

Hélio: A dedicação, o interesse, é o fator básico do produtor. Não resta dúvida que para isso é exigido muito trabalho, de quase toda a família. Mas esse trabalho será compensado com um rendimento maior e seguro tanto da produção como nos lucros financeiros.

Cotrijornal: Um forte incentivo na produção de hortaliças iria saturar o mercado. Isso não exige da COTRIJUI um controle da produção dos associados, em seu próprio benefício?

Hélio: É indispensável que toda a produção



Hélio garante com a horticultura

hortícola, como em outros setores, seja programada para se saber quanto e quando será produzida. Com isso se poderá prever a distribuição, dando com isso uma maior segurança aos produtores. É importante que o associado que se dedicar a essa atividade seja realmente um produtor, não que entregue de vez em quando as sobras de sua produção. Para alcançar a estabilidade de preços que será benéfica para o produtor, e também para o consumidor.

Cotrijornal: O incentivo para a produção, não somente de hortifrutigranjeiros que a COTRIJUI vem desenvolvendo dentro do programa de diversificação, é visando o consumo próprio do agricultor ou também pensa em comercializar, industrializar, esses diferentes produtos?

Hélio: A melhoria da condição alimentar do associado é um dos objetivos do programa, visto que esses produtos são importantes para a conservação da sua própria saúde. Mas também a comercialização e a eventual industrialização são condições necessárias para tornar essa atividade mais uma alternativa econômica dos associados. Para que isso ocorra é necessário, sem dúvida, que a COTRIJUI assuma a comercialização, a industrialização e assista tecnicamente a produção dos associados, o que já estamos fazendo desde o início de 1977 e que estimularemos ainda mais a partir dos próximos meses.

É inegável que isso vai exigir da COTRIJUI muitos investimentos, como: armazéns, equipamentos de classificação e outros. Mas serão investimentos que virão em benefício do próprio associado.

Por outro lado, a atual estrutura de abastecimento através de CEASAS (Postos de vendas e compras de horticultura que existem em quase todas as capitais brasileiras) vem ao encontro para a COTRIJUI pensar em comercializar e distribuir grande parte da produção dos associados, mesmo para outros estados brasileiros.

Cotrijornal: O que o associado interessado em participar neste programa de diversificação da produção desenvolvida pela COTRIJUI deverá fazer?

Hélio: Os interessados devem entrar em contato em sua própria unidade, com o Departamento Técnico, onde receberá as necessárias informações. De princípio não há nenhuma exigência. Todos poderão participar. Todavia, com esse contato do associado com o Departamento Técnico se concluirá qual a cultura que será mais apropriada para a sua propriedade, e como faremos todo o acompanhamento da sua produção.

COOPERATIVISMO DOBROU A PRODUÇÃO DE LEITE

Há dois anos começou a tomar forma um movimento favorável à formação de um "pool" de cooperativas, para atuar na área de laticínios — começando pela produção do leite até a industrialização, buscando satisfazer as necessidades e exigências do mercado. Recordar-se que um dos principais mentores desse esforço foi o agrônomo Ruben Ilgenfritz da Silva, diretor-presidente da COTRIJUI. Das viagens e contatos que fez e da mobilização das cooperativas gaúchas, se formou a Cooperativa Central Gaúcha de Leite Ltda-CCGL. Em nossa última edição, focalizamos diferentes ângulos da atuação dessa central. E se hoje voltamos ao assunto, é porque mais uma vez o cooperativismo foi a resposta certa para os anseios dos produtores, justo no momento em que mais precisavam.

PRODUÇÃO DUPLICOU
Resultado da atuação

dinâmica dos departamentos técnicos das cooperativas associadas à CCGL, a produção de leite dobrou em menos de sessenta dias. Dos 14 mil litros diários, está se coletando atualmente, em média, 30 mil litros. O produto, em sua maior parte, provém das bacias de Ijuí e Panambi, e em menor escala, da área de ação da COTRISA. Por sinal, esta está com seu posto de resfriamento em adiantado estado de construção.

Nesses dois meses de ação direta produtor-indústria, já foi possível concluir que a viabilidade para o leite, mais que uma perspectiva, está na produtividade. Por essa razão, a direção da CCGL, com o apoio das cooperativas associadas, espera elevar para 100 litros diários a média por produtor, atualmente ao redor de 20 litros. A esse nível, o produtor de leite terá adquirido uma posição economicamente rentá-

vel, sendo uma nova opção.

A reportagem do COTRIJORNAL, que acompanha mensalmente o andamento da atividade leiteira da região, voltou a falar com a direção da Central de Leite. Seu vice-presidente, Rubem Wolff, afirma que parte do sucesso que se alcança está na atividade redobrada dos transportadores do leite. Algumas linhas já foram duplicadas, fazendo duas coletas diárias. Noutras, esta providência será tomada tão logo a produção compense dois carregamentos por dia. É fácil deduzir que, com essa medida, os índices de acidez estão baixando, e o leite atinge melhor qualidade. Os reflexos dessa atuação são sentidos a nível da indústria, que perde menos produto no desnate, recurso para aproveitamento do leite ácido. Atualmente, dos 30 mil litros diários que a CCGL recebe em Ijuí, 15 mil se destinam a

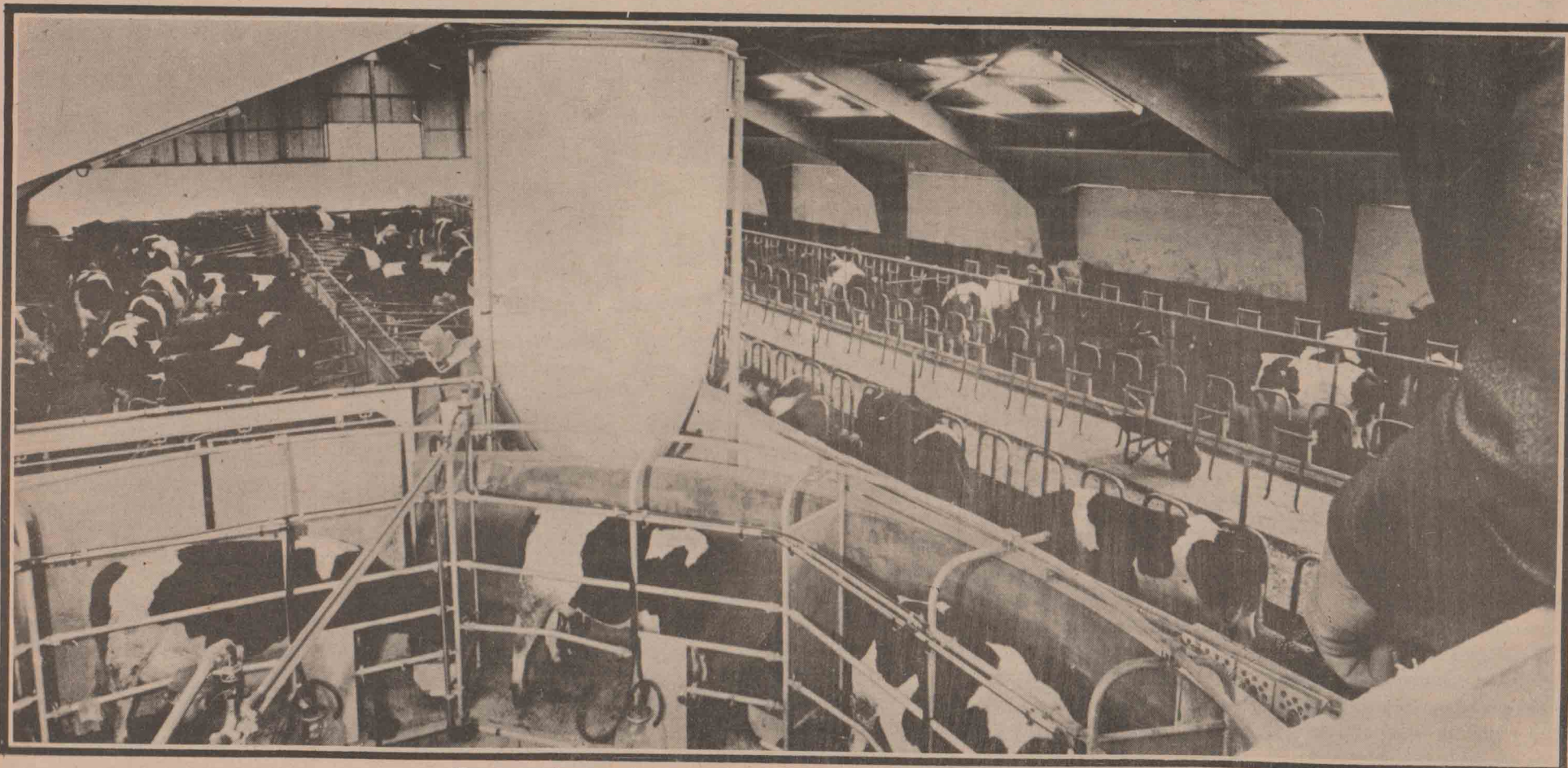
transformação em queijo e manteiga, e os demais 15 mil litros são pasteurizados e entregues ao mercado varejista. Para o produtor, a implantação das plataformas que centralizam a coleta e o recolhimento duas vezes por dia também foi altamente positivo, pois o leite agora se expõe menos aos fatores que antes contribuíam para que se tornasse ácido, fazendo baixar seu valor. A CCGL informou que os preços, por litro, são os seguintes: Cr\$ 3,10 o litro destinado a consumo; Cr\$ 3,05, o litro cuja qualidade permita a transformação em queijo (ou manteiga, em caso de sobra), e Cr\$ 1,70 por litro de leite ácido, destinado ao desnate.

A NOVA USINA EM JULHO

Pela previsão, em julho a usina da CCGL em Ijuí deverá entrar em funcionamento. Até lá, já se

terá criado condições para uma coleta mais perfeita do leite. Assim, todo o produtor que entregar de 20 litros acima, por dia, terá um tarro individual. Com isso, se evitará que a cada parada ou plataforma o vasilhame seja aberto, e mesmo que produto eventualmente ácido comprometa a qualidade do restante do leite depositado no mesmo tarro.

Em termos de mercado, contatos continuam sendo feitos, principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro. Quanto a usina, terá capacidade para transformar — pasteurizar, fazer queijo ou manteiga — cerca de 300 mil litros diários, ou seja, dez vezes mais a produção que recebe diariamente. Então, os agricultores que no devido tempo resolverem optar pela produção de leite como uma alternativa de diversificação, já estão recebendo recompensa pelo seu investimento.



Vista parcial de um tambo ultra-moderno na Alemanha. Foto "Inter Naciones".

INTOXICAÇÃO! UM PERIGO

Recentemente, em um dos hospitais da região, seis pessoas foram internadas por apresentarem sintomas de intoxicação.

Este fato pode levar a várias conclusões, e com certeza os comentários recairiam sobre falta de conhecimentos sobre os pesticidas utilizados na agricultura.

No entanto, em inquérito epidemiológico realizado, curiosamente, todos os intoxicados tinham conhecimento da toxicidade dos defensivos que estavam aplicando e conheciam as medidas que deveriam ser tomadas para prevenir as intoxicações e apesar disso houve agricultores que manipularam os defensivos com as mãos e não as lavaram depois.

Por que esta lamentável falta de consideração pela vida? Temos procurado alertar os produtores sobre os perigos dos defensivos agrícolas quando utilizados inadequadamente.

Temos utilizado jornal, programas de rádio, palestras com agricultores, cursos, para levar informações necessárias para evitar os problemas das intoxicações.

Os técnicos que recomendam a utilização desses defensivos sentem-se também responsáveis pelos problemas que podem causar, quando mal empregados.

Estas ocorrências, estes envenenamentos conscientes, nos deixam preocupados, porque sentimos que o produtor não tem assumido as responsabilidades que lhes cabe.

Uma vez que o próprio agricultor não valoriza a sua própria vida, dificilmente procurará diminuir os problemas que os defensivos agrícolas podem provocar com relação a poluição ambiental.

Neste artigo, utilizando informações de pesquisadores, procurarei transmiti-las aos leitores com um apelo à busca da compreensão de todos para a conscientização daqueles que utilizam estas substâncias tóxicas para o controle das pragas das plantas cultivadas. Todos os inseticidas possuem um determinado grau de toxicidade.

Dizer que um defensivo não é tóxico, não é verdade. Podemos dizer que uns produtos são mais ou menos tóxicos que outros.

O grau de toxicidade de um inseticida é expresso pelo LD50-mg/kg. (dose LETAL), que é definido como sendo "A quantidade do princípio ativo do pesticida, expresso em miligrama por quilo de peso vivo do animal, suficiente para causar 50% de mortalidade de uma população".

Estes testes são feitos com grupos de animais sendo os mais utilizados ratos.

Assim, por exemplo, um defensivo com LD50 = 20 mg/kg, veremos que para um homem de 70 kg, se precisaria 1,4 gramas de princípio ativo para causar grandes sintomas de intoxicação. Se o produto for formulado com 20% de princípio ativo, seriam suficientes 7 gramas do produto comercial para provocar uma grave intoxicação.

Dos produtos hoje empregados na agricultura o LD50 varia de 3 a mais de 10.000 mg/kg.

Segundo o "Manual de Entomologia", os inseticidas são classificados da seguinte maneira quanto a sua toxicidade:

tumores malignos, perturbações da consciência, lesão citolítica hepática, podem ser cáusticos, acarretam vômitos, dermatites, fibrose pulmonar, hemorragias, edema pulmonar, dores de cabeça, dificuldade respiratória, perturbações neurológicas, podem provocar efeitos teratogênicos, como mortalidade fetal e outros efeitos congênitos graves como fenda palatina, defeitos nos rins e morte.

Poderia ser enumerado uma série de efeitos graves que podem provocar, no entanto é nossa preocupação alertar aos produtores de que este grupo de defensivos deve merecer todas as precauções recomendadas para o seu manuseio.

SINTOMAS DE INTOXICAÇÃO: Enumerarei algumas informações médicas para que o agricultor possa caracterizar um sintoma de intoxicação.

INSETICIDAS FOSFORADOS: Neste grupo há defensivos altamente tóxicos. Atuam como inibidores da colinesterase.

Alguns sintomas de intoxicação: tosse, visão borrada, aumento das secreções brônquicas, vômitos, cólicas, diarreia, colapso respiratório, cãibras, dores musculares, hipertensão arterial passageira, ansiedade, confusão mental, convulsões, colapso, depressão dos centros cardio respiratórios, coma.

TRATAMENTO: Um tratamento de emergência deverá ser feito a base de sulfato de atropina, administrado pelas vias intravenosa ou intramuscular de 1 a 6 mg, repetindo a dose cada 5,10 ou 30 minutos, até desaparecer os sintomas.

É contra indicado administrar morfina, ou qualquer tranquilizante. A aplicação do sulfato de atropina, deverá ser feito tão logo se caracterize a intoxicação por fosforado, no entanto o paciente deverá ser levado imediatamente ao médico.

Exemplos de alguns inseticidas fosforados: Paration metílico (Folidol); Dimetoato (Dimetoato, Dynation-S, Roxion); Metil-demeton (Metosystox-i); Monocrotofós (azodrin), Ometoato (Folimat), Vamidotion (kilval).

INSETICIDAS CLORADOS: Atuam sobre o sistema nervoso central. Armazenam-se no tecido gorduroso. Possuem efeito

acumulativo no organismo do indivíduo, isto é, uma vez que o veneno penetrou na gordura, dificilmente poderá ser eliminado.

Sintomas de intoxicação: Dores de cabeça, contrações musculares, tremores, convulsões, parestesia da língua, lábio, face e mãos, perturbações do equilíbrio, alteração dos reflexos, perda do apetite, mal estar geral, dores musculares, lesões hepáticas e renais nos casos crônicos.

TRATAMENTO: O tratamento é sintomático, para tanto o paciente deverá ser levado imediatamente ao médico mais próximo.

Alguns inseticidas clorados: DDT (Toxafeno + DDT Pocotron + DDT) Canfeno-clorado (Toxafeno; Nitrofenox; Rhadiafene, Paratox), Endo-sulfan (Thiodan); endrin (Endrex).

MEDIDAS DE PRONTO SOCORRO:

REMOÇÃO DO AGENTE TÓXICO:

1 - Retirar o paciente do local onde foi intoxicado.

2 - Banho frio com água e sabão, trocar as roupas, lavar os olhos.

3 - Provocar vômito ou lavagem gástrica quando o tóxico foi ingerido. O vômito pode ser provocado com o dedo na garganta. Nunca provocar o vômito em pessoas inconscientes, nem em casos de ingestão de substâncias cáusticas, ou de solventes orgânicos, como querosene. Nestes casos a lavagem gástrica é indicada.

4 - Ainda em casos de ingestão de tóxicos, os intestinos podem ser evacuados por meio de laxativos não oleosos.

VIAS AÉREAS E RESPIRAÇÃO:

1 - Remover o muco ou vômito da boca do paciente.

2 - Eliminar obstruções mecânicas, corrigindo a posição da língua, por exemplo.

3 - Se a respiração não é satisfatória, aplicar respiração artificial.

CIRCULAÇÃO:

1 - Afrouxar toda a roupa do paciente quando estiver apertada. Colocar as pernas mais altas que o corpo e cobri-las para aquecer.

2 - Massagem cardíaca, por pessoas treinadas, quando o paciente apresentar pulso fraco.

3 - Procurar o médico imediatamente.

PRECAUÇÕES NO USO DE DEFENSIVOS:

RECOMENDAÇÕES GERAIS:
1 - Manter fechado a chave o depósito de defensivos.

	LD 50 mg/kg	Dose Letal provável para um homem adulto
Altamente tóxico	5 - 50	1 colher de chá
Regularmente tóxico	50 - 500	até 2 colheres de sopa
Pouco tóxico	500 - 5000	até 2 copos
Praticamente tóxicos	acima de 5000	até 1 litro

No entanto, a dose letal de um produto só serve para indicar a toxicidade aguda e não tem qualquer relação com o efeito tóxico crônico que podem provocar em indivíduos que se expõem por um tempo prolongado a defensivos de baixa toxicidade.

Para exemplificar, podemos lembrar que os fungicidas do grupo dos ditiocarbonatos, se bem que poucos tóxicos sob ponto de vista agudo, quando administrados diariamente, em pequenas doses junto com a alimentação, podem acarretar aumento da Tiroide com decréscimo do teor de iodo dessa glândula. (Dr. Waldemar F. de Almeida).

E assim são citados vários defensivos considerados pouco tóxicos e que no entanto podem acarretar efeitos carcinogênicos, mutagênicos ou teratogênicos: Alguns exemplos são

citados por W.F. de Almeida:

1) Inseticidas a base de Carbaril, composto pouco tóxico, sob o ponto de vista agudo, quando administrado em ratos, durante alguns meses em doses de 100 ppm na ração acarreta maior intervalo no ciclo estral nas fêmeas, e diminuição da mobilidade dos espermatozoides nos machos.

2) Produtos à base de Mercúrio, provocam alta incidência de lesões cerebrais nos recém-nascidos, sendo considerado uma substância de efeito teratogênico.

3) Alguns defensivos apresentam efeitos mutagênicos, que induz rearranjos cromossômicos em ratos.

4) Os efeitos carcinogênicos são identificados pela formação de tumores malignos em animais expostos ao defensivo. Alguns compostos organo-clorados, tem produzido tumores

malignos primários no fígado de roedores. Por outro lado, os estudos epidemiológicos realizados no Brasil, nos Estados Unidos e na Índia, não tem demonstrado a ocorrência desses tumores em pessoas altamente expostas ao DDT.

5) Alguns inseticidas fosforados acarretam em aves e em mamíferos, inclusive no homem, diminuição nítida dos movimentos ou mesmo paralisia completa, quando destroem a bainha de mielina dos nervos. Em alguns casos a paralisia pode aparecer depois de algum tempo sendo chamada de ação neurotóxica retardada.

Com relação aos herbicidas, poucos estudos completos foram realizados para sua avaliação toxicológica.

Devem portanto merecer todos os cuidados que são dispensados aos demais defensivos.

Os herbicidas podem pro-

MORTAL AOS AGRICULTORES

* Luiz Volney Mattos VIAU

2 - Fazer com que as pessoas que trabalham com defensivos conheçam os perigos dos mesmos.

3 - Divulgar os defensivos mais utilizados na região para que os hospitais possam ter uma previsão dos antídotos recomendados.

ANTES DA APLICAÇÃO:

1 - Ler os rótulos das embalagens para seguir exatamente todas suas instruções.

2 - Evitar inalar os vapores, as gotículas ou o pó, bem como evitar o contato com a pele.

3 - Não fumar, mascar fumo ou chicletes, comer ou beber enquanto estiver trabalhando com defensivos.

DURANTE A APLICAÇÃO:

1 - Usar macacão de mangas compridas, luvas e máscara adequada.

2 - Afastar as crianças e pessoas desnecessárias aos trabalhos de pulverização.

3 - Não aplicar contra o vento, não fumar nem comer durante a aplicação.

DEPOIS DA APLICAÇÃO:

1 - Enterrar as embalagens vazias dos defensivos.

2 - Tomar banho, trocar toda a roupa após o término do serviço.

3 - Se continuar o trabalho no dia seguinte, vestir roupa limpa.

CUIDADOS GERAIS:

1 - Procurar utilizar produtos de baixa toxicidade e seletivos, pois os inimigos naturais das pragas auxiliam no seu controle.

2 - Não misture inseticida sem a recomendação técnica.

3 - Aplique defensivo quando o tempo for bom.

4 - Evitar que os poteiros sejam atingidos pelos inseticidas, caso isto ocorra, retirar os animais do local.

5 - Proteger as vertentes, açudes, lagos e riachos.

6 - Evitar a contaminação das águas não levando os equipamentos de pulverização nesses locais.

7 - Nunca aproveite as embalagens dos defensivos para outros fins.

8 - Pessoas fracas, doentes e idosas não devem trabalhar em pulverização.

9 - Não desentupir bicos ou mangueiras com a boca.

10 - Não manipular os defensivos com as mãos, mesmo que sejam de baixa toxicidade.

11 - Não tomar leite após ou durante a pulverização, pois os inseticidas clorados se depositam nas gorduras.

12 - Ao sentir-se indisposto durante a aplicação, pare imediatamente e procure o médico.

* Eng. Agr. Luiz V. Mattos VIAU
Depto. Técnico da COTRIJUI



Este homem está protegido dos resíduos venenosos do defensivo. Faça como ele. Não arrisque a sua vida.

CUIDADO! VOCÊ MANIPULA VENENO

As pragas das lavouras precisam ser combatidas. Não resta dúvida. Mas antes de tudo tem que se pensar na saúde do agricultor e na preservação do meio ambiente.

Há dados hoje que assustam qualquer pessoa. Conforme as informações fornecidas pelo Programa Nacional de Defensivos Agrícolas e publicadas no segundo número da Revista Agricultura e Cooperativismo, da Fecotrigo, numa reportagem que valeu ao editor André Pereira o maior prêmio do jornalismo agrícola do País, até 1980 o Brasil deverá consumir 229 mil toneladas de defensivos. Durante 1976 foram aplicados aproximadamente 50 mil toneladas, somente no Rio Grande do Sul. E o pior: a cada ano cresce o número de vítimas causadas pela má aplicação e pelo forte efeito dos defensivos.

Mas como garantir a saúde dos agricultores e preservar o meio ambiente? O mais importante, antes de tudo, é que o agricultor saiba como aplicar o veneno, seguindo à risca todos os cuidados, que nunca são demais. Depois disso, pode-se exigir ainda mais dos agricultores, que antes de pedirem qualquer financiamento bancário para a compra de defensivos, apresentem uma receita fornecida por um engenheiro agrônomo.

Mas hoje também já se fala, se bem que de uma maneira ainda pouca conhecida, na aplicação de somente defensivos chamadas de "biológicos". Esses são produtos que apenas matam as pragas e não prejudicam os agricultores, os animais e nem mesmo os pequenos insetos que podem ajudar no combate às pragas.

DESINFORMAÇÃO

Muitas campanhas já foram executadas para esclarecer os agricultores sobre as corretas maneiras de aplicação dos defensivos. Se foram conseguidos bons resultados, ainda não é o suficiente. É fácil constatar, em quase toda a região da COTRIJUI, agricultores que não usam nem macacão, nem máscara, quando aplicam os defensivos, mesmos os de alto poder tóxico.

Emílio Uhde, que reside em Ajuricaba, por exemplo, mesmo que ele não faça mais a aplicação dos defensivos, costuma ficar observando os seus dois filhos — um de 19 e outro de 26 anos — que fazem esse serviço.

"O que eles gostam mesmo, diz Emílio Uhde, "é de aplicar o veneno, só de camisa e calção. Eu canso de ver eles com os braços cheios de veneno. Falo, falo, mas não adianta nada".

No ano passado, o filho mais velho do seu Emílio, teve que ir para o hospital, com diversas feridas pelo rosto. E isso ainda não serviu de exemplo do perigo que estão sujeitos, se não aplicam os defensivos com todos os cuidados necessários.



OS CLORADOS

São os defensivos clorados que hoje recebem maior carga de críticas sobre os males que provocam a saúde dos agricultores e ao meio ambiente. Porque esses defensivos clorados, como o DDT, possuem o que os técnicos chamam de "poder residual". Isto é, o veneno vai ficando aos poucos no corpo de quem aplica sem os devidos cuidados. E então chega um dia que o agricultor não consegue nem mais chegar perto do veneno que logo sente tontura ou dores de cabeça. Assim está perto de receber uma forte intoxicação que até poderá levar à morte.

O agrônomo da COTRIJUI, Luiz Volney Mattos Viau, diz que as alternativas para os agricultores, num curto prazo, seriam: "Principalmente a conscientização. Hoje ainda constatamos, que apesar dos agricultores terem conhecimento dos perigos dos defensivos, mesmo assim não adotam as medidas recomendadas para evitar as intoxicações. Depois, então, que os agricultores procurassem aplicar, de preferência, os produtos biológicos ou os de baixo poder tóxico.

Volney considera que o agricultor deverá estar, sempre, bem preparado para a aplicação

dos defensivos. Usando sempre o macacão, as luvas, a máscara e as botas.

OS BIOLÓGICOS

A produção dos defensivos biológicos que chega ao Brasil é ainda toda importada. Por isso a sua quantidade não é o bastante e os preços são um pouco mais elevados que os outros defensivos.

Talvez por essas razões que os agricultores ainda, de um modo geral, preferem adquirir os produtos tóxicos que são comprados a preços menores. Acredita que logo chegará o dia em que os agricultores estarão dispostos a gastarem um pouco mais de dinheiro, mas terão a tranquilidade que não estão prejudicando a sua saúde e o meio ambiente.

Os defensivos biológicos são organismos vivos, como bacilos, virus, fungos e uma série de insetos, que são inimigos naturais das plantas. Dessa maneira, sem nada de tóxicos, se faz o controle das lavouras pelo método chamado biológico. Os bacilos, por exemplo, se apresentam como um pó molhável para serem pulverizados sobre as plantas. Já os insetos, como a vespinha do pulgão, são criados em laboratórios e depois espalhados nas lavouras, para combaterem as pragas.

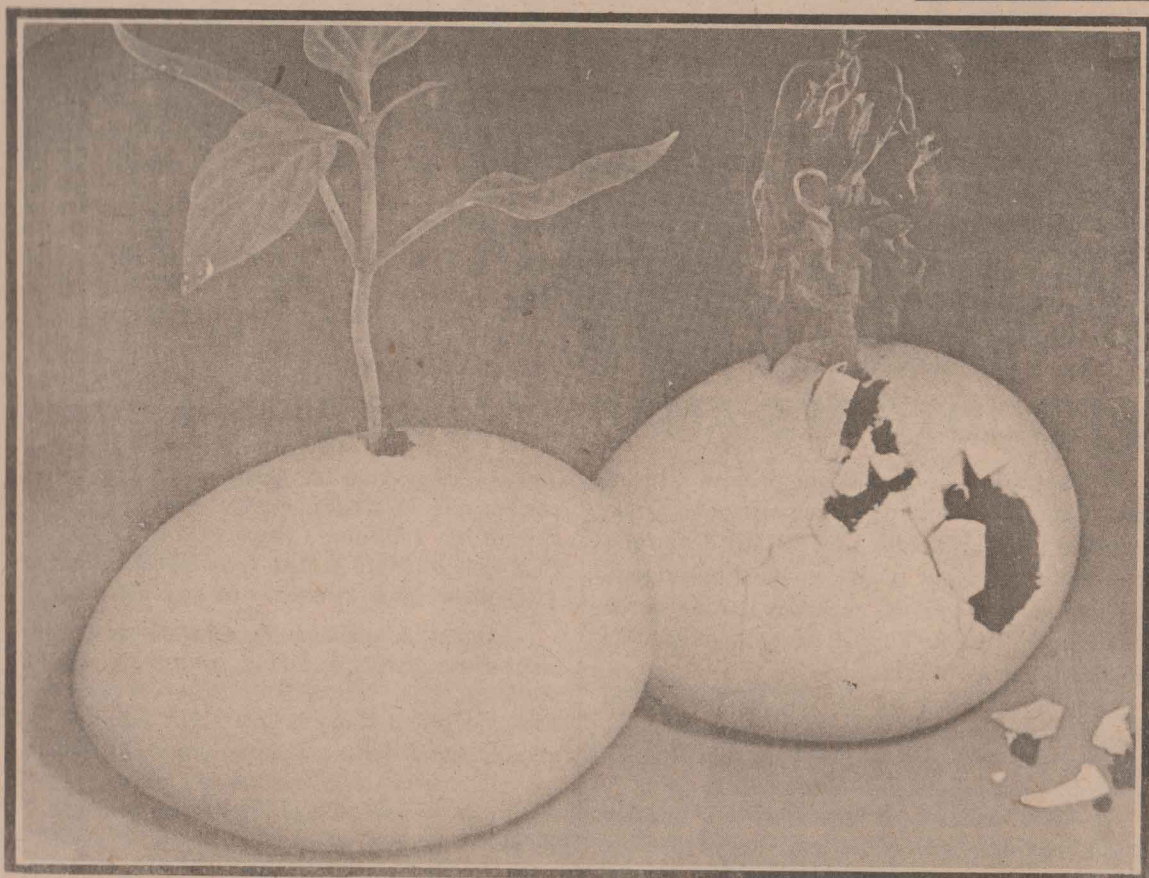
As vantagens da aplicação dos defensivos biológicos são inúmeras: Não há perigo para as pessoas, animais, pássaros, peixes, abelhas e outros integrantes do meio ambiente; é seguro para quem aplica e nem é necessário o uso de máscaras, macacão ou luvas; a área tratada pode ser habitada por pessoas ou animais mesmo no momento da sua aplicação e sua propagação fora da parte tratada, como em propriedades do vizinho, pastagens ou riacho, não ocasiona problemas, devido a sua toxicidade nula; e não existirá nenhum perigo de que restos dos venenos fiquem sobre a cultura ou que sejam absorvidos pela mesma, ainda que se aplique no dia da colheita.

RECEITUÁRIO

O Conselho Agropecuário do Rio Grande do Sul, em setembro do ano passado, decidiu exigir do agricultor o receituário agrônomo para adquirir defensivos agrícolas. Assim, cada agricultor que pedir num banco um financiamento para adquirir defensivos, antes deverá apresentar uma receita indicada por um engenheiro agrônomo. Luiz Volney Viau acredita que esta medida também reduzirá em muito os riscos dos defensivos agrícolas. "Assim o agricultor, quase que obrigado procurará o agrônomo para saber quais os defensivos que deverá usar e como fará a aplicação, no caso de ainda tiver produtos de elevada toxicidade".

OS PERIGOS DA MONOCULTURA

* Renato Borges de MEDEIROS



O maior perigo da monocultura é a possibilidade de falha numa safra. A soja, por exemplo. Até aqui tem produzido bem. Mas quem poderá afirmar que vamos ter sempre safras cheias?

Apesar dos conhecimentos científicos e de todos os esforços econômicos, o agricultor local, dentro dos métodos atuais, ainda não encontrou a solução efetiva para os seus problemas. Com o objetivo de aumentar os rendimentos de suas lavouras tem procurado aplicar as técnicas agrícolas mais modernas através do crédito.

Objetivamente o produtor tem perseguido a estabilidade econômica e o bem estar social. Entretanto, os seus objetivos não estão sendo alcançados. Num primeiro plano isto pode ser creditado às sucessivas instabilidades nos rendimentos da lavoura de trigo. Para ilustrar, basta lembrar que os rendimentos do trigo obtidos há 15 anos atrás são semelhantes aos atuais, muito embora os conhecimentos agrícolas tenham evoluído sensivelmente. Esta comparação sugere algumas perguntas para reflexão: Por que a lavoura de trigo não tem respondido a aplicação das modernas recomendações técnicas? Por que o rendimento das lavouras que receberam tratamento com fungicidas não alcançaram os rendi-

mentos esperados?

Diante do quase esgotamento das esperanças sobre o futuro da lavoura de trigo, o produtor lança-se intensivamente sobre a lavoura de soja. Esta, mesmo vivendo uma fase favorável, não tem conseguido satisfazer plenamente os produtores. Os rendimentos têm respondido ao uso intensivo dos insumos (adubos, herbicidas, inseticidas, etc.), mas os custos de produção estão se elevando a níveis que poderão ser críticos nos próximos anos.

Esta situação, à luz da história da agricultura brasileira e de países como o Chile e a Argentina, sugere que a agricultura local esteja próxima de um novo ciclo vicioso, onde o custo de um determinado aumento de rendimento poderá ser superior ao capital que este aumento é capaz de gerar. O primeiro sintoma da proximidade deste ciclo é a descapitalização dos agricultores que, para atenderem seus compromissos financeiros, são obrigados a contrair empréstimos de emergência. A causa fundamental, às vezes pouco considerado é

a redução da capacidade produtiva do solo. Para compensar a elevação dos custos pela perda da produtividade, o produtor incorpora novas áreas com o intuito de aumentar o seu volume de produtos. A ocupação de toda a área disponível esgota as potencialidades da propriedade e determina a utilização de áreas inadequadas para os cultivos anuais. Como consequência, os insumos deixam de apresentar uma resposta satisfatória, e o volume da produção pode não cobrir o capital investido.

Mas a corrida no sentido do aumento do volume de produção traz consigo outros efeitos, como a eliminação das reservas animais (bois, vacas, etc). Numa primeira etapa para liberar as áreas para os cultivos e numa segunda etapa para amortizar os empréstimos contraídos. Assim, de ano a ano, o agricultor vai sistematicamente esgotando suas reservas e aumentando seus compromissos.

No momento em que o agricultor esgota suas reservas, as suas lavouras de grãos ficam extremamente comprometidas e um fra-

casso na colheita pode pôr em risco a sua independência econômica. A partir desse momento a amortização das unidades de adubo, sementes, inseticidas, herbicidas, combustíveis, etc., ficam na dependência exclusiva dos rendimentos das lavouras. Em anos de altos rendimentos e bons preços tudo vai bem, mas em anos maus o agricultor enfrenta crises e instabilidades. Quando as sobras são escassas para lhe proporcionar bem estar, ele fica até mesmo desorientado e sem saber o rumo que deve tomar. Se isto não bastasse ainda cabe a ele absorver a inflação, que nada mais é do que produzir menos do que se é capaz de consumir.

O único caminho que assegura estabilidade é produzir mais e melhor e viver desta mais produção. Mas produzir mais não significa produzir um "montão" de soja ou um "montão" de trigo, ou de qualquer outro produto, mas produzir com economicidade alimentos que possam ser consumidos pelo povo. Isto só será possível quando tivermos uma política agrícola autêntica e anti-cíclica, onde todos os produtos agrícolas essenciais ao consumo interno sejam igualmente considerados. Paralelamente, a agro-indústria deve ser acelerada e amparada sob todos os aspectos. Não se conhece nenhuma nação agrícola que se tenha desenvolvido sem a implantação de uma agro-indústria própria e efetiva.

Muitos pensadores já afirmaram que a riqueza de uma nação consiste principalmente do trabalho de seus habitantes e do imenso valor que este trabalho incorpora, às matérias-primas produzidas. Esta afirmação permite entender com clareza o progresso real e autêntico, o qual existirá enquanto existir um povo que não abandona suas origens e seu modo de ser. Se entendermos a produção agrícola

la sob este aspecto, compreenderemos o seu profundo significado. A agricultura não é entidade beneficente, mas sim uma atividade que deve gerar riquezas e bem estar. Para que ela assim se constitua existem duas formas, quais sejam, aumentar os rendimentos e manter os custos dentro dos menores níveis. Isto, a primeira vista, parece um contra senso, mas na verdade é perfeitamente compreensível. Aumentar os rendimentos mantendo os custos a níveis baixos significa, em primeiro lugar, provocar uma profunda mudança no atual sistema de produção. O solo deve ser utilizado de maneira a conservar as suas reservas orgânicas, sem as quais qualquer sistema de produção, por mais tecnificado que seja, será pouco compensador. Se não procedermos assim, a potencialidade produtiva do solo será esgotada, e nos caracterizaremos como verdadeiros predadores.

A única forma efetiva que se conhece para manter os solos produtivos é a conveniência da lavoura com a pecuária. Se partir para um sistema integrado de produção, o produtor poderá crer no seu futuro. A história já comprovou que o homem só vive com fartura quando trabalha no sentido do aumento das riquezas naturais. Por outro lado, também tem sido comprovado que os monocultivos, além de gerar inflação, geram a descapitalização e o empobrecimento dos agricultores. É importante acrescentar que a presença da pastagem dentro de um sistema integrado de produção permitirá, além do aumento dos rendimentos dos cultivos de grão, a diversificação das receitas e a estabilidade econômica, sem a qual o bem estar social jamais existirá.

* Eng. Agr. Renato Borges de MEDEIROS
Depto. Técnico da COTRIJUI.

AS FRUSTRAÇÕES DAS SAFRAS DE TRIGO

* Rivaldo Albino DHEIN

A tão almejada "auto suficiência" em trigo pelos brasileiros parece distanciar-se cada vez mais, apesar dos esforços governamentais neste sentido. Após a frustração desta última safra, muitos agricultores estão dispostos a abandonar completamente o cultivo do cereal e, sem dúvida, a área total plantada no estado deverá reduzir-se drasticamente.

Muitos agricultores têm procurado o Departamento Técnico da COTRIJUI em busca de opções que substituam a lavoura de trigo. A produção de novilhos precoces, a engorda de bois no inverno, a produção de sementes de forrageiras de inverno e a cultura da cevada, têm sido algumas das opções procuradas.

Embora a diversificação da lavoura seja altamente benéfica, talvez até uma necessidade, não nos parece ser ainda o momento de abandonar o trigo. Para evitar riscos maiores, talvez seja conveniente reduzir a área de plantio por propriedade e, ao mesmo tempo dedicar-lhe todos os cuidados e práticas convenientes. Sabe-se que as maiores produções são obtidas através do uso integrado de um conjunto de práticas culturais e não adianta nada, por exemplo, fazer tratamentos de inseticidas e fungicidas quando o problema é a fertilidade do solo ou outro qualquer.

Não restam dúvidas que uma das principais (talvez a principal) causas das frustrações das lavouras de trigo tem sido as doenças fúngicas (oidio, ferrugem, septória, giberella, etc...). As respostas apresentadas aos tratamentos com fungicidas na última safra convenceram a maioria dos agricultores da necessidade desta prática cultural. Em muitos casos os rendimentos das áreas tratadas foram em 100% superiores às áreas não tratadas, na mesma lavoura. Mesmo assim, normalmente os melhores rendimentos obtidos, mesmo em lavouras tratadas, não ultrapassam os 900 a 1.000 kg/ha, o que é insignificante quando comparado com colheitas de 5.000 kg/ha atingidos em outros países e pouco quando comparado com rendimentos de 1.200 a 1.300 kg/ha obtidos aqui no estado há alguns anos.

Pode-se concluir desta observação que não são somente as doenças fúngicas a causa da baixa produtividade. Caberá então definirmos o que mais impede a obtenção de melhores resultados na lavoura tritícola. Os problemas podem ser diferentes de uma lavoura para ou-

tra, mas como as frustrações têm sido generalizadas, acredita-se que também exista um fator em comum, responsável pelas baixas produtividades.

Na nossa opinião um destes fatores comuns pode ser o velho problema de fertilidade, que acreditamos estar por merecer novos e mais detalhados estudos de parte dos órgãos de pesquisa e de extensão. Em especial a adubação nitrogenada nos parece muito descuidada, tanto pelos agricultores como pelos órgãos de pesquisa e assistência técnica. Todos se preocupam demasiadamente com o uso de defensivos, esquecendo-se da nutrição vegetal. Parece-nos semelhante a quereremos "curar" alguém que está com fome dando-lhe remédios, quando o mais importante e urgente seria a alimentação.

Enquanto que os órgãos de pesquisa recomendam adubação nitrogenada em cobertura no trigo, os agricultores que o fazem são uma minoria (quase ninguém), talvez até por desleixo da assistência técnica. Tem sido usado adubos de base mais ricos em nitrogênio (9-36-12), com a intenção de compensar a não adubação em coberturas. Sendo o nitrogênio um elemento altamente solúvel perde-se com grande facilidade por escorimento superficial da água, por lixiviação profunda e mesmo por volatilização.

Desta forma, adubações elevadas no momento do plantio, pouco ou nada adiantarão, já que, quando a planta mais necessitar do nitrogênio (entre 40 - 50 dias após a germinação) este terá sido perdido no solo. Pior ainda, o agricultor terá jogado fora o valor do adubo correspondente ao nitrogênio.

Enquanto que nós utilizamos em torno de 30 a 50 kg de nitrogênio por hectare no trigo (ou menos) e aplicado de uma só vez, (no plantio) na Alemanha, segundo o dr. Ottoni, do Centro Nacional de Pesquisa do Trigo, são usados 170 a 190 kg por hectare e distribuídos em três aplicações em diferentes estágios da cultura. Uma propriedade visitada pelo dr. Ottoni na Alemanha produzirá de 6.500 kg de trigo por hectare, tendo atingido em algumas áreas o alto rendimento de 8.000 kg/ha. Provavelmente esta alta produção não é devida unicamente a adubação nitrogenada mas, sem dúvida, é uma das práticas componentes do conjunto global, responsável pelas boas colheitas.

Trabalhos americanos

mostram que também nos EUA os cuidados com a nutrição da planta, em especial com o nitrogênio, são muito grandes. Alguns agricultores chegam a adicionar à adubação "inibidores de nitrificação", que evitam a perda de nitrogênio do solo. Outros usam formas de nitrogênio (amoniacais) menos so-

lúveis e ainda escolhem a forma de nitrogênio de acordo com as doenças mais comuns em sua propriedade. Verificaram que as diversas doenças são favorecidas ou prejudicadas, dependendo da forma de nitrogênio utilizada na adubação. Sobre estes assuntos específicos escreveremos nas próximas edições do COTRIJORNAL.

Voltamos a chamar a atenção para o uso integrado do conjunto global das práticas culturais. Quando apenas uma prática é esquecida, mesmo que todas as outras sejam adotadas corretamente, a produção po-

derá ser seriamente prejudicada.

Acreditamos que a diversificação, principalmente integrando lavoura e pecuária, é importante e deve ser introduzida, mas o trigo não deve ainda ser abandonado. Com o sucesso obtido com o uso de fungicidas, parece-nos que temos todas as práticas necessárias à mão. Falta-nos apenas usá-las corretamente e de maneira integrada, como um todo.

* Rivaldo Albino DHEIN é Engenheiro Agrônomo do Depto. Técnico da COTRIJUI em Santo Augusto

PRODUTORES ANALISAM AS SEMENTES

Determinar os preços, por padrões e sacos, das sementes de soja da última safra que foram vendidas pelos associados à COTRIJUI. Este foi o principal assunto que reuniu, no dia 17 de dezembro, os conselheiros das unidades produtoras de sementes de Tenente Portela, Santo Augusto, Vila Jóia e Ijuí, na AFUCOTRI da sede.

Durante toda a manhã eles discutiram, além dos preços (veja os quadros abaixo) o aumento da produção de sementes de soja, a sua qualidade e a renovação dos conselheiros para o próximo ano.

Nessa reunião, os conselheiros e também produtores de sementes das unidades, juntamente com os agrônomos da COTRIJUI, Sidnei Gervini Souza (coordenador) e Realdo Cervi, mais o administrador de empresa, Antonio Alberto Sandri, também da COTRIJUI, chegaram a conclusão que na presente safra será preciso uma produção de

450 mil sacos, com um acréscimo de 150 mil sacos em relação a safra anterior. Isso porque Dom Pedrito vai aumentar a área para a soja e a COOPEMARA de Mato Grosso (incorporada pela COTRIJUI) necessitará de sementes da região.

Quanto a qualidade das sementes de soja, foi analisado a efetivação de um programa que visará aumentar ainda mais a purificação das sementes. Para isso, cada técnico da COTRIJUI dedicará uma atenção especial a um pequeno grupo de produtores que terá uma área máxima, por variedade, de 5 ha. E o preço, por saco, já ficou fixado em Cr\$. . . 50,00.

No final da reunião os produtores de sementes discutiram a renovação do Conselho em cada unidade e a eleição de conselheiros para as unidades de Dom Pedrito e Cel. Bicaco que estão produzindo sementes de soja a partir desse ano.

IJUI		
Padrão	Sacos	Valor
Padrão I	97.616 sacos	Cr\$ 41,00/saco
Padrão II	48.913 sacos	Cr\$ 25,00/saco
Padrão III	20.006 sacos	Cr\$ 13,00/saco
Padrão IV	9.069 sacos	Cr\$ 7,74/saco
SANTO AUGUSTO		
Padrão	Sacos	Valor
Padrão I	43.714 sacos	Cr\$ 42,74/saco
Padrão II	27.628 sacos	Cr\$ 29,74/saco
Padrão III	9.236 sacos	Cr\$ 18,74/saco
Padrão IV	14.810 sacos	Cr\$ 10,74/saco
TENENTE PORTELA		
Padrão	Sacos	Valor
Padrão I	26.543 sacos	Cr\$ 31,74/saco
VILA JÓIA		
Padrão	Sacos	Valor
Padrão I	23.297 sacos	Cr\$ 42,00/saco
Padrão II	8.651 sacos	Cr\$ 28,00/saco
Padrão III	11.514 sacos	Cr\$ 15,00/saco
Padrão IV	991 sacos	Cr\$ 10,00/saco



O agrônomo Sidney Gervini Souza em reunião com produtores de sementes.

NOVAS INSTRUÇÕES PARA OS FINANCIAMENTOS DE FEIJÃO

Dando ênfase especial ao incremento dessa cultura, o Banco do Brasil acaba de receber novas instruções sobre os financiamentos de custeio da próxima lavoura de feijão, segundo declarou ao "Cotrijornal" o sr. Daley Lafuente Gimenez, chefe do serviço da Carteira de Crédito Rural da agência de Ijuí.

As instruções abrangem o financiamento de todas as variedades comestíveis, as quais podem ser implantadas em culturas singulares ou consorciadas com outro produto. O Banco concederá prioridade

aos financiamentos da espécie de tal forma que o agricultor interessado será atendido no mesmo dia em que apresentar a proposta do financiamento. Poderão ser contemplados com recursos para o desenvolvimento dessa lavoura, inclusive aqueles produtores que já tenham financiamentos para outras finalidades, tais como soja, milho, etc. Dispositivo especial na nova instrução permite, inclusive, o uso de sementes próprias, desde que de boa qualidade.

O teto de adiantamento por hectare será de até

Cr\$ 2.000,00 para as lavouras intercaladas e de até Cr\$ 3.300,00 para as culturas solteiras.

Os agricultores interessados poderão comparecer diretamente ao Banco do Brasil S.A. ou ao Departamento de Crédito da COTRIJUI, onde terão esclarecimentos pormenorizados. Se o desejarem, a abertura do crédito poderá ser feita nessa mesma oportunidade, tendo em vista a simplicidade do sistema de atendimento, conforme fez questão de ressaltar ao "Cotrijornal" o técnico do Banco do Brasil.

se continuar os tratamentos com fungicidas, principalmente cúpricos, em intervalos de 3 a 4 dias e inseticidas sistêmicos de rápida degradação para não correr riscos de permanência de resíduos nos frutos.

Pode-se ainda iniciar novas sementeiras para comercialização antes do inverno. Neste caso deve ser feito o tratamento de solo da sementeira e pulverizações com defensivos a partir do início do crescimento das plantas.

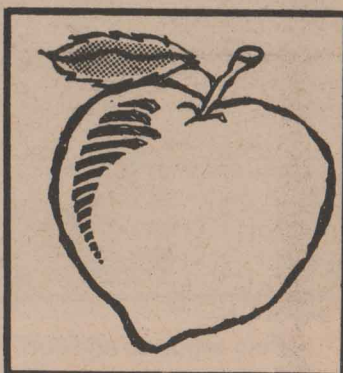


ROSÁCEAS: (macieira, pereira, marmeleiro, pessegueiro, nectarina, ameixeira). A maioria destas culturas estão em fase de maturação e colheita. Poderão aparecer nesta fase diversas podridões que deverão ser controladas. Mesmo após a colheita, são necessários no mínimo um ou dois tratamentos fúngicos para impedir a queda prematura das folhas, pois é neste período que as plantas acumulam reservas para o próximo período vegetativo após o inverno. Obs: Não usar fungicidas à base de cobre em pessegueiros, ameixeiras e nectarinas.



ALFACE: Continua-se a fazer sementeiras das variedades de verão, por exemplo, maravilha de verão, babá, para manter a continuidade de produção.

A alta temperatura exige-se que se façam irrigações diárias para manter a consistência tenra das folhas. Esta irrigação pode ser iniciada pela parte da manhã, estendendo-se pelas horas quentes do dia.



VIDEIRA: Nesta época a maioria das variedades estão em fase de maturação e poderão ocorrer diversas podridões nos frutos, que poderão ser controlados com tratamentos fúngicos. Convém continuar com os tratamentos da folhagem para evitar a queda prematura das folhas.



CITRUS: (laranjeiras, bergamoteiras, limoeiros, etc). Poderá ser necessário o controle de pulgões e cochonilhas dependendo da infestação. Para controlar os pulgões pode-se usar inseticidas sistêmicos, cujas aplicações devem ser suspensas quando estiver próxima a maturação. Quanto aos óleos minerais emulsificáveis usados no combate às cochonilhas, procure não aplicá-los nas horas mais quentes do dia, para evitar queimaduras nas folhas e frutos.

COMERCIALIZAÇÃO DE FEIJÃO PRETO

Avisamos aos senhores associados que a COTRIJUI esta recebendo feijão preto em toda sua área de ação, semelhante as modalidades da soja, ou seja, o associado poderá optar em entregar feijão preto a PREÇO MÉDIO ou em DEPÓSITO, para liquidação ao preço do dia.

A LAVOURA NO MÊS

SOJA: De uma maneira geral, a soja em toda a região da COTRIJUI deverá estar na fase de floração. Nessa época o que se faz mais necessário é o controle das pragas, como as lagartas, a broca das axilas e o fedede.

Para o controle das pragas se recomenda o uso de defensivos, de preferência os biológicos ou os de baixos poder tóxico (Leia o artigo sobre defensivos nas páginas 22, 23 e 24).



MILHO: Em janeiro, o milho já alcançou a fase de formação de espigas (grãos). Nesse período o que pode ocorrer, como já se tem registrado em pequena proporção, é o aparecimento de lagartas da espiga e da

folha, além da broca do colmo. Para evitar isso, também se recomenda as aplicações de defensivos, de uma maneira correta e sempre consultando o Departamento Técnico.



FEIJÃO: As lavouras em sua maioria estão na fase final de colheita. Neste caso, em função das altas temperaturas, recomenda-se arrancar e trilhar o feijão nas horas menos quentes do dia para evitar a debulha e a quebra dos grãos. Quando se usar trilhadeira, observar que o cilindro deve operar em baixa rotação, com o que a quebra dos grãos é diminuída.

Inicia-se também a lavoura de safrinha ou feijão do tarde (plantado em ja-

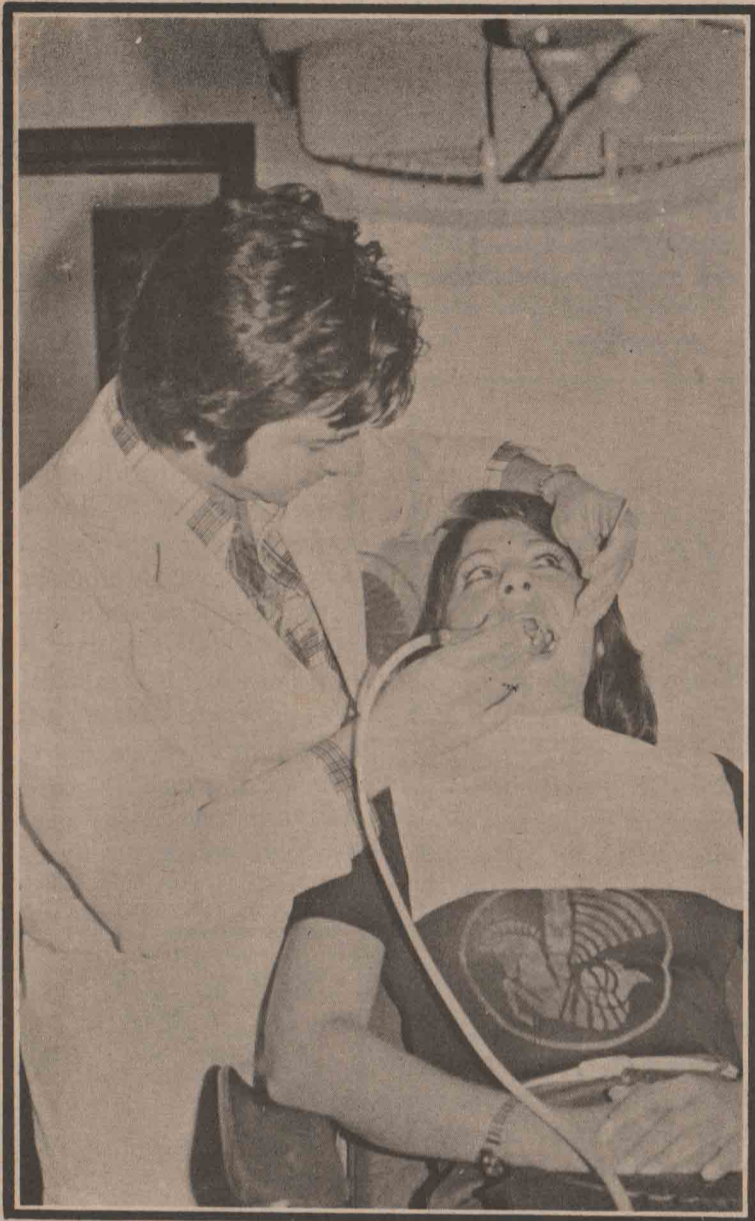
neiro), a qual é cultivada em sucessão à anterior lavoura de feijão ou batata. Esta lavoura pode dar bons resultados, desde que as condições climáticas sejam favoráveis. Recomenda-se o espaçamento de 0,35 cm entre linhas e 16 plantas por metro linear. Assim teremos maior número de plantas com mais segurança da cobertura do terreno. É muito importante fazer o controle de pragas (insetos e moléstias) desde o início do ciclo para evitar os choques ou paralizações no desenvolvimento das plantas, isto sempre seguindo a orientação do Departamento Técnico.



TOMATE: As áreas em plena produção recomenda-

Cotrijui-Unimed:

PLANO COOPERATIVO DE SAÚDE E O SEU FUNCIONAMENTO



Pelo segundo ano consecutivo os associados da COTRIJUI dispõem da cobertura na área da saúde, do Plano Cooperativo de Saúde, um convênio firmado entre a cooperativa e a UNIMED. Não se tratando de coisa nova no âmbito da assistência médico-social proporcionada pela COTRIJUI ao quadro social, ainda assim se faz necessário alguns esclarecimentos sobre o funcionamento desse plano, sua faixa de alcance e serviços que presta aos usuários e dependentes.

ÁREA DE ABRANGÊNCIA

Pelo convênio, que instituiu o Plano Cooperativo de Saúde COTRIJUI/UNIMED, os produtores associados à cooperativa tritícola e usuários, podem dispor dos serviços médicos e hospitalares em todos os municípios de ação direta da COTRIJUI, que são os de Ijuí, Ajuricaba,

Vila Jóia (Tupanciretã), Augusto Pestana, Chiapetta, Santo Augusto, Coronel Bicaco, Redentora, Braga, Miraguaí, Tenente Portela, Dom Pedrito, e mais os municípios de Caturipe, Panambi, Campo Novo, Condor, Crissiumal, Humaitá e São Martinho. Em todos eles a cobertura do plano de saúde é idêntica, não importando estarem ou não na área de ação da COTRIJUI. Dessa forma, caso um associado que resida em Coronel Bicaco, queira consultar determinado médico especialista de Panambi, poderá fazê-lo com a cobertura do convênio. É natural que tomará as devidas providências, como marcar a consulta (dia e hora), e vai estar no consultório ou hospital no momento aprazado. Além disso, convém reforçar que o plano de saúde faculta o encaminhamento do usuário para o centro médico-hospitalar

de Santa Maria, desde que haja solicitação do médico da área do convênio. Em tais casos, os custos de transporte (remoção) correrão por conta do usuário. Caso necessário, a COTRIJUI colocará à disposição uma ambulância, debitando em conta corrente do associado o equivalente a Cr\$ 4,00 por quilômetro rodado.

O CUSTO DO PLANO

Ao se tornar usuário do plano cooperativo de saúde, o associado será incluído em determinada faixa, levando-se em conta fatores como área de terra e número de dependentes, além de outros. Essa inscrição pode ser feita em horário de expediente junto as unidades operacionais da COTRIJUI, ou no próprio D.A.M.S. da cooperativa. Essa participação no custo do plano, ser-lhe-á debitada semestralmente, em conta corrente.

Já beneficiário, em casos de hospitalização, a cobertura do convênio é integral, desde que a baixa hospitalar se dê em quarto semi-privativo, isto é, de segunda classe. No caso de optar por quarto privativo ou de primeira, o usuário pagará as diferenças correspondentes a honorários médicos e diária hospitalar. Importante: nunca esquecer de apresentar a carteira da UNIMED.

O custo de participação por consulta obedece também uma escala. Assim, o beneficiário classificado como empregado rural, correspondente a letra "A" de sua carteira, pagará por ocasião da consulta ao médico, a importância de Cr\$ 15,00; pequenos e médios produtores, letra "B", Cr\$ 30,00 e os grandes proprietários ou empresários rurais, a importância de Cr\$ 60,00 por consulta, correspondente a letra "C". Igualmente no custeio de exames laboratoriais e Raio-X, é cobrada uma diferença. Letra "A", 10% do custo; letra "B", 30% e letra "C",

o equivalente a 50% do custo dos serviços. A tabela a seguir facilita o entendimento da escala de custos do convênio.

Associado	Preço da consulta	Preço do exame laboratorial
Letra "A"	Cr\$ 15,00	10 por cento
Letra "B"	Cr\$ 30,00	30 por cento
Letra "C"	Cr\$ 60,00	50 por cento

Além da cobertura médico-hospitalar e odontológica, como se verá a seguir, ainda é parte integrante do Plano Cooperativo de Saúde COTRIJUI/UNIMED um seguro de vida, cobertura esta oferecida somente ao associado, no caso o mutuário do convênio.

ATENDIMENTO ODONTOLÓGICO

O Plano Cooperativo também oferece atendimento odontológico aos usuários, mas nessa área a abrangência é menor. Igualmente o beneficiário tem uma participação na consulta, e esta importância deve ser paga diretamente ao dentista. Para os enquadrados nas letras "A" e "B", o custo é de Cr\$ 10,00 e para os da letra "C", Cr\$ 20,00. Os serviços de prótese dentária são cobrados à parte, obedecendo os preços de tabela da UNIMED. Isto também deve ser pago diretamente ao dentista. A seguir, a relação dos dentistas que podem ser procurados nos mesmos moldes do atendimento médico. Saliente-se que somente em Ijuí o atendimento ocorre em consultórios próprios da COTRIJUI, junto ao Departamento de Assistência Médica e Social. Nos demais municípios, os dentistas atendem em seus consultórios particulares.

IJUÍ: manhã: Carlos Albreto Brock, José Carlos Meister e Pedro Luiz Sanfelice; à tarde, Abilio Calegari, Edu Carlan e Sarita Vicente Ewald. O atendimento é das 8,00 às 12,00 hs, e das 13,00 às 18,00 hs, diariamente, com plan-

tão aos sábados, das 8,00 às 11,00 hs, para atendimento de casos de urgência.

VILA JÓIA: José Augusto Rubin.

AUGUSTO PESTANA: José Burtet, Norberto Dietrich e Valdir Mensch.

AJURICABA: Ademar Silveira Machado, Geraldo Sperotto e Glacir Serafini.

CHIAPETTA: Darci Zwirtes

SANTO AUGUSTO: Clóvis Macagnan

TENENTE PORTELA: Valdir Severgnini.

HOSPITAL SANTA TEREZINHA

Neste ano de 1978, o Hospital Santa Terezinha, de propriedade da COTRIJUI em Santo Augusto, passará por uma série de melhoramentos, além daqueles que a comunidade já conhece, como as salas cirúrgica e obstétrica e farmácia, esta inclusive com atendimento a terceiros. Com a ampliação do hospital, dos atuais 40 leitos se passará para 70 leitos. Outro setor a ser dinamizado é o berçário. Os recursos para as obras foram conseguidos junto à Caixa Econômica Federal, através do FAS — Fundo de Assistência Social.

O Hospital Santa Terezinha, que trabalha pela preservação da saúde da população santoaugustense, é administrado pela enfermeira Clair Leal, com larga folha de serviços prestados no setor. O quadro clínico do hospital é constituído pelos doutores Naldo Wiegert (diretor), Breno Pias e Paulo de Tasso Delfini. Com esta estrutura, o hospital é parte integrante da dinâmica assistencial oferecida pelo Plano Cooperativo de Saúde, com a particularidade de ser um próprio da COTRIJUI.

CORRISOL

SUPLEMENTO INFANTIL - JANEIRO - 1978
ELABORAÇÃO ISELDA SAUSEN - VIRO F. FRANTZ

ESCOLA
FRANCISCO DE
ASSIS - FIDENE

Qual é a cor do amor?

A maçã é vermelha

O sol é amarelo



O céu é azul.



A folha é verde

A nuvem é branca

e a nuvem é cinzenta



O mundo tem muitas coisas

O mundo tem muitas pessoas

O mundo tem muitas cores

e cada uma delas é diferente

No jardim as flores são de diferentes cores

Na floresta as aves são de diferentes cores

No campo, os animais são de diferentes cores

mas vivem felizes juntos

um ao lado do outro.

Em nosso mundo

as pessoas são de diferentes cores,

e, às vezes, vivem felizes juntas...

uma ao lado da outra.

As cores são importantes

porque dão beleza ao nosso mundo,

mas elas não são tão importantes

quanto o que sentimos...

ou pensamos...

ou fazemos.



As cores estão no "exterior" das coisas.

e os sentimentos no "intimo."
A cor é algo que vemos com

os olhos

mas o amor é algo que vemos
com o coração

A maçã é vermelha

O sol é amarelo,

O céu é azul,

a folha é verde,

a nuvem é branca...

e a terra é marrom.

E, se te perguntasse,

serias capaz de dizer...

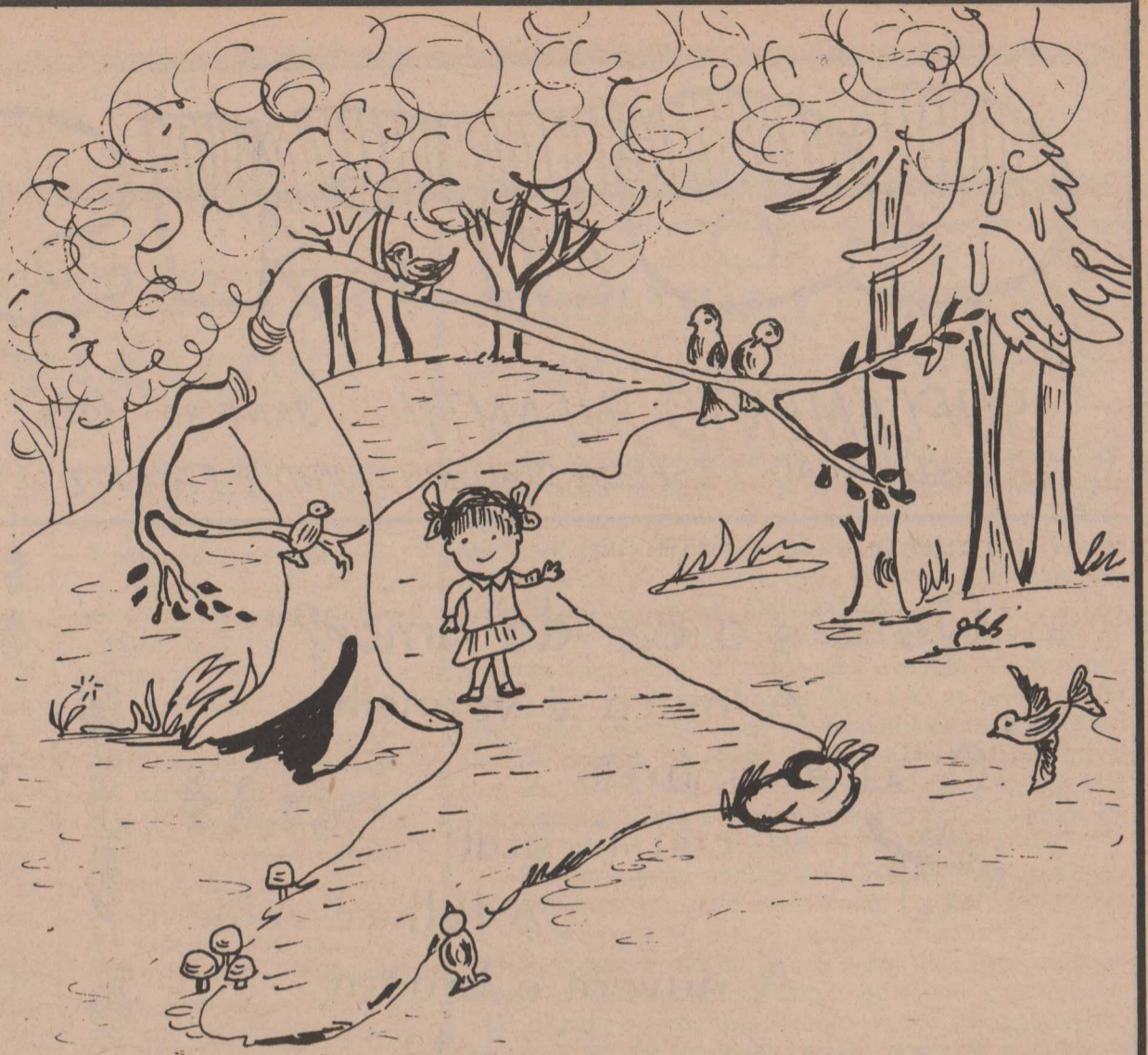
QUAL É A COR DO AMOR?



A MELHOR LIÇÃO DA VIDA

"Eu gosto tanto de brincar de infância que esqueço, as vezes, o apagar dos dias; como se a vida, a derramar distância, fosse um brinquedo, em minhas mãos vazias."

Maria Dinorah



Na porta do mundo, bateu um dia uma bela menina de olhos azuis.

— Pan, pan, pan!

A senhora Vida, com um olhar cheio de espanto, perguntou-lhe:

— Quer quer, linda garota?

— Quero viver.

— E que entende você por viver?

— Não entendo nada. Por isso peço-lhe que me ensine. Dizem que a senhora tem muita experiência.

— Muito bem garotinha, pois então vamos às primeiras lições. Entre.

A porta do mundo se abriu e a garotinha pisou nele pela primeira vez. Um chorro convulsivo encheu aquela grande sala, antecâmara do futuro.

E — CHORAR — foi a primeira coisa que a senhora Vida ensinou à bela menina de olhos azuis.

Depois . . . Ela achou a flor do mel, onde seus lábios vermelhos sugaram o

primeiro alimento. Era um líquido branco cheio de amor e a menina a quem até ali a senhora Vida só ensinara a chorar, ficava muito tranquila ao aconchegar-se àquela flor que brotava do coração da mãe.

Depois . . . Ela foi se deslumbrando diante do mundo.

As cores e os ruídos foram os seus primeiros amigos.

— Alô!

— Alô!

— Quem é você?

— O azul.

— Que é isso?

— A cor de seus olhos... e do céu.

— Isso é importante?

— Claro que é.

Ela olhava para o céu e pensava em como seus olhos poderiam ser feitos de tanta distância.

— E você, quem é?

— Eu sou o verde.

— Que é isso?

— A cor das árvores,

do mar.

— E você?

— Eu sou o vermelho.

Cor das rosas. Cor de seus lábios.

— Que é cor?

. . . As cores ficavam se olhando . . . Ora, como poderiam dizer? Cor era cor e pronto!

A Senhora Vida, então, conversou novamente com a menininha.

— Não pergunte tanto Não se pode ter resposta para todas as perguntas.

— Por quê?

— Porque senão fica difícil de dizer.

— Que é difícil?

— Puxa, você conversa demais! . . .

Depois . . . a menininha encontrou o gato, o titio, a vovó, e muitas crianças. Havia uma corrente de amor ao seu redor e ela era feliz.

Sentia o gosto das frutas e dos doces. Ouvia a música bonita — que o rá-

dio tocava. Sentia o cheirinho das flores e dos perfumes.

E a menina bebia infância com calor e ternura, enquanto desfilavam diante de seus olhos brincados, paisagens e promessas.

Um dia, grande alvoroço sacudiu as paredes do edifício do mundo. A menina viu as portas serem trancadas com grandes ferrolhos, enquanto máquinas trabalhavam a grande vapor.

— Por que fecharam as portas?

— Para o inimigo não entrar.

— Que fazem as máquinas?

— Armas para matar o inimigo.

— Que é matar?

— É deixar ele caído sem vida, com todas as portas fechadas para ele.

A menina aprendeu, neste dia, a primeira lição do ódio, da vingança e do desamor. E a tristeza tol-

dou o azul de seus olhos.

Durante muitos dias, não sentiu o perfume das flores, o gosto das frutas, a beleza das paisagens.

O gatinho, o titio e a vovó esqueceram-se dela.

A senhora Vida também parecia tê-la esquecido.

Havia um silêncio triste, entremeado de estampidos sem cor.

Sem COR!

Agora ela sabia o que era a cor: a cor era a alegria de viver!

Depois, aos poucos, tudo voltou ao que era.

Menos a menina de olhos azuis.

Porque ela cresceu e deixou de perguntar.

Tinha aprendido, então, a maior lição da senhora Vida:

QUE A INFÂNCIA É A COISA MAIS IMPORTANTE QUE A GENTE PODE TER. POR ISSO, É PRECISO NÃO PERDÉ-LA NUNCA.

ARTIGOS DE FÉ DO GAÚCHO

Muita gente anda no mundo sem saber prá quê: vivem, porque vêem os outros viverem. Alguns aprendem à sua custa, quase sempre já tarde para um proveito melhor.

Para não suceder assim a vancê, eu vou ensinar. Ihe o que os doutôres nunca hão de ensinar. Ihe por mais queimem pestanas deletreando nos seus livrões. Vancê note na sua li-vreta:

- 1º Não cries quaxo: mas cria perto do teu olhar o potrilho pro teu andar.

- 2º Doma tu mesmo o teu bagual: não enfrenes na lua nova, que fica babão; não arrendes na mingunte, que te sai Lerdo.

- 3º Não quasqueies sem precisão nem grites sem ocasião; e sempre que puderes passa. Ihe a mão.

- 4º A maior pressa é a que se faz devagar.
- 5º Fala ao teu cavalo como se fôsse a gente.

- 6º Se topares um andante com os arreios às costas, pergunta. Ihe _ onde ficou o baio?...

- 7º Mulher, arma e cavalo do andar, nada de emprestar.

- 8º Se correres eguada xucra, grita; mas com os homiens apresilha a língua.

- 9º Não te apolres, que domadores não faltom...

- 10º Na guerra não há êsse que nunca ouviu as esporas cantarem de grilo.

- 11º Teima, mas não apostes; recebe, e depois assenta; assenta, e depois paga...

- 12º Quando 'stiveres para embrabecer, conta três vêzes os botões da tua roupa...

- 13º Quando falares com homem, olha. Ihe para os olhos; quando falares com mulher, olha. Ihe para a bôca... e saberás como te haver...

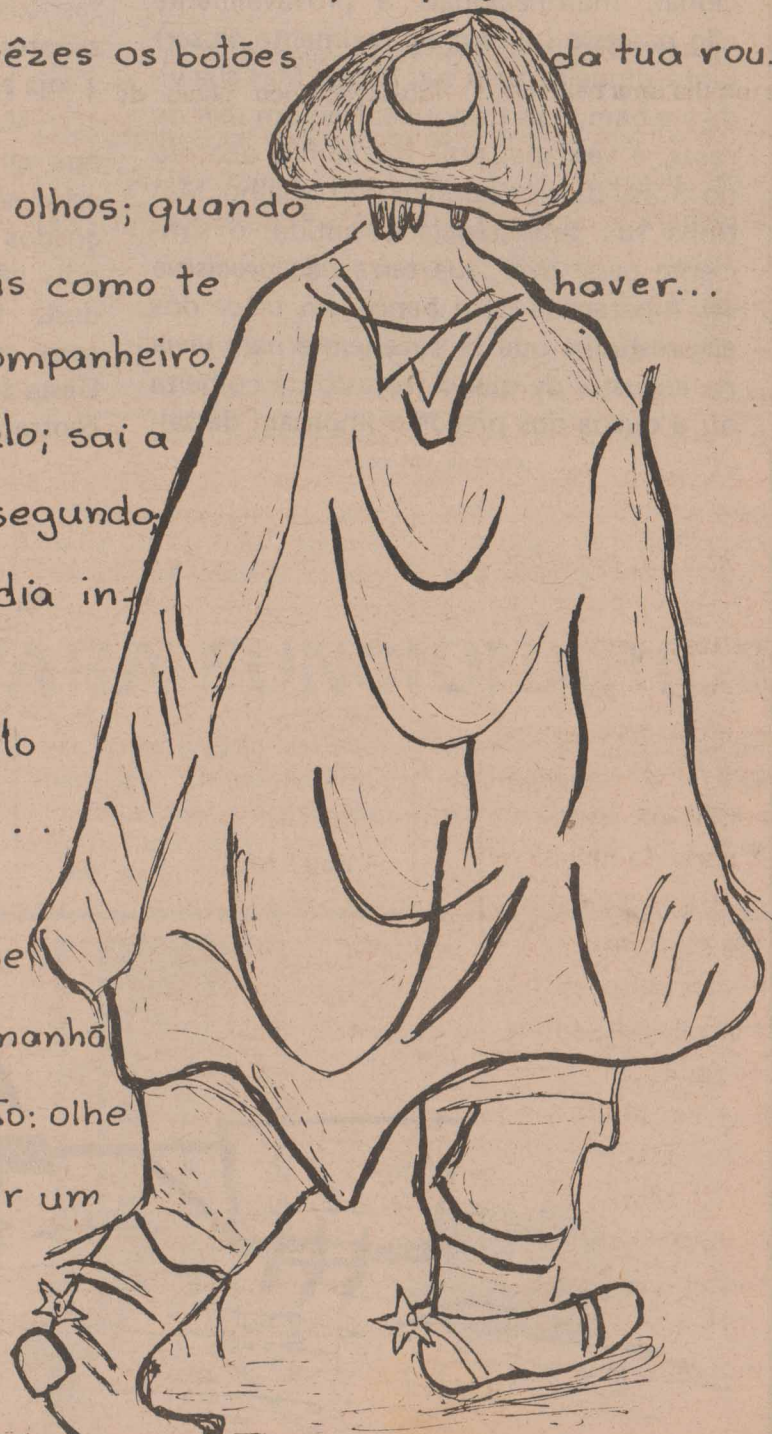
- 14º Mulher sardenta e cavalo passarinho... alerta companheiro.

- 15º Se tens viajada larga não faças pular o teu cavalo; sai a tranco até o primeiro suor secar; depois a trote até o segundo; dá-lhe um alce sem terceiro e terás cavalo para o dia inteiro.

- 16º Se queres engordar o teu cavalo, tira-lhe um pêto da testa tôdas vêzes da ração.....

Que foi?

Ah! quebrou-se a ponta do lápis? Amanhã vancê escreve o resto: olhe que dá para encher um par de tarcas!...



O GRÃO DA FORTUNA E DA MISÉRIA

A cerca de 10 anos passados a paisagem agrícola de nossa região apresentava-se de maneira muito diferente da atual. Ela não era uniforme como em nossos dias, quando o amarelo do trigo é sucedido pela soja verdejante e assim sucessivamente todos os anos. Trigo e soja são sinônimos de atividade agrícola em nossos dias. Mais soja do que o trigo, é verdade, pois o segundo aparece como o irmão problemático de uma família de apenas dois filhos, do qual não se pode esperar grandes coisas.

Antes os campos, além das matas mais abundantes, faziam brotar de seu interior uma série de produtos diferentes, os quais o colono próprio consumia e o que sobrava era vendido. Foi a época da mandioca, do milho, do feijão, de cana, sem falarmos da pecuária, onde o porco ocupava papel destacado.

Naquela época o colono não ouvia falar de Bolsa de Chicago, cotação internacional, multinacionais e provavelmente não **passasse** (o termo é realmente **passar**) tanto dinheiro pelo seu bolso. Mas sua vida era bem mais tranquila. Não um mar de rosas, é verdade, pois isso nunca ocorreu no Brasil para os homens do trabalho. Mas tinha sua **subsistência** garantida, o suficiente para viver, sua terra não precisava ser hipotecada num banco em troca dos empréstimos que se sucedem e nem vivia na angústia de que o fracasso da colheita ou a queda dos preços o impeçam de sal-

dar seus compromissos financeiros.

A bi-cultura (trigo - soja) trouxe consigo a mecanização da agricultura e os tratores, as ceifadeiras, colheitadeiras e outras máquinas até então estranhos para o agricultor passaram a avançar para o interior dos campos. O médio e o grande agricultor enquadraram-se perfeitamente nos novos tempos. Os bancos ofereciam fartos créditos em troca de boas garantias por eles oferecidas e as máquinas aumentavam impressionantemente a produtividade. Começa então uma fase de grande prosperidade para alguns: os granjeiros conseguem boas produções; as indústrias de implementos vendem em abundância; as multinacionais que vendem os inseticidas, pesticidas, fertilizantes, etc . . . mal conseguem atender os pedidos; as grandes empresas, também multinacionais, que monopolizam a comercialização nos mercados internacionais, alcançam lucros fantásticos; os bancos auferem juros compensadores e crescem como nunca. Para estes a soja era o grão da fortuna.

Mas ao lado destes havia os pequenos agricultores e os minifundiários. Para estes não havia como mecanizar seus minguados hectares, o crédito era inacessível pois não tinha garantias para oferecer e desta forma não era possível competir com seus vizinhos de muitos hectares. Desta forma inicia-se um processo de concentração da propriedade, isto-é, os pe-

quenos impossibilitados de sobreviverem numa época de mecanização da agricultura começam a vender suas terrinhas e empregarem-se como assalariados do granjeiro (muito poucos , é verdade, pois a máquina substitui o homem e poucos empregos vão restar) ou a irem para as cidades em busca de outras oportunidades de serviço.

São centenas e centenas de famílias que começam a fugirem para as cidades (êxodo rural) e a se localizarem nas malocas e favelas das mesmas, pois o homem viveu toda a vida no campo quase nada sabe das atividades urbanas tendo dificuldades de arrumar emprego. E mesmo que soubesse, a concentração também tinha ocorrido na industria e poucas pessoas restavam nas cidades de nossa região, não tendo condições de absorver a mão de obra vinda do campo. Assim nossas cidades começaram a "inchar", surgindo do dia para a noite novas vilas sem as mínimas condições de habitação, faltando água, luz, esgotos e demais serviços indispensáveis a uma vida condigna. A miséria destas populações trouxe consigo o aumento da criminalidade, da prostituição dos problemas de saúde, da infância abandonada. Para estes a soja foi o grão da miséria, da marginalidade e da falta de perspectivas.

(Eliezer Pacheco)

